



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA – UFPB
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES – CCHLA
PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

NOVAS MÍDIAS E EMPODERAMENTO NA ÁFRICA FRANCÓFONA:
O caso de uma plataforma de blogueiros – Mondoblog do Atelier des
Médias/RFI

SERGE KATEMBERA RHUKUZAGE

JOÃO PESSOA-PB

2016

SERGE KATEMBERA RHUKUZAGE

NOVAS MÍDIAS E EMPODERAMENTO NA ÁFRICA FRANCÓFONA:

O caso de uma plataforma de blogueiros – Mondoblog do Atelier des
Médias/RFI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociologia do
Centro das Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal
da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em
Sociologia. Linha de Pesquisa: Cultura e Sociabilidades

Orientadora: Prof^ª Dr.^a Teresa Cristina Furtado Matos

JOÃO PESSOA-PB

2016

R479n Rhukuzage, Serge Katembera.
Novas mídias e empoderamento na África francófona: o caso de uma plataforma de blogueiros - Mondoblog do Atelier des Médias/RFI / Serge Katembera Rhukuzage.- João Pessoa, 2016.
130f. : il.
Orientadora: Teresa Cristina Furtado Matos
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHL
1. Sociologia. 2. Culturas e sociabilidades. 3. Novas tecnologias. 4. Mondoblog. 5. Empoderamento. 6. Trajetórias. 7. Trabalho informacional.

UFPB/BC

CDU: 316(043)

A dissertação intitulada *Novas Mídias e empoderamento na África francófona: O caso de uma plataforma de blogueiros – Mondoblog do Atelier des Médias/RFI*, de autoria de Serge Katembera Rhukuzage, sob orientação da prof^a Dr.^a Teresa Cristina Furtado Matos, apresentada em sessão pública ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia, foi aprovada em _____, pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:



Prof.^a Teresa Cristina Furtado Matos – Universidade Federal da Paraíba



Prof.^a Teresa Correia da Nóbrega Queiroz – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior – Universidade Federal de Campina Grande

Epígrafe

“Blogueiros são como moscas na pele de um elefante”

Réndodjo Em-A Moundona- blogueira do Tchad.

Para Ethan Buta, meu primeiro sobrinho

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Dieudonné e Rosine, aos meus irmãos Landry Katembera, Francis Katembera e Florence Katembera e à minha querida Edith Estelle Blanche Owono pelo amor e a paciência que sempre tiveram comigo. Obrigado também a Marie Claire Kalegamire, minha segunda mãe.

Em especial à minha orientadora, a prof.^a Dr.^a Teresa Cristina Furtado Matos, pelo apoio e a orientação durante esses anos de pesquisas. Seus conselhos, sua motivação e seus incentivos são essenciais para o meu crescimento na academia. Agradeço ainda mais pela amizade.

Também penso nos professores que facilitaram minha integração no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, particularmente as professoras Mônica Franch e Simone Brito; os professores Roberto Veras, Rogério Medeiros, Adriano de Leão e Giovanni Boaes por suas ricas contribuições na realização deste trabalho.

Tenho um pensamento especial para os meus amigos sem os quais este trabalho não seria possível: Emilayne Souto, Hermana Oliveira, Ana Olívia, Henny Tavares, Dieu Ekoka, Tony Kamuha, Marinalda Perreira, Charlyne Lira Urtiga, Camillo César Alvarenga, Gabriel Maia, Inocêncio Soares, Clive Kifumbi, Regiane Deus Lima, Kabwe Kasindi, Diego Kazadi, Maria Kapepa e Billy, Patrick Masoka, Hérítier Kabamba, Macrina Alfama.

Agradeço a todos os blogueiros da plataforma Mondoblog pela amizade e paciência em responder às minhas perguntas em diversas ocasiões mesmo que isso tomasse seu tempo. Em especial aos blogueiros René Jackson, William Bahiya, De Rocher Chembessi, Ahlem B., Daye, Dieretou, Lucrèce, Boubacar Sangaré, Gaïus Kowene, Florian, Alimou e outros que não poderei citar.

Penso também em duas amigas e ex-blogueiras da plataforma, Mylène Colmar e Fatouma Harber, duas mulheres excepcionais que residem respectivamente na Guadalupe e em Tombuctu.

Aos funcionários do PPGS, Nancy e Simone pela prestação no atendimento e na resolução dos problemas.

Agradeço aos governos do Congo e do Brasil que me deram a oportunidade de crescer dentro do universo acadêmico brasileiro e à CAPES que me concedeu uma bolsa de estudo para a realização desta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho se dedica à análise das dinâmicas de uma plataforma de blogueiros, Mondoblog, criada pelo programa *Atelier des Médias* da emissora *Radio France Internationale*, focalizando-se essencialmente nas diversas dimensões das relações entre os blogueiros e os responsáveis da dita plataforma. Conceitos como autonomia (GILROY, 2001 e 2011), empoderamento (CALVÈS, 2009), visibilidade e construção de uma esfera pública digital na África francófona são examinados à luz da realidade dos blogueiros que entrevistamos presencialmente e mediante um questionário aplicado *online*. Uma discussão metodológica inicia o trabalho revelando as dificuldades que tivemos de abordar criticamente um tema que conhecemos de dentro (MAGNANI, 2002), sendo, paradoxalmente, necessário tomar uma distância em relação a esse campo de pesquisa; bem como capitalizar nesse conhecimento profundo do mesmo. O trabalho busca um equilíbrio entre o discurso otimista relativo às Novas Tecnologias e o discurso pessimistas mostrando com exemplos concretos que ambas as posições são justificáveis. É sobretudo, graças às falas dos próprios blogueiros, a forma como constroem sua autoimagem, que temos acesso ao impacto das Novas Tecnologias na vida dessas pessoas. Nos interessamos em suas trajetórias de vida, suas aspirações e frustrações atuando na plataforma. Discutimos seu impacto na sociedade através do tema do agendamento desenvolvido na área da comunicação por Maxwell McCombs (2009). Por fim, mostramos que com a emergência das Novas Tecnologias e sua expansão no continente africano, o mercado do jornalismo francês hoje em crise encontra no continente africano amplas oportunidades na sua capacidade de recrutar “correspondentes” – com status de blogueiros – a um custo reduzido. O mérito deste trabalho é mostrar que, num mundo globalizado, esses dois mercados estão integrados de tal modo que essa nova configuração sociológica necessita mais análises deste tipo.

PALAVRAS-CHAVES: Novas Tecnologias, Mondoblog, Empoderamento, Trajetórias, Trabalho informacional

RÉSUMÉ

Ce travail est consacré à l'analyse des dynamiques observées sur une plateforme de blogueurs, Mondoblog, créée par l'*Atelier des Médias*, une émission de la station de radio RFI, en se concentrant principalement sur les différentes dimensions des rapports entre ces blogueurs et les responsables de ladite plateforme. Des concepts tels que l'autonomie (GILROY, 2001 et 2011), l'*empowerment* (CALVÈS, 2009), la visibilité et la construction d'une sphère publique numérique en Afrique francophone sont examinés à la lumière des réalités vécues par les blogueurs que nous avons interviewés *in situ* et/ou au moyen d'un questionnaire appliqué en ligne. Une discussion méthodologique est faite au tout début de ce travail révélant les difficultés que nous avons à traiter de façon critique un sujet que nous connaissions de l'intérieur (MAGNANI, 2002). Il était donc nécessaire de prendre une certaine distance par rapport à ce champ de recherche; et, paradoxalement, de capitaliser sur la connaissance profonde de celui-ci. Le travail recherche un équilibre entre le discours optimiste sur les Nouvelles Technologies et le discours pessimiste montrant par des exemples concrets que les deux positions sont justifiables. C'est principalement grâce aux interventions des blogueurs eux-mêmes, la façon dont ils construisent une image de soi, que nous avons eu accès à l'impact de ces Nouvelles Technologies dans leurs vies. Nous nous sommes intéressés par l'histoire de leurs vies, par leurs aspirations et leurs frustrations dans leurs rapports à la plateforme. Nous avons discuté de leur impact sur la société nous référant essentiellement à la Théorie de l'agenda développée dans le domaine de la communication par Maxwell McCombs (2009). Enfin, nous montrons qu'avec l'émergence de Nouvelles Technologies et de leur expansion sur le continent africain, le marché du journalisme français, aujourd'hui en crise, trouve dans le continent africain de nombreuses opportunités dans sa capacité à recruter des "correspondants" – avec un statut de blogueur – à un coût réduit. Le mérite de ce travail est de montrer que dans le contexte de la mondialisation ces deux marchés sont intégrés de telle sorte que cette nouvelle configuration sociologique exige d'autres analyses plus approfondies de ce type.

MOTS-CLÉS: Nouvelles Technologies, Mondoblog, Empowerment, Trajectoires, Travail informationnel

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<i>A primeira formação Mondoblog na cidade de Dakar</i>	21
<i>Uma oficina durante a formação de Abidjã</i>	22
<i>Captura de tela do 18 de 08 de 2015, minha página em destaque no site da RFI Brasil</i>	32
<i>Captura de tela do 18 de 08 de 2015 mostra a página com a relação completa dos meus artigos publicados no site da RFI Brasil.</i>	32
<i>Audiência da RFI no mundo</i>	42
<i>Captura de tela do dia 18 de 08 de 2015, a reportagem sobre os haitianos na cidade de São Paulo no site da RFI Brasil.</i>	63
<i>Captura de tela do dia 18 de 08 de 2015, a mesma reportagem teve uma grande repercussão no meu blog em francês</i>	63
<i>Quadro comparativo com o preço e velocidade da internet</i>	71
<i>A primeira turma de blogueiros posa com os formadores</i>	82
<i>Blogs da plataforma Mondoblog aparecem na página principal da RFI</i>	86
<i>Captura de tela de um artigo da minha autoria que aparece na página principal da RFI como se eu fosse um jornalista contratado e remunerado pela rádio</i>	87
<i>Oficina de trabalho com um blogueiro</i>	97

LISTA DE TABELAS

<i>Quadra de amostra abordando a questão do tempo</i>	90
---	----

Sumário

Introdução	12
 Capítulo I: Relato sobre uma experiência metodológica	 20
<i>Coleta de dados qualitativos e contexto da pesquisa</i>	20
<i>Incorporando o Habitus do blogueiro</i>	26
<i>A netnografia com um método eminentemente experimental</i>	32
Capítulo II: Empoderamento, autoria e autonomia	36
<i>Empoderamento: uma noção não tão consensual</i>	36
<i>Autoria e autonomia: questões teóricas e históricas</i>	38
<i>Narrativas nacionais e literaturas pós-coloniais como fatores de autonomização</i>	42
<i>Foucault e o autor: uma leitura crítica</i>	49
Capítulo III: Mondoblog no novo cenário do web-jornalismo e a questão da visibilidade	55
<i>Rumo a uma esfera pública virtual na África</i>	58
<i>Propor outro agendamento</i>	67
<i>Como a internet modifica o cenário sócio-político no continente africano</i>	72
Capítulo IV: Internet e a crise da mídia na França	76
<i>O contexto midiático na France e as oportunidades na África?</i>	76
<i>Internet e a reconfiguração do mercado do jornalismo</i>	80
<i>Mídias participativas ou mídias exploradoras?</i>	82
Capítulo V: As dinâmicas de Mondoblog e trajetórias de vida dos blogueiros	88
<i>Trajетórias de vida dos blogueiros: entre tempo perdido e novos horizontes</i>	88
<i>Blog, competência e capital social</i>	94
<i>Construindo um “self” na rede</i>	99
<i>Novas mídias: quando ideias se tornam fatos</i>	104
<i>O trabalho não pago e sua justificação</i>	108
Conclusão	112
Anexos	116
Referências	124

INTRODUÇÃO

No final da primeira metade do século XX, Marshall McLuhan publicou um livro seminal intitulado *Os meios de comunicação como extensão do homem* no qual analisa as transformações causadas pelas mídias nas sociedades modernas. McLuhan é autor de considerações inovadoras para a teoria da comunicação, bem como das ciências sociais em geral. Ele estabeleceu a relação entre o veículo de informação e o seu conteúdo enquanto produtores de poder. Essa análise é feita de tal maneira que inaugura um tipo de “geopolítica” da informação em meio a qual o veículo se torna o elemento determinante das relações de forças entre diferentes produtores dos conteúdos. Ainda hoje, no início deste século XXI, as considerações de McLuhan mantêm seu sentido fundamental. A comunicação de massa reforçou esse sentimento, notadamente na época da Guerra Fria, onde o conflito militar configurou-se em sua versão informacional, em outras palavras, enquanto uma guerra de influência. A televisão, mais do que qualquer outra mídia, ratificou a asserção de McLuhan de que “*para efeitos práticos e operacionais, o meio é a mensagem*” (1974, p. 21). McLuhan entendeu que com as tecnologias da informação criava-se um *ambiente humano totalmente novo* (p. 10) que não apenas encurtava as distâncias físicas entre os continentes, como também transformava as relações humanas e a organização da sociedade em si. O que costumamos chamar de *Sociedade de informação* é o resultado de um processo de mudança iniciado com Gutenberg e a invenção da imprensa.

Porém, as consequências sociais, culturas, políticas e até mesmo de natureza biológica (inteligência artificial, transhumanismo, etc.) demandam uma análise de outro tipo que incorpore novas relações de poder. Ao afirmar que “*o meio é a mensagem*”, McLuhan dá o primeiro passo para este tipo de análise: “[...] *O globo já não é mais do que uma vila. A velocidade elétrica, aglutinando todas as funções sociais e políticas numa súbita implosão, elevou a consciência humana de responsabilidade a um grau dos mais intensos*” (MCLUHAN, idem, p. 19).

Além de revelar que para o homem moderno; a informação adquire um novo status que lhe confere uma importância fisionômica, para usar uma metáfora própria à biologia; ela também demonstra que em meio século a expansão das tecnologias da informação foi gigantesca, a ponto de, no início do século XXI, a diferença de acesso à informação entre países ricos e países subdesenvolvidos ser consideravelmente reduzida.

Com a internet entramos numa nova era na qual a distância entre diferentes lugares do mundo é reduzida ainda mais. Embora em sua obra “*Sociedade em rede*” (primeiro volume)

Manuel Castells mantenha a ideia de que a fratura digital é considerável entre o continente africano e o mundo ocidental, os últimos vinte anos mudaram o panorama global do acesso à informação. Como mostrarei no capítulo IV, a própria crise econômica constitui uma oportunidade para os países do Sul, agora donos de um mercado de consumidores consequente. A difusão mundial da internet trouxe à tona o debate sobre novas sociabilidades e um novo paradigma de organização da sociedade conhecida como a “lógica de rede”, ou seja, uma maneira pela qual os indivíduos, as organizações e a sociedade se relacionam com base em uma cadeia “não hierárquica” de interconexões e onde os processos de comunicação têm lugar central.

De fato, esta nova sociabilidade redefiniu o modo pelo qual as pessoas se referem a si mesma, bem como a forma como elas se identificam e se posicionam em relação ao poder. Porém, a distribuição da internet no mundo não é igualitária e revela novas formas de desigualdades, como a exclusão digital. Esta última realidade demanda políticas públicas que equilibrem as relações de poder através da redução dessas novas formas de desigualdades. Com a (r)evolução da internet, a opinião pública encontrou uma forma de se diversificar. A informação passou a ser uma mercadoria mais difusa e independente de apenas alguns grupos de monopólio. Isto foi possível essencialmente graças à invenção de certas plataformas digitais como *Blogspot*, *Wordpress*, *Over-blog* e outras redes de microblogging tais como *Twitter* e *Weibo* (no caso da China), criando, por assim dizer, uma nova esfera pública no mundo digital, onde qualquer um pode produzir um conteúdo, discuti-lo e divulgá-lo. É o surgimento de um tipo de empoderamento simbólico trazido pela internet e cujas consequências no mundo real devem ser analisadas. São essas novas formas de produção e de difusão da informação que interessam este trabalho.

Num livro recente, André Lemos e Pierre Lévy postulam que a internet está sujeita a transformações que inauguram uma ciberdemocracia, assim como a governança mundial, a transparência e a valorização da diversidade cultural (LEMOS, 2010, p. 33). Para eles, a internet suscita a emergência de uma sociedade civil planetária. A África é um dos continentes mais afetados pela globalização, no entanto, ele se posiciona nesse processo de fluxos rápidos como um excluído, um subalterno, especialmente na produção da informação. Recentemente, diversas iniciativas se preocuparam em criar um ambiente da internet democrática no continente africano notadamente pela introdução em massa de Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação – TICs, o que possibilitou um movimento de politização da sociedade civil cada vez mais presente nas redes sociais. Entre elas, a iniciativa do Banco Mundial entre 1995 e 2005 que financiou vários projetos de universidades virtuais; em 2001 a criação do primeiro cabo

sub-marítimo para conectar o continente à internet. Mas é essencialmente a partir de 2005 que há uma verdadeira política da internet a nível continental. Explicado o contexto do qual emergem essas novas sociabilidades em redes, fica mais fácil entender a aventura que constitui o cerne deste trabalho.

Em 2012, eu me encontrava de férias na Cidade de Campina Grande, no Estado da Paraíba, quando recebi uma notificação do meu antigo blog (hoje já inacessível na internet) remetendo à um concurso organizado pelo programa *Atelier des médias* da *Radio France Internationale* (RFI), que é a emissora de uso estatal pertencente ao grupo *France Médias Monde*, do qual faz parte igualmente a televisão internacional *France 24* e a emissora de rádio francesa em língua árabe, *Monte Carlo Doualiya*. Criada em 1974, RFI é a consequência lógica de uma série de aventuras radiofônicas da França na época colonial e pós-colonial. É na esteira da rádio “*La Voix de la France*”, outra emissora com vocação internacional, que RFI se inscreve, embora as duas organizações tenham origens diferentes e independentes uma da outra (CLUZEL, 2012, p. 5). Uma das funções da RFI, na mesma medida que seu pendente televisivo TV5, é contribuir para o *softpower* da França, ou seja, sua atratividade cultural.

Fazia já quatro anos que eu havia deixado o Congo para estudar no Brasil e na época em que deixei meu país, a internet não era um fenômeno de sociedade como atualmente, e tampouco eu me interessava demasiadamente pelo programa *Atelier des médias*, que me parecia um pouco esotérico pelos assuntos tratados: tendência do jornalismo digital, economia da imprensa na era da globalização e da internet e a segurança *online*. Contudo, em 2011, eu havia decidido abrir um blog na plataforma Blogger. Inicialmente, não poderia me considerar um blogueiro profissional; ser blogueiro era mais uma distração do que uma ocupação importante do meu dia-a-dia.

Nesse ano de 2011 decidi me tornar assinante no *feed RSS* do site *Atelier de médias*, o que permitia receber notificações sobre qualquer atualização da página do site citado. Portanto, um ano depois, recebia uma notificação anunciando um concurso para ingressar na plataforma de blogueiros da RFI. O concurso era bastante simples para alguém que já vinha atuando como blogueiro. Ele consistia em produzir um conteúdo numérico¹, ou seja, um texto, um vídeo, uma fotografia ou uma caricatura, e enviá-lo para avaliação dos responsáveis do programa em Paris

¹ A expressão *Sphère publique du numérique* é a expressão mais usual na língua francesa para designar a esfera pública digital ou esfera pública virtual. Portanto, sua utilização não deve surpreender o leitor. Ademais, o adjetivo “numérico” se refere à linguagem informática que é essencialmente binária. Ver também a explicação da noção do numérico ou “digital”, do inglês *digit = chiffre* em Delaunay (2008, p. 279). A noção se refere à linguagem binário usada em informática, 0 ou 1 sendo os sinais de comando informático. A partir daqui usarei o termo *digital* que de fato é mais usual no Brasil.

através de um formulário preenchido *online*.

O concurso detalhava as linhas gerais do projeto, isto é, enfatizar a produção de conteúdos digitais em língua francesa afim de aumentar a “presença” dessa língua na internet. O que se justificava, evidentemente, pela preocupação de não ficar muito atrás de línguas como o inglês, o mandarim ou o espanhol no que tange à utilização dos usuários da internet. Uma vez aprovado no concurso do Mondoblog, o candidato recebia um link que o direcionava no site da plataforma e explicava como ativar seu novo blog. Cada um teria a possibilidade de escolher um nome para seu próprio blog e de determinar qual tipo de conteúdo ele pretendia oferecer.

Depois de ativar o seu blog, o candidato estava livre para publicar um conteúdo de sua escolha nos limites da legislação francesa. Durante esse período inicial, os blogueiros se beneficiam de uma formação personalizada sobre estilo, técnica e linha editorial do blog, conforme a personalidade que cada um apresentava nas primeiras publicações. Depois de seis meses de formação *à distance*, os melhores blogueiros ganhariam o direito de participar de uma formação² num país do continente africano sobre as técnicas do jornalismo digital. É importante lembrar que com as candidaturas cada vez mais numerosas, a plataforma decidiu criar um sistema de apadrinhamento no qual os mais antigos (voluntários) ajudam a formar dois ou três novos blogueiros e a se aperfeiçoarem nas técnicas. Tive a oportunidade de participar em duas formações de Mondoblog em 2013 e 2014, respectivamente em Dakar e Abidjã. Desde 2013 publiquei mais de duzentos artigos no meu próprio blog, colaborei de maneira pontual com o site de notícia *O Globo*, fornecendo um artigo de opinião e também, de maneira regular com o site da *RFI Brasil*. De modo geral, esta tem sido também a trajetória de outros blogueiros da plataforma. Tanto o projeto Mondoblog quanto outras iniciativas no âmbito da difusão da internet e de práticas e usos relacionados que contribuíram para reforçar os processos de democratização em diferentes países africanos.

A Primavera Árabe revelou, mais do que qualquer outro fenômeno político recente, o potencial das novas mídias e das redes sociais em desestabilizar, a partir de ações organizadas, regimes autoritários na África. Em grande medida o papel da juventude foi decisivo, sendo igualmente a consequência de um novo paradigma de relações sociais organizadas em redes. A

² Os tutoriais disponíveis no site de Mondoblog constituem a primeira fase da formação dos blogueiros que se beneficiam também de um acompanhamento personalizado com as necessidades de cada. Considerando o fato que a plataforma Mondoblog apresenta características similares ao Wordpress, é necessário que cada blogueiro se acostume com o tema que escolhe. O papel dos formadores é facilitar esse processo que vai da criação do blog à publicação da primeira matéria. Depois dessa primeira fase, o blogueiro recebe conselhos sobre seu estilo, a layout que escolhe de maneira que ele possa adequar ao conteúdo de cada blog. O segredo do blogging sendo “criar sua própria personalidade”, pois, é justamente este aspecto que fideliza o leitor. Se um blog é humorístico não faz sentido que o tema escolhido seja de cor cinza, por exemplo. Uma cor mais chamativa, mais alegre é recomendada.

lógica da rede é certamente a grande mudança social ocorrida no mundo globalizado em mais de cinquenta anos, tendo atingido todas as esferas da vida das pessoas bem como sua maneira de se organizar politicamente. Certamente o continente africano não escapou a essas mudanças estruturais.

Neste sentido, pretendo colocar em evidência as transformações trazidas pela larga difusão da internet na vida social das populações jovens da África francófona, especificamente sobre a vida dos blogueiros. A presença de uma plataforma como Mondoblog converge nessa mesma direção. O projeto levado a cabo pela RFI tem por objetivo desenvolver um conteúdo digital de qualidade em língua francesa, o qual seria capaz de dar mais autonomia à população africana na produção de seus próprios conteúdos informacionais e políticos.

É importante esclarecer que a RFI não define uma linha editorial para os blogueiros, esses últimos têm a total liberdade na escolha de seus temas de redação de artigos, produção de sons, de imagens ou de vídeos. A única exigência da RFI é o respeito das normas estabelecidas numa “carta-diretriz” que retoma as leis em vigor na esfera digital francesa, pois afinal a plataforma é hospedada na França. Essa “carta” orienta os blogueiros a não publicar conteúdos homofóbicos, racistas, xenofóbicos ou machistas. Vale salientar que a *Web-émission* participativa da *Radio France Internacional* (RFI), *Atelier des médias*, lançou esta iniciativa no continente africano com o objetivo de desenvolver uma esfera digital na África francófona através da capacitação de jovens internautas ao uso das tecnologias da internet.

Uma contextualização é necessária antes de avançarmos um pouco mais neste trabalho. Criado por Philippe Couve, o projeto Mondoblog começou de maneira casual durante uma formação de jornalismo organizada na África central. Diante da demanda geral, Philippe Couve percebeu a vontade dos participantes em aprender mais sobre plataforma da internet como *Wordpress* ou *blogger*. Organizou-se de imediato um atelier informal sobre as técnicas de utilização da plataforma de blogs. Daí em diante o projeto se fortaleceu até reunir mais de seiscentos blogueiros no mundo inteiro.

No contexto da África francófona, RFI tem um papel fundamental na produção e difusão da notícia, sendo a rádio internacional de maior audiência no continente. A posição da RFI não deixa de gerar certos problemas com os dirigentes africanos em razão da sua forte influência. Governos como o da República Democrática do Congo já chegaram a fechar os sinais da RFI acusando-a de tentar desestabilizar o regime; jornalistas e correspondentes da rádio já foram proibidos de permanecer no Congo em diversas ocasiões. No ano de 2013, para citar outro exemplo muito mais dramático, dois jornalistas da RFI, Ghislaine Dupont e Claude Verlon foram sequestrados no Mali e depois assassinados pelos rebeldes Touaregs que ocupavam a

cidade de Tombuctu.

Como qualquer outro canal de rádio ou de televisão pública francesa, RFI recebe financiamento do Estado, de maneira que a rádio assume um papel de difusão da cultura francesa no estrangeiro. De fato, RFI é mais conhecida e ouvida no exterior do que no próprio território francês. O grande público ouvinte da RFI se encontra principalmente nos países da África francófona embora seja possível captar as ondas da rádio em países de língua inglesa. O importante é destacar o capital que essa rádio oferece a seus jornalistas bem como – no caso dos blogueiros – aos outros colaboradores.

RFI é a rádio de maior audiência em todo o continente africano (superando até a BBC) embora pertença ao Estado francês, tendo saído da tutela do Ministério das Relações Exteriores em 2009 e passado para a supervisão do Ministério da Cultura e Comunicação do Estado francês³.

O objetivo político do grupo transparece na fala da atual diretora geral de France Médias Monde, Marie-Christine Saragosse: “*O projeto editorial de RFI se inscreve num plano estratégico que visa confortar sua presença mundial, em todos os suportes midiáticos, bem como pelos médios de escuta tradicionais da rádio (FM, ondas curtas, médias, Satélite, cabo⁴), nas mídias sociais (site internet, aplicativos...) (...)*” (SMATI & RICAUD, 2015). Portanto, RFI se inscreve na categoria das rádios 2.0 de acordo com Smati e Ricaud, tendo na participação do público e na interação com os jornalistas o seu ponto forte. Essa participação ocorre entre outro mediante as centenas de blogs que colaboram com a emissora. Como consequência disso, vemos a emergência nos últimos anos de uma blogosfera francófona no nível continental.

Embora os temas tratados pelos blogueiros sejam diversificados, emerge uma preponderância dos assuntos ligados à conjuntura sócio-política dos países onde os blogueiros se encontram. A criação, por exemplo, de uma blogosfera política autônoma e qualificada apresenta uma relevância histórica na formação e no desenvolvimento da cultura democrática da África francófona. O projeto tem hoje mais de seiscentos blogueiros repartidos em vários países do mundo (inclusive no Brasil). Em algumas ocasiões os blogueiros desenvolvem trabalhos coletivos demonstrando claramente a ideia de trabalho em rede.

Num continente como o africano, historicamente confrontado a regimes autoritários, o desenvolvimento desse espaço de expressão livre constitui uma r(e)volução, criando uma nova elite intelectual, líderes de opinião reconhecidos e legítimos para falar e escrever sobre seus

³ Informações acerca da audiência da rádio RFI bem como seu estatuto jurídico podem ser encontradas no seguinte site: <http://www.inaglobal.fr/en/radio/article/rfis-new-priorities>. Ver também Cluzel, 2012, p. 9.

⁴ No Brasil, é possível captar RFI pela assinatura da SKY.

respectivos países.

Este trabalho se propõe a repertoriar alguns desses blogueiros (respeitando o anonimato de alguns que vivem em países problemáticos no que diz respeito à liberdade de expressão), revelar dados quantitativos sobre os conteúdos publicados na plataforma, mostrar brevemente o perfil de alguns blogueiros e blogueiras (pois um dos objetivos da plataforma é favorecer a presença das mulheres na internet) que em sua maioria são muitos jovens. O estudo adotou uma abordagem sociológica que dá ênfase ao perfil dos blogueiros da plataforma, suas aspirações, motivações e frustrações.

O trabalho parte da seguinte hipótese: *Mondoblog contribui para a construção de uma esfera pública digital no continente africano, sendo ela também uma forma de fortalecer os processos democráticos no continente. Contudo, a emergência de tal esfera não exclui relações de dominação e exploração, especialmente nas relações de trabalho não-remunerado, de tal forma que os fenômenos de empoderamento geridos pelo uso em massa das tecnologias da internet precisam ser analisados tendo em conta o contexto global do jornalismo digital.*

O primeiro capítulo deste trabalho faz uma apresentação da metodologia utilizada ao longo do trabalho, onde abordo, por exemplo, a experiência da netnografia enquanto método experimental. Também me dedico a explicar as implicações metodológicas de estudar um tema tão próximo às atividades cotidianas do pesquisador. Com isso, deixo-me guiar pelas análises do antropólogo Guilherme Cantor Magnani, que consistem essencialmente na imersão nos fenômenos urbanos. Neste momento do trabalho, ainda me valho do conceito de hábitos para mostrar que a proximidade com meu tema de pesquisa se torna uma oportunidade metodológica e epistemológica frente ao meu campo.

No segundo capítulo, trago o debate teórico referente aos conceitos de empoderamento, autoria e autonomia e mostro de que maneira eles ajudam a esclarecer meu campo de análise. A terceira parte do trabalho levanta a questão da peculiaridade de uma esfera pública digital na África a partir do estudo do meu objeto de pesquisa Mondoblog. Discuto igualmente a problemática do agendamento da mídia e as possibilidades que os meios digitais trazem em termos de reconfiguração dessas relações de poder.

Uma discussão crítica sobre a atividade do blogging na África francófona, enfatizando a relação entre a emergência dessas plataformas de blogging e o setor do jornalismo na França é tema do quarto capítulo. Analiso o contexto atual da crise do jornalismo na França para tentar explicar porque ela facilitou o desenvolvimento de um projeto como Mondoblog que acabou sendo uma oportunidade tanto para os blogueiros quanto para RFI. Porém, levo em conta a dimensão perversa desse duplo interesse. Considerei como plausível o fato de Mondoblog ser

apenas uma estratégia de mercado de uma empresa que visa lucrar e capitalizar em termos de sua imagem no âmbito da economia digital. Portanto, dediquei o capítulo V às questões trabalhistas, ou seja, abordei na perspectiva da sociologia do Trabalho, as condições de produção do conhecimento e da notícia pelos blogueiros da plataforma Mondoblog, tanto quanto os processos de construção das suas identidades na plataforma. Construí uma argumentação acerca do trabalho não pago como forma de exploração no contexto globalizado do jornalismo digital, com jornadas de trabalho indefinidas, substituição dos correspondentes de imprensa pelos blogueiros, etc.

CAPÍTULO I

RELATO SOBRE UMA EXPERIÊNCIA METODOLÓGICA

Coleta de dados qualitativos e contexto da pesquisa

No primeiro ano da realização desta pesquisa fui convidado pelos responsáveis do projeto Mondoblog da RFI a participar pela segunda vez seguida de uma semana de formação voltada às técnicas de jornalismo na internet, onde temas diversos como segurança do jornalismo, edição, verificação da informação (que consiste em verificar a autenticidade de fotos e vídeos divulgados na internet), seriam tratados. Durante o período, organizei minha agenda pessoal de acordo com a formação, de modo que nas horas livres, geralmente durante a noite, encontrava alguns blogueiros que eu tinha escolhido com antecedência afim de realizar entrevistas.

Foram escolhidos dez blogueiros, entre os cinquenta presentes na formação. O objetivo visado não era ter um número muito grande de entrevistados, na medida em que minha própria experiência de blogueiro permitia uma compreensão relativamente clara dos processos envolvidos na produção de conteúdo midiático. O foco era realizar entrevista abertas que pudessem trazer dados qualitativos relevantes para a minha pesquisa, demonstrando as novas dinâmicas do jornalismo digital numa “configuração Norte-Sul”, como veremos mais adiante no trabalho. Essas entrevistas foram realizadas em maio de 2014 na cidade de Abidjã, capital da Costa de Marfim. Posteriormente, realizei outras entrevistas com os mesmos blogueiros via redes sociais, em especial, Skype e Google Formulário com trinta blogueiros, que são aplicativos que permitem realizar esse tipo de pesquisa que envolvem presença física e acompanhamento virtual de longo prazo.

Nessas entrevistas abordei alguns temas que venho tratando ao longo deste trabalho como o tempo de atividade dos blogueiros, o recrutamento pela RFI, o trabalho em si, mesmo que não remunerado, o reconhecimento que acompanha tal atividade de produção de conteúdos informacionais na internet, tempo gasto por cada um na escrita de seus artigos, projetos de longo prazo dos blogueiros, situação econômica antes e depois da colaboração com a RFI, etc. A diversidade dos temas abordados me permite reforçar minha tese relativa à integração progressiva de mercado do jornalismo entre alguns países da Europa e os blogueiros africanos, bem como a legitimação da exploração dos blogueiros na produção dos conteúdos informacionais *online* mediante novos mecanismos de alienação no trabalho revelados, entre

outros, por autores como Luc Boltanski e Eve Chiapello no início dos anos 1990, especialmente com a emergência e expansão do discurso empresarial sobre empreendedorismo.

A utilização do meio virtual na aplicação das entrevistas é não somente uma necessidade objetiva de trabalho em razão da distância com meu campo de pesquisa, mas ela é também uma escolha metodológica de me apropriar dos meios disponibilizados pelas novas tecnologias num trabalho que justamente se atrela a esses meios. Primeiramente realizei entrevistas no mês de maio na cidade de Abidjã como já mencionei neste trabalho⁵. Essas entrevistas e outras pesquisas bibliográficas me levaram a certas considerações teóricas relatadas nos capítulos III, IV e V, sobretudo, a questão da participação dos internautas e suas condições ambíguas que se define entre a de leitores e contribuidores não-remunerados; e em outra instância, a opacidade das questões trabalhistas.



Formation intensive en 2011

A primeira formação Mondoblog na cidade de Dakar (Fonte: Mondoblog.org)

Acessar aqui: <http://mondoblog.org/a-propos/>

⁵ Boa parte dessas entrevistas foram transcritas no artigo *Informação terceirizada: identidade e trabalho não pago na era do jornalismo digital* publicada na revista portuguesa Comunicação e Sociedade em 2015 (Cfr. Matos & Katembera: 2015).



Les blogueurs lors de la formation à Abidjan en 2014

Uma oficina durante a formação de Abidjã (Fonte: Mondoblog.org)

Acessar aqui: <http://mondoblog.org/a-propos/>

As entrevistas duravam entre dez a quinze minutos e contavam com a presença de um ou dois blogueiros. Às vezes, até os blogueiros que não entravam na minha amostram faziam questão de assistir o andamento das entrevistas, sem interferir. Geralmente, aproveita o tempo livre depois da formação e do dia do trabalho. Normalmente, isso correspondia ao lapso de tempo entre a volta ao hotel onde estávamos hospedados e a hora do jantar. Era necessário não perder esse horário pois durante o dia nenhum blogueiro dispunha de tempo. Passávamos os dias nas oficinas ou andando em duplas na cidade de Abidjã em busca de temas de redação para a plataforma. Na volta ao hotel, portanto, meu papel era de lembrar aos blogueiros com os quais eu tinha agendado uma entrevista de não se retirarem para seus respectivos quartos antes de conversarmos. O ideal teria sido realizar mais entrevistas do que as dez que fiz, porém nesse tipo de evento, a agenda é bem organizada de modo que sobram apenas uma ou duas horas entre cada atividade.

Alguns blogueiros respondiam às minhas perguntas e queriam voltar uma segunda vez para esclarecer uma ideia. Muitos ficaram curiosos sobre o tipo de pesquisa que eu fazia, embora eu evitasse abordar o tema para não centralizar o debate. Minha preocupação era fazer as entrevistas sem que os responsáveis da plataforma percebessem que eu estava perturbando o andamento da formação. Porém, todos sabiam que eu fazia uma pesquisa envolvendo a plataforma.

Mais tarde, com a pesquisa bastante avançada, realizei outras entrevistas com alguns dos blogueiros entrevistados já em 2014 com o intuito de observar as mudanças que talvez

tivessem ocorridas nesse espaço de tempo. Na medida em que a maioria dos meus entrevistados são residentes no continente africano, procurei uma maneira eficaz de entrar em contato com eles afim de obter respostas às outras interrogações da pesquisa. Para isso, a confiança estabelecida entre nós favorecia a aplicação de um questionário sem a preocupação que eles não pudessem responder o que me escondessem alguns fatos. Devo ainda informar que para alguns blogueiros que residem em países como o Mali onde a qualidade da internet é precária, a exibição de um formulário Google⁶ na tela de um computador podia demorar dezenas de minutos. O que acabou impossibilitando a realização de entrevistas por aplicativos como Skype. Para o questionário Google, apliquei as seguintes perguntas tendo o objetivo de obter dados qualitativos, daí a importância de perguntas abertas:

1. *Há quanto tempo está escrevendo num blog (não necessariamente da plataforma Mondoblog)?*
2. *Quanto tempo leva para publicar um artigo no blog?*
3. *A formação de Mondoblog lhe acrescentou algo? Se a resposta for positiva, fala o que.*
4. *Quanto tempo passa por dia na internet?*
5. *Continua a escrever no blog? Com qual frequência?*
6. *Você tinha um emprego antes de chegar a Mondoblog?*
7. *Possui um emprego remunerado hoje? Se a resposta for positiva, esse emprego exige competências relacionadas às ferramentas da internet ou das redes sociais?*
8. *A formação Mondoblog lhe é de alguma utilidade na sua função atual?*
9. *Se você continua sendo um blogueiro da plataforma Mondoblog da RFI, pensa em continuar com essas atividades de produção de conteúdos informacionais por muitos anos ainda?*

Como pode ser observado, algumas perguntas são acompanhadas por uma segunda complementar que visa obter esclarecimentos ou revelar projetos de longo prazo dos blogueiros. A importância de perguntar tanto sobre o tempo que os blogueiros passam na internet por dia, como a pergunta acerca do tempo que levam para publicar um artigo reside no fato que ele permite mostrar que eles estão completamente imersos e envolvidos nessas atividades, de tal maneira que considerar a atividade nos blogs como um mero lazer seria um engano e um equívoco na análise.

Para analisar os dados qualitativos disponíveis, dividi as respostas dos blogueiros

⁶ Ver anexos 2, 3, 4 e 5.

em três grupos de respostas em relação ao tipo de pergunta correspondente. Desta maneira, os grupos ficaram dispostos da seguinte forma:

- a) Grupo A: perguntas relacionadas à trajetória dos blogueiros, ao tempo que passam na internet (isso envolvem questões gerais sobre o tempo disponíveis tanto no mundo do trabalho e na repartição do lazer, ou seja, como as pessoas ocupam seu tempo). Este ponto reúne as perguntas 1, 2, 4 e 6.
- b) Grupo B: este grupo reúne as perguntas 3, 7a e 8 e envolve as perguntas relacionadas às competências novas que os blogueiros adquiriram graças à formação Mondoblog, sua utilidade em suas atividades nos seus empregos atuais e o reconhecimento que o blogging trouxe para eles.
- c) Grupo C: Neste grupo, fiz pergunta que permitiram ter uma noção dos planos a curto, meio e longo prazo dos blogueiros; com o objetivo de saber se eles ainda eram blogueiros na plataforma Mondoblog, quanto tempo eles pensavam permanecer nela. São essencialmente as perguntas 5, 7b e 9.

O processo de pesquisa implicou manter uma relação pessoal com os blogueiros de maneira a instaurar uma relação de confiança com eles. Com isto, o contado para a realização das entrevistas encontra-se facilitado. No caso específico da plataforma Mondoblog do qual sou um dos blogueiros mais antigos e mais produtivos tendo publicado mais de 260 artigos, o contato é mais cômodo. Porém, os laços de confiança precisam ser alimentados. Isso envolve estar sempre disponível para os blogueiros mais jovens (novatos na atividade) quando solicitam uma ajuda técnica ou editoria referente a seus blogs respectivos. Dar conselhos, esclarecer as dúvidas sobre a convivência dos blogueiros na rede e outros artifícios fazem parte do arsenal de medidas que eu utilizei para preservar a relação de confiança com os blogueiros. Este trabalho que não é visível é tão difícil e extenuante quanto a pesquisa em si, isto é, na sua dimensão mais acadêmica. Trata-se de um trabalho preparatório sem o qual a pesquisa sofreria muitos danos. Ele se assemelha à função de um informante numa configuração etnográfica.

As entrevistas duraram em média dez minutos. Apliquei perguntas abertas conforme se ensina nas escolas de jornalismo ou de sociologia: são perguntas que permitem ao entrevistado desenvolver sua argumentação livremente. *“De que maneira sua vida mudou desde que está na plataforma?”*, *“Você gostaria de ser pago por suas atividades de blogueiro ou espera outro tipo de remuneração?”*, *“Trabalhar para a RFI sendo blogueiro no seu país é complicado? Como explicar isso aos seus leitores⁷?”*, *“Já sofreu censura durante este período de blogging?”*

⁷ Como mencionei antes, os leitores perguntam em várias oportunidades a relação que une os blogueiros a RFI; eles querem saber se são remunerados.

”, etc. São perguntas deste tipo que permitem ao entrevistado responder espontaneamente. Eles se sentiram tanto mais à vontade para responder quando garantido seu anonimato. Durante as entrevistas, um blogueiro revelou sua frustração com a plataforma e fez considerações interessantes acerca das relações coloniais que envolvem a rádio RFI e a África. Suas respostas demonstravam um longo tempo de reflexão acerca da sua própria condição, portanto, ele revelou a reflexividade que caracteriza certos blogueiros. Contudo, ele acabou sendo uma exceção⁸.

Os novos processos de exploração, os conflitos envolvendo os membros de redes, as dificuldades de manter uma atuação coletiva de longo prazo, os mecanismos de expansão da globalização no tocante à produção da informação onde países europeus buscam seus produtores essencialmente na África francófona, constituem temáticas centrais desta pesquisa.

Em geral, os blogueiros da plataforma são jovens de dezoito a trinta e cinco anos com algumas exceções. Os blogueiros africanos entrevistados em sua maioria não possuíam um emprego fixo quando realizamos as entrevistas. Porém, a situações econômicas de muitos deles evoluiu consideravelmente nesses dois anos. Vale a ressalva que entrevistei cinco homens e cinco mulheres a partir de um critério de representatividade. Uma das blogueiras entrevistadas na época estava cursando seu último ano de jornalismo na França e conseguiu logo depois um emprego numa agência de notícia mundialmente conhecida. Outros dois blogueiros trabalham agora fora de seus respectivos países.

Ao longo do trabalho, a trajetória profissional dos blogueiros aparecerá como um fator importante de seu empoderamento. Desde o princípio da pesquisa, defini que a observação dessas trajetórias de vida seria um indicador objetivo de como a atividade de blogueiros tem implicações concretas na vida das pessoas. Durante as entrevistas, muitos deles revelaram que utilizavam a plataforma como um trampolim para atingir outros objetivos profissionais. Por este motivo, foi preciso acompanhar de perto a evolução desses blogueiros. No ano de 2015, encontrei por acaso dois dos meus entrevistados numa cidade europeia, durante um fórum organizado pela Organização Internacional da Francofonia (OIF). No espaço de um ano, um deles tinha se tornado um contratado da OIF, a outra apresentava um projeto de inovação que desenvolvia no seu país no Norte da África. Ambos tinha respondido, um ano antes, que a remuneração financeira não era seu objetivo na plataforma, mas que o reconhecimento público constituía sua maior meta. De certa forma estavam realizando esse sonho.

Grande parte dos blogueiros são estudantes universitários, portanto, possuem certo

⁸ As respostas dessas entrevistas foram amplamente transcritas num artigo na Revista Comunicação e Sociedade (Consultar bibliografia)

capital cultural. Demonstram um nível alto de domínio da língua francesa, que é a língua profissional em vários países africanos e, portanto, confere um status social a quem a domina. Apesar do capital cultural, a maioria dos blogueiros provem de países em via de desenvolvimento e possuem um poder econômico limitado, a renda dos que trabalham dificilmente supera duzentos dólares mensais. De certa maneira, eles não deixam de constituir uma mão de obra baratas para os fins de produção de conteúdo midiático da rádio.

O trabalho trouxe à tona vários desafios metodológicos que me esforcei para descrever na sequência.

Incorporando o Habitus do blogueiro

Em 2003, o sociólogo francês Loïc Wacquant respondeu a uma entrevista da revista *Solidarités* na qual explica sua abordagem dos guetos negros dos Estados Unidos, especificamente do universo do pugilismo. Wacquant explicou que sua abordagem metodológica consistia numa ruptura com a sociologia contemporânea que olhava os bairros desfavorecidos como algo excêntrico e distante, sem entender seu habitus (ver também: WACQUANT, 1996, p. 63). Portanto, o que ele propunha era um olhar de dentro, que compreendesse, em primeiro lugar, a cultura interna do universo do boxe, e em segundo lugar, penetrasse no universo mais geral do gueto. Minha intenção ao pesquisar o grupo de blogueiros de Mondoblog apresenta certas similitudes com essa perspectiva, mas não em todos os aspectos. O que proponho não é uma visão totalmente de dentro. É um olhar de fronteira que pretendo aplicar a esse universo. Contudo, pretendo efetuar um movimento de vai-e-vem que me leve ora para dentro do universo dos blogueiros (através da minha experiência de blogueiro, que remonta a 2011), ora para fora desse universo (graças ao meu olhar sociológico e, sobretudo de pesquisador).

Devo dizer que quando entrei na plataforma Mondoblog, eu ainda estava finalizando meu curso de graduação em ciências sociais. Algumas questões relacionadas ao trabalho informacional e à crise do jornalismo na França não constituíam o centro das minhas preocupações acadêmicas. Por isso, durante os seis primeiros meses em que atuei na plataforma, eu me coloquei numa postura competitiva em relação aos outros blogueiros. Produzia mais de quatro artigos por semanas, tentava encontrar o equilíbrio entre ser eficaz e fazer um bom trabalho, isto é, mesclar quantidade e qualidade de modo que minha seleção para a formação presencial na cidade de Dakar aparecesse como uma obviedade.

De resto, minha relação com os outros blogueiros era caracterizada ao mesmo tempo por esse espírito de competição, de aprendizado e de entusiasmo. Eu mantinha uma constante

comunicação com eles pelas redes sociais. A mesma postura interessada em aprender mais foi a marca da minha relação com os responsáveis da plataforma em Paris. Meu objetivo era único: chegar no início do ano em Dakar. O que acabei conseguindo. Durante a formação que durou dez dias, passei dias eufóricos com os blogueiros, entre conversas até tarde na noite, café da manhã no hotel, discussão e debates nos ônibus que nos levavam nos lugares de trabalho – a Universidade Cheikh Anta Diop e a Agência Universitário da Francofonia (AUF) –, as oficinas de redação web, reportagem na cidade, a formação foi de modo geral uma experiência gratificante. Foi justamente em Dakar que o presidente do Conselho nacional dos meios digital da França me sugeriu o tema da minha pesquisa de mestrado. Logo depois dessa formação, passei na seleção do mestrado. Somente após as primeiras leituras, as primeiras conversas com colegas e professores, que comecei a perceber a complexidade da situação dos blogueiros. Nenhuma explicação a favor ou contra as Novas Tecnologias seria suficiente para dar conta dessa complexidade.

Ademais, ao longo desses dois anos de pesquisa comecei a mudar minha perspectiva sobre o fato de ser um blogueiro da RFI, isso vem de discussões que mantive com amigos, professores e colegas universitários, como também vem de leituras sobre, por exemplo, o fenômeno contemporâneo da crise do capitalismo atual; a saber, o trabalho não remunerado. Ao mesmo tempo, a experiência dos próprios blogueiros, como suas vidas mudaram efetivamente teve uma importância para aprofundar minha visão. Essas contradições apareceram para mim e esclareceram minhas considerações sobre a condição dos blogueiros.

Dessa maneira, minha tomada de consciência está ocorrendo dialeticamente. Minha experiência de blogueiro é similar, mas meu olhar de pesquisador é do diferente deles. O interesse é justamente mostrar que pesquisar algo que vivo profundamente e que é muito familiar não enfraquece meu olhar, não constitui um problema. Não há necessidade de buscar a todo custo um distanciamento. Estou realizando uma pesquisa muito pessoal, seja com a linguagem utilizada que às vezes pode parecer exotérica, sobretudo, quando uso termos próprios a esse universo e que podem parecer muito longe da retórica sociológica. Por isso, lancei mão da noção de *habitus* para justificar minha posição frente ao meu objeto de pesquisa.

Em primeiro lugar, embora eu utilize o conceito de *habitus* de Bourdieu como guia metodológico (na maneira de me relacionar com meu objeto), devo insistir que não efetuei um trabalho de acompanhamento do dia a dia dos blogueiros. A razão para isso é simples. Não seria possível acompanhar *in situ* a vida cotidiana de centenas de indivíduos pela razão óbvia que é financeiramente inviável. Além disso, o tempo disponível para uma pesquisa de mestrado não permite abordar diversos outros aspectos desse tema, sendo necessário mais tempo, tanto de

elaboração da problemática, da interação num período mais amplo com os blogueiros quanto da análise da conjuntura do jornalismo digital. Entretanto, acompanhei muitos deles através das redes sociais, mediante uma comunicação diária com a maioria; ademais, sou um leitor regular de seus blogs e trato de comentar sempre que posso (na maior parte do tempo, isso ocorre sempre). Isso me permite “manter a rede viva” e desenvolver uma relação de confiança.

Uma das decisões tomadas coletivamente durante a formação de 2014 na capital da Costa de Marfim foi que os blogueiros mais antigos se disponibilizariam a apadrinhar os novos através de uma formação a distância que completaria aquela que já fornecia a RFI. Esse apadrinhamento consistia em conselhos editoriais aos blogueiros, dicas para formatar seu blog e personalizar, um acompanhamento nos primeiros meses cuidando do estilo, da ortografia, da argumentação e do respeito da lei nos artigos que os novos blogueiros escreviam. Muitas vezes, os blogueiros precisam de conselhos para escolher uma foto que ilustre um artigo, e por isso, é preciso indicar as plataformas online que disponibilizam fotos livre de direitos de compartilhamentos ou que estejam sobre licença Creative Commons (*Wikimedia Commons*, *Flickr*, *Pixabay* ou *Morgue Files*, são umas delas). Todo isso necessita de um acompanhamento diário para que os blogueiros possam incorporar o hábito de ilustrar sistematicamente seus artigos com imagens livres de direitos autorais. Além disso, a personalização do blog também demanda certa competência técnica, algumas técnicas levam anos para que sejam perfeitamente dominadas. Por exemplo, a incorporação de ícones de redes sociais nos blogs; assim testemunham os “blogueiros 18, 3 e 20” que afirmam ter aprendido:

Os limites do direito na proteção dos blogueiros, a escolha das ilustrações necessárias para a publicação dos artigos e autenticar as fotos”. [18]

As técnicas de escrita, a visibilidade na internet, as técnicas de otimização do site, o tratamento visual e a gestão das redes sociais. [3]

Proteger minhas contas das redes sociais, meu computador, meu blog, a organizá-lo melhor acrescentando diversas funcionalidades. [20]

Somente no ano de 2014 eu ajudei na formação de mais de quatro blogueiros. Depois de um tempo, comecei a questionar até essa função, pois embora eu seja partidário do compartilhamento do conhecimento na rede, considere que o tempo que eu dedicava a essas atividades superavam o mero fato de compartilhar conhecimentos entre internautas. Passei a olhar aquilo como uma forma de trabalho gratuito.

Além disso, monitorei e treinei⁹ pessoalmente quatro blogueiras no ano de 2014 transmitindo conhecimentos técnicos sobre a manipulação da plataforma, bem como sugeri ideias sobre o estilo de cada uma. Nesses dois anos de pesquisa, passei por um processo psicológico intenso de ida e volta entre “o ser blogueiro” e “o ser sociólogo”, de modo que minha visão não é somente de “*perto e de dentro*”, para usar uma terminologia do antropólogo José Guilherme Cantor Magnani. Para exemplificar ainda melhor minha posição nessa pesquisa, me permitam utilizar uma metáfora pouco usual em nossa área da sociologia. Porém, ela traz um esclarecimento salutar para o leitor. Minha posição de pesquisador e de blogueiro requer um olhar de fora, similar àquelas experiências de projeção da consciência (também conhecida como *experiência fora-do-corpo*) relatada por pessoas que estiveram em coma:

Primeiro, me lembro de me encontrar na altura do teto. Eu estava lá com todos os meus pensamentos, minhas emoções, minhas impressões, com tudo o que constitui meu ser mais. Tomei consciência de enxergar de todos os lados ao mesmo tempo, mas sobretudo, eu realizei um sentimento novo e incrível, o de existir fora do meu corpo (DRON: 2009, *extrait*)

Se o “ser blogueiro” constitui o meu corpo, a imagem desse relato reflete exatamente a sensação que tinha ao pensar, ora internamente, ora através da escrita, sobre a minha própria experiência de blogueiro. É uma experiência dupla. Uma experiência de estar na fronteira, como já mencionei, e que implica a perspectiva da vivência de uma “projeção da consciência”, ou seja, se situar fora do próprio corpo e, ao mesmo tempo, uma experiência de dentro. Um movimento constante tanto intelectual como prático. Por seu lado, a perspectiva de dentro que tiro de Bourdieu e especificamente de Wacquant que levou a cabo uma experiência empírica se resume a:

implantar o habitus como um dispositivo metodológico, ou seja, eu me coloco no coração do redemoinho da ação local em uma situação de adquirir, através da prática e em tempo real, as disposições do boxeador a fim de elucidar o magnetismo próprio do cosmos do pugilista (WACQUANT: 2010, p. 116).

Tal perspectiva vem sendo discutida há tempos no campo da antropologia. Wacquant revelou que sua formação nos Estados Unidos esteve mais ligada a esse campo das ciências sociais. A descrição das tendências que existem na área da antropologia é descrita sucintamente por Magnani (2002, p. 16):

Goldman (2001) refere-se à “possibilidade de buscar, através de uma espécie de ‘desvio etnográfico’, um ponto de vista descentrado”;¹¹ há que lembrar

⁹ Mondoblog instaurou um sistema de apadrinhamento que foi decidido coletivamente em 2014 na cidade de Abidjã na ocasião de uma formação anual.

ainda os “*anthropological blues*” de Da Matta (1974) e a expressão “*experience-near versus experience-distant*” usada por Geertz (1983).

Há evidentemente uma relação entre os dois posicionamentos frente ao objeto de pesquisa que longe de enfraquecer o trabalho do sociólogo lhe conferem uma nova sensibilidade. Assim como Loïc Wacquant (1989, p. 37 e p. 14) definiu seu trabalho como uma dupla experiência sociológica que mesclava ao mesmo tempo o aspecto micro-sociológico (o *habitus* do pugilista) e o macro-sociológico (a sociologia do gueto), a adoção desse método me permitiu pôr um olhar múltiplo sobre o “lugar dos blogueiros” no cenário global. Primeiramente situei-os do ponto de vista da capacitação dos indivíduos e da inclusão digital; olhei de que maneira o fato de ser blogueiro somava um leque relativamente grande de conhecimentos específicos sobre as práticas jornalísticas. Mas muito além dos ganhos materiais, são os aspectos simbólicos que precisam ser visto com mais atenção, sobretudo saber que tipos de capital social esse campo de atividades traz para os blogueiros, em termos de influência e autoridade e expertise, por exemplo.

Depois direcionei meu olhar para as relações específicas que esses blogueiros desenvolviam com a mídia francesa no cenário mais amplo do jornalismo digital. Por fim, dediquei-me a examinar as transformações do trabalho enquanto categoria sociológica afetada pelos efeitos da globalização. Atentei em particular para o chamado trabalho não remunerado bem como à problemática do tempo na sociedade contemporânea. Esta problemática do trabalho não remunerado começou a aparecer como um ponto essencial da minha pesquisa quando percebia que de alguma maneira não ficava claro para os meus leitores qual era minha relação com a RFI. Vários outros blogueiros foram cobrados por seus leitores acerca da sua independência. De fato, se ao acessar o *website* da RFI, um leitor que encontra um artigo de um blogueiro na página inicial imagina imediatamente que o blogueiro é remunerado pela empresa. No meu caso, o problema se complexifica ainda mais, sobretudo a partir do momento em que a *RFI Brasil* cria uma página em seu site remetendo às minhas produções. Embora eu tenha dado meu consentimento a isso, a relação de transparência não está estabelecida com o público de leitores. A imagem abaixo ilustra muito bem essa ambiguidade.



Figura 1: Captura de tela do 18 de 08 de 2015, minha página em destaque no site da RFI Brasil



Figura 2: Captura de tela do 18 de 08 de 2015 mostra a página com a relação completa dos meus artigos publicados no site da RFI Brasil. Para os leitores, a impressão é que sou de fato remunerado pelo site de notícia.

Muitas vezes, os leitores querem saber a relação que vincula um jornalista ou um blogueiro com o meio de comunicação no qual divulga suas opiniões, e isso nem sempre é dado. Alguns concluem simplesmente que se o blogueiro ou o jornalista publica um conteúdo em determinado veículo de notícia, quer dizer que ele é assalariado. Contudo, a economia do jornalismo, sobretudo na era digital não é tão simples. As relações de precariedade se instalaram duravelmente.

Mostrarei ao longo do trabalho de que modos os blogueiros articulam estratégias que lhes permitem capitalizar sobre o tempo que passam colaborando para Mondoblog e a RFI. As entrevistas que dirigi mostram, por exemplo, que muitos deles utilizam a plataforma como uma alavanca para conquistar postos profissionais mais estáveis. Portanto, o conceito de Bourdieu e Wacquant me permite enxergar de que maneiras certas práticas são interiorizadas por esses blogueiros dando sentido à ideia dos autores de acordo com os quais: “*o habitus reconhece que os agentes fazem ativamente o mundo social por meio do envolvimento de instrumentos incorporados de construção cognitiva*” (WACQUANT, 2007, p. 67). Wacquant captou a essência desse exercício intelectual e metodológico no conceito de Bourdieu que define como uma “*noção mediadora*” capaz de “*interiorizar a exterioridade e de exteriorizar a interioridade*” (WACQUANT, idem, p. 65-66).

A netnografia com um método eminentemente experimental

Outras considerações precisam ser feitas sobre o objeto de pesquisa escolhido bem como do campo a ele relacionado. Ariana Amaral (2010), pesquisadora da cibercultura escreveu um artigo sobre os problemas metodológicos encontrados pelos antropólogos que se dedicam a estudar a cibercultura e a internet de maneira geral. Ela tratou de revelar os conflitos teóricos e éticos que se colocam diante do novo campo que constitui a pesquisa dos fenômenos culturais relacionados a internet. A primeira constatação é que o surgimento de um novo campo de pesquisa, por assim dizer, gerou a necessidade de se criar uma nova denominação para o tipo de trabalho etnográfico ao qual eles se propunham. Surgiram então conceitos como *netnografia*, *etnografia da cibercultura*, *webnografia*, *ciberantropologia*, etc (AMARAL, 2010, p. 123).

Dentro desse campo, a terminologia se tornou um problema central tanto quanto a própria definição dos procedimentos técnicos necessários numa pesquisa direcionada ao mundo digital. Questões éticas também foram colocadas. Amaral aponta igualmente para a problemática de saber se o objeto de pesquisa era a internet enquanto cultura ou a internet enquanto artefato. Havia também a preocupação com as características de uma verdadeira

etnografia que se perdiam numa pesquisa que agora “olhava” para o mundo *online* onde a dificuldade de tecer relações reais parecem ser maiores. Nota-se também, que para os pesquisadores renomados que vem trabalhando com o “universo virtual”, há uma grande preocupação com as noções tradicionais da antropologia como o “estranhamento” ou o “distanciamento”. Autores como Christine Hine e Kozinets, relata Amaral (2008, p. 36) acreditam que uma pesquisa do mundo virtual *“perde em termos de contato presencial offline que podem revelar nuances obnubiladas pelo texto escrito, emoções, etc”*. Nota-se que para eles, noções dicotômicas como *nativo* e *estranho* são essenciais para este tipo de pesquisa. Eles recomendam que o pesquisador mantenha certa distância. Porém, argumentei aqui que meu ponto de vista não é de distanciamento como eles o entendem. Comparei minha posição à experiência de projeção da consciência, ou seja, se situar acima do seu próprio corpo a fim de ter uma visão mais ampla e panorâmica da situação.

Uma visão que problematiza também a posição do próprio pesquisador na medida em que faz parte de seu próprio objeto de pesquisa. Até aqui fica evidente que dois campos se oferecem a mim: o primeiro é a plataforma de blogueiros à qual pertenço e cujos membros se tornaram pessoas familiares. Minha relação com eles não constitui uma desvantagem para minha pesquisa. Pelo contrário, é somente graças à minha posição de dentro que trago um ângulo diferenciado.

Por outro lado, um campo mais amplo se apresenta diante de mim, ela emerge de certa maneira dialeticamente. Esse é o campo das relações de trabalho na relação “Norte-Sul” para usar uma terminologia familiar na área da geopolítica. Nesse campo, são as contradições da relação entre os blogueiros e a RFI que vão emergir. Isso supõe também examinar o contexto no qual o pesquisador, bem como seu objeto de pesquisa, estão inseridos e de que maneira eles se desenvolvem enquanto atores nesse meio.

A antropóloga Andreia de Sousa Martins (20, p. 22) descreve a netnografia como um processo fundamentalmente *experiencial e interpretativo*. Para Martins (idem, p. 22), o trabalho do antropólogo implicado numa pesquisa netnográfica consiste, na maior parte do tempo, em ficar atrás de seu computador: *“Embora possa trabalhar virtualmente com realidades, as mais distintas, o trabalho se dá em um único lugar: o computador ligado à Web”*; o que lhe coloca, em minha opinião em posição particular. Pois, se como destaca Hine (Apud: AMARAL, 2008), a netnografia significa antes de tudo estudar os diferentes usos feitos da internet enquanto artefato cultural, segue que o pesquisador definido nos termos de Martins se torna um usuário como outro do dito artefato. É particularmente essa a minha própria condição ao estudar a plataforma Mondoblog.

Numa pesquisa que envolveu uma rede mundial de *hackers* conectados por meio de seus computadores, Vicente Macedo adotou a netnografia como método de incursão acrescentando uma dimensão fenomenológica bastante interessante: olhar para o campo não mais como ele aparece ao pesquisador, mas como ele aparece aos próprios sujeitos da pesquisa. Isso evidentemente não dispensa um olhar crítico do pesquisador: “*fez-se necessário um método científico que permitiu explorar situações, valores e práticas à partir da visão de mundo dos próprios sujeitos pesquisados*” (MACEDO, 2007, p. 7), requerendo também o esforço “*de construção do conhecimento que, sem abrir mão de uma essência crítica [...]*” (MACEDO, idem, p. 7).

Por outro lado, a pesquisa de Trento (2013) sobre uma comunidade dos fãs do seriado americano *Lost* demonstrou ter uma linguagem própria das comunidades *geeks*, o que sugere que o autor tenha um profundo conhecimento do universo dos seriados, embora ele admita ter tido dificuldade em contatar seus sujeitos de pesquisa (TRENTO, idem, p. 17). A netnografia como método teve seu início dado pelo antropólogo Robert Kozinets, também especialista em marketing. Chama a atenção o fato de que o autor coloca em sua lista das seis etapas da netnografia a ética (quinta etapa). Não pretendo demorar a essas etapas que vão da “entrada” à “apresentação da pesquisa” passando por “interpretação” e “garantia de padrões éticos” (KOZINETTS, 2010). O que surpreende é o foco que Kozinets pretende dar às questões éticas num método cujo objetivo declarado é “*obter, continuamente, informações altamente relevantes sobre os consumidores*”.

Kozinets¹⁰ também destaca a importância de utilizar *softwares* que possam analisar as tendências de comportamentos dos usuários das redes sociais suscetíveis de interessar as empresas, na mesma medida, os softwares permitem estabelecer a “traçabilidade” das menções a uma determinada marca. Já o artigo de Carolina Parreiras (2012) sobre as práticas de sociabilidades ligadas à pornografia *online* combinou vários métodos investigativos, desde o mapeamento dos perfis adequados para os propósitos de sua pesquisa, até as entrevistas com alguns atores reconhecidos no mercado da pornografia *online*. Uma outra maneira que ilustra como o método netnográfico pode ser utilizado é dado por Rebeca Recuerdo autora de uma dissertação e uma tese sobre as sociabilidades nas redes sociais:

A etnografia virtual sugere analisar o uso de marcadores verbais e não-verbais na Internet a fim de compreender as práticas culturais mediadas por ela. Possui um caráter qualitativo e requer inserção na realidade em análise. Então, é

¹⁰ Sem entrar num julgamento de valor, basta apenas mencionar essa origem comercial do método chamado netnografia (ver também, GALINDO, 2015)

importante o conhecimento da dinâmica social do ambiente e das normas que mantêm a sua organização (RECUERDO, 2010, p. 116).

Obviamente, identifico esse relato com minha abordagem metodológica frente ao meu tema de pesquisa. É sobretudo essa inserção no meio que constitui uma inovação do método netnográfico. Outros pesquisadores insistem no fato que a netnografia é antes de tudo uma *“etnologia da solidão”*, cuja manifestação mais radical no presente seria a relação que o homem estabelece com o computador e seus serviços” (JUNG & MONTARDO, 2005, p. 12), além de exigir uma atuação presencial.

CAPÍTULO II

EMPODERAMENTO, AUTORIA E AUTONOMIA

Empoderamento: uma noção não tão consensual

No campo sociológico que trata das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação, o conceito de empoderamento ganhou um status quase indiscutível, embora alguns analistas esteja cada vez mais demonstrando através de pesquisa de campo que ele precisa ser relativizado e analisado segundo um olhar da crítica do capitalismo¹¹. O conceito é tido como um processo de transferência de recursos políticos e da capacidade de organização. Ele designa a redefinição das relações de poder entre o Estado e Sociedade civil. Considera-se, de maneira geral, os seguintes atores como parte desse processo: Estado, Indivíduo e Grupos sociais. A partir dessas relações de tensões que o empoderamento se apresenta como uma manifestação da mudança social.

De acordo com Bernard Jouve (2006, p. 6), não há um consenso sobre os resultados reais do empoderamento. Ele serve também para desresponsabilizar o Estado. Portanto, o conceito passa a ser visto como uma resposta do mercado à crise do Estado providência. Empoderamento, de acordo com Jouve é um termo que percorre dois planos distintos: do conceito e da realidade empírica (idem, p. 7).

O autor lembra que a história do conceito é indissociável da natureza peculiar da vida política nos Estados Unidos, que desde os anos 1960 valorizou o papel das “community” na transformação da vida dos indivíduos. Reforçar a capacidade das comunidades locais beneficia diretamente aos indivíduos. O empoderamento, enquanto realidade social, afirma Jouve, é reforçado mediante as relações entre o Estado e os novos atores que surgem na política: os movimentos sociais (idem, p. 8). Mas é também nessa relação que os limites do conceito aparecem. Porém, Jouve sinaliza para as relações ambíguas entre o Estado e os Movimentos sociais (os quais buscam a institucionalização) quando nos referimos ao empoderamento¹².

O feminismo desenvolveu um papel fundamental no fortalecimento do conceito de empoderamento, afirma Clavès (2009). Como lembra a autora, o conceito faz sua aparição nos

¹¹ Mais adiante no trabalho, retomarei a crítica do discurso capitalista feita por Luc Boltanski e Chiapello no início da década de 1990.

¹² O conceito de empoderamento se refere quase sempre em duas ações: reforçar e adquirir poder. O que implica uma dupla abordagem: uma externa e outra autônoma.

anos 1960 com a emergência dos movimentos feministas e antirracistas. A autora afirma que é no livro de Barbara Solomon *Black empowerment: social work in oppressed community* que o conceito é formalizado nas Ciências sociais. Duas coisas aparecem nesse livro: o aspecto social do conceito primeiramente operacionalizado na área do serviço social. Em segundo lugar, a sua “vocação” emancipatória, tendo sua aplicação, em geral, junto às categorias socialmente fragilizadas (CALVÈS, 2009, p. 736). Na mesma linha, Calvès incluiu os trabalhos pioneiros do brasileiro Paulo Freire (CLAVÈS, idem, p. 737). Essa passagem da crítica à ação será operada igualmente nas políticas econômicas de desenvolvimento.

Nos anos 1980, avança Calvès, a abordagem feminista do desenvolvimento, especialmente a partir da publicação do livro *Development, crises and Alternatives visions: Third world women's perspectives* (p. 738). Este livro sugere uma mudança radical na luta contra a miséria e a pobreza das mulheres atacando frontalmente a dominação masculina na sociedade. A perspectiva “das mulheres” tem a vantagem de colocar no centro das políticas públicas de desenvolvimento os grupos minoritários do ponto de vista da posse do poder; tais como os gays, os negros, as mulheres, etc. (pp. 740-741).

Porém, como lembra ainda Calvès, os autores feministas criticaram a recuperação do conceito pelas agências de desenvolvimento¹³ – especialmente na década de 1990 (p. 744). Ou seja, a noção do poder perdeu a centralidade no conceito do empoderamento da maneira como este foi recuperado na década de noventa com o fortalecimento das políticas neoliberais. Em outras palavras, é possível afirmar que o conceito do empoderamento perdeu sua dimensão transformadora das relações de poder e foi travestido numa dimensão meramente econômica e ademais, focado no indivíduo, não mais na comunidade. Nessa primeira abordagem, o empoderamento da comunidade era vetor de poder para os indivíduos.

E finalmente, de acordo com Geneviève Delaunay (2008), devemos ter consciência que o empoderamento significa nessa nova conjuntura, a aquisição de novas competências. Segundo ela, as Novas tecnologias conferem não apenas competências técnicas, como também competências intelectuais, uma vez que são “*tecnologias intelectuais*”, ou seja, que afetam drasticamente nossa apreensão do conhecimento (DELAUNAY, idem, p. 282). É como se o *Homo faber*, por fim, fusionasse com o *Homo sapiens*.

¹³ Este é o tema centra do livro de Boltanski e Chiapello, *O novo espírito do capitalismo*.

Autoria e autonomia: questões teóricas e históricas

Não é evidente deduzir uma relação de causalidade entre a produção de conteúdos midiáticos e a autonomia que esse ato gera para seus produtores. Minha tese é que a escrita em plataformas digitais confere um novo status de poder a seus autores, de modo que eles se propõem a administrar a agenda social cultural e política de suas respectivas sociedades, em muitos casos, com relativo sucesso. Ocorreu em algumas ocasiões nos países onde jovens militantes começaram a se implicar na luta pela implementação de instituições democráticas, na luta contra a corrupção como foi o caso especificamente no Senegal onde Karim Wade, filho do antigo presidente Abdoulaye Wade foi preso por desvios do dinheiro público. Outro caso emblemático ocorreu na Costa de Marfim quando o ativista Cyriac Gbogou foi encarcerado pelas autoridades policiais desencadeando uma mobilização massiva nas redes sociais até que ele fosse liberado.

Em agosto de 2015, a Associação dos Blogueiros da Guiné Conakry, Ablogui¹⁴, foi destaque no site de notícia espanhol *El País* que noticiou suas atividades de cidadanias a alguns meses das eleições naquele país que acabara de sair de uma crise nacional de saúde pública com implicações internacionais. Apesar do trauma do vírus de Ebola, os blogueiros decidiram se mobilizar organizando um coletivo com diferentes atores influentes da blogosfera guineense. Ações de cidadania estão sendo feitas desde então tanto em termos de educação da população com as práticas democráticas, a justificativa do voto, a explicação acerca da manipulação dos equipamentos úteis para votar, etc. Sem embargo, um de seus objetivos era fazer com que os políticos mudassem seu discurso para evitar violências durante as eleições de outubro de 2015.

Em 2013, Dakar, a capital da República do Senegal passou por uma importante crise hídrica¹⁵. Durante o período, os ativistas digitais do Senegal se mobilizaram naquilo que foi denominado como “*e-solidariedade*”, ou seja, a solidariedade pela Web. Atores sempre muito presentes na internet disponibilizaram um manual de práticas úteis para superar a crise, embora de maneira provisória; eles também iniciaram uma campanha de protesto que teve repercussão internacional graças a palavras-chaves como *#eausecours* e *#Seaulidarité*¹⁶ através das redes

¹⁴ A matéria do *El país* está disponível no seguinte endereço: http://elpais.com/elpais/2015/08/14/planeta_futuro/1439552646_125965.html

¹⁵ O maior site de notícia do Senegal noticiou os fatos. Consultar aqui: http://www.seneweb.com/news/Societe/grande-penurie-d-rsquo-eau-a-dakar-le-web-senegalais-se-mobilise-le-guide-de-l-rsquo-e-solidarite_n_106897.html

¹⁶ Tanto a palavra-chave *#eausecours* quanto *#Seaulidarité* remetem a um jogo de palavras com a palavra “água” em francês que se pronuncia como /ó/. Na primeira palavra, ela cria sentido ao se referir a um pedido de socorro em francês: “*Au secours*”. No segundo caso, o jogo de palavra é destinado a significar a palavra *Solidarité*. Durante essa campanha foram organizadas doações, manifestações na praça da independência em Dakar e várias

sociais Twitter, Facebook ou Youtube.

As plataformas midiáticas não substituem a grande mídia ou a mídia tradicional, lhes faltam ainda uma legitimidade que é adquirida ao longo do tempo. Entretanto, mantenho a ideia de que os blogs assumem uma função de empoderamento decorrente da produção textual ou multimidiática¹⁷. É essa relação que pretendo demonstrar a partir de uma fundamentação teórica sobre a relação autoria/autonomia.

Nos países onde a internet penetrou profundamente a vida das pessoas e a organização social como um todo, os blogs e as novas mídias sociais não têm tido o devido reconhecimento pelo simples motivo que nesses países, muitas vezes, a mídia tradicional é mais forte; os jornais são lidos (apesar da crise) e tem um *tirage*¹⁸ amplo que cobre o território nacional, como é o exemplo do *The Guardian*, do *New York Times*, do *Washington Post*, do *Le Monde* ou do *Le Figaro*, ou ainda da *Folha de São Paulo* (embora no caso do Brasil, as revistas como *Veja* ou *Epoca* tenham uma circulação mais ampla no território nacional). Nesses países, as redes sociais, as mídias sociais, servem de complemento aos veículos tradicionais. Além disso, a rádio e a televisão preenchem um espaço determinante na cultura midiática ocidental e moderna em geral.

Nesses contextos, as plataformas da internet têm dificuldade em encontrar seu lugar na sociedade; eles precisam ainda definir uma identidade e preencher uma função que a grande mídia não cumpre; talvez a da crítica. De qualquer modo, seu trabalho se restringe ao comentário daquilo que a mídia tradicional produz como conteúdo.

O quadro é completamente diferente nos países africanos – e aqui me refiro sempre aos países francófonos – que interessa este trabalho. Embora países como a República Democrática do Congo (RDC) tenha liberalizado seu cenário midiático no início dos anos noventa com a emergência de dezenas de canais de televisão privada, com a criação de vários jornais impressos ou de rádio emitindo em FM, o quadro profissional permanece precário para os jornalistas. É um paradoxo que em meio aos conflitos armados e a um contexto político instável, a RDC tenha conseguido desenvolver um quadro midiático relativamente livre (FRÈRE: 2008). Contudo, se o país negociou perfeitamente a “revolução midiática” nos anos noventa, ele permaneceu atrasado no que diz respeito ao desenvolvimento das mídias digitais. Esse diagnóstico se confirma pela fraca penetração da internet nesse país, devido à inexistência da fibra ótica e da

outras ações cidadãs.

¹⁷ Delaunay (2008, p. 281) lembra que a noção de multimídia, para ser entendido pedagogicamente deve ser entendido como referente aos suportes *unimidiático*, isto é, aqueles com os quais podemos ao mesmo tempo ler, ver, entender mensagens que anteriormente necessitavam de vários artefatos midiáticos.

¹⁸ A circulação de um jornal.

precariedade do ambiente do empreendedorismo. Ora, a internet requer um âmbito fundamentalmente livre e inovador para se desenvolver.

Por outro lado, países como Camarões, Senegal, Costa do Marfim ou ainda o Benin, que não passaram por um amplo processo de liberalização de seu quadro midiático nos anos noventa, têm conseguido negociar de maneira mais eficaz a virada digital¹⁹. A pesquisadora belga Marie-Soleil Frère (2008) mostrou de maneira contundente esse paradoxo entre países mais estáveis politicamente e o Congo na maneira como os regimes políticos instáveis deste último não impediram a explosão do setor em um tempo muito curto.

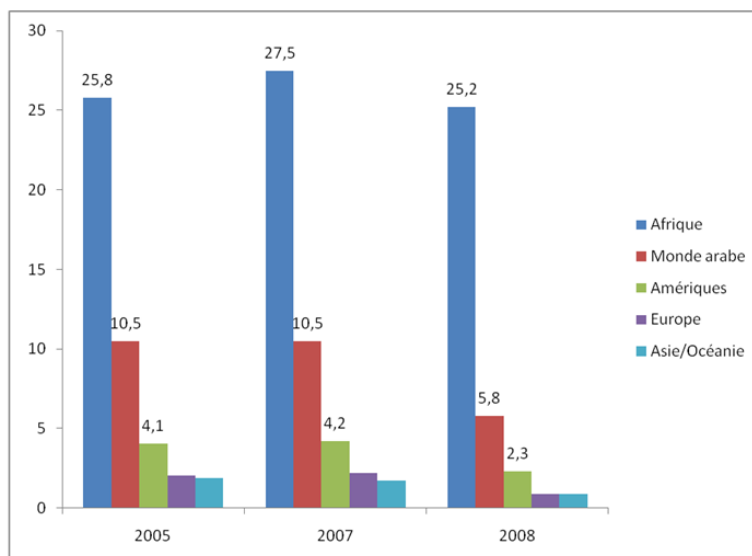
A adesão às novas tecnologias na África francófona coloca num pedestal quem domina essas tecnologias, de modo que me parece relevante estudar, também no continente, os efeitos da emergência de uma nova elite²⁰ tecnológica. Ou seja, de analisar os efeitos das novas tecnologias da informação e comunicação na produção e reprodução da fratura social. De fato, tanto os blogueiros quanto as outras categorias de profissionais especializado em tecnologias da informática formam parte de um grupo privilegiado em seus respectivos países, são pessoas que concluíram, na maior parte dos casos, a universidade; ou está cursando uma faculdade de ensino superior. São pessoas letradas e alfabetizadas. Dessa maneira, uma plataforma como Mondoblog adquire uma legitimidade ou um tipo de autoridade junto à sociedade em razão da sua parceria com a *Radio France Internationale*.

O veículo de informação francesa tem sua maior audiência no continente africano, e muitas vezes seus jornalistas brincam que “a maior rádio francesa que só é ouvida no estrangeiro”.

¹⁹ Refiro-me à convergência digital, ou seja, à adesão massiva dos consumidores às Novas Tecnologias da Informação.

²⁰ Este seria um trabalho para o futuro, talvez no nível do doutorado.

Evolution of RFI's audience by geographic zone (in millions of people)



Fonte: Audiência da RFI no mundo: <http://www.inaglobal.fr/en/radio/article/rfis-new-priorities> 06/01/2016

Como ilustra a imagem reproduzida acima, a audiência da RFI oscila entre os vinte e cinco milhões de ouvintes e trinta milhões de ouvintes por semana no continente africano ao passo que as audiências nos continentes americanos, na Ásia ou na Europa não ultrapassam os dez milhões de ouvintes. Os motivos dessa audiência fraca fora do continente africano são múltiplos e não cabem para a presente discussão. Entretanto, é possível afirmar que a proximidade com o continente africano, a relativa distância histórica entre a América onde a França teve uma breve aventura colonial, uma oferta muito importante de outras rádios no continente europeu justifica os números apresentados no quadro. As razões dessa distribuição desigual da audiência são tão culturais quanto estratégicas. O que não pode ser negado é a estratégia da rádio em fortalecer seu vínculo com o continente africano, até mesmo em sua versão *online*²¹. Cabe notar que das quatorze línguas nas quais RFI emite, duas línguas são africanas²².

De fato, não são muitos os franceses que escutam a RFI porque seu conteúdo é mais voltado ao público internacional. Minha leitura sobre o impacto dos blogs nas diferentes sociedades africanas vem sendo modificada ao longo desses dois anos de pesquisas e de descobertas biográficas (especialmente literatura referente ao Trabalho informacional). Passei de uma grande euforia sobre os efeitos positivos das novas mídias, quase aderi ao pessimismo

²¹ Em 2015, RFI lançou uma página especial dedicada à informação africana seguindo o modelo dos jornais Le Monde e Le Point. Acessível aqui: <http://afrique.rfi.fr/>

²² Kiswahili (<http://www.kiswahili.rfi.fr/>) e Haoussa (<http://www.hausa.rfi.fr/>), são línguas usadas em vários países da África sub-saariana.

tecnológico que tem seu maior símbolo em Humberto Eco²³; e finalmente, cheguei a um ponto que considero intermediário que consiste em reconhecer os imensos avanços proporcionados pela introdução das NTICs no continente africano, especialmente nos países de língua francesa, sem, contudo, ignorar os seus efeitos perversos. As implicações relativas às relações de trabalho são as que me parecem mais problemáticas, pois contrastam com a noção de empoderamento que as novas tecnologias trazem à tona. Como falar em empoderamento e autonomia quando as pessoas se encontram em situações de trabalho não-pago²⁴ e de precariedade?

Considereei a partir do segundo ano da pesquisa que precisava ter uma distância em relação a tal postura idealista. Portanto, o meu trabalho consistiria em mostrar os dois lados dessa moeda, “(r)evolução numérica”, a partir de casos concretos amparados em pesquisas e entrevistas com autores sociais da Web africana. Porém, para tratar da questão é preciso trazer um quadro teórica.

Narrativas nacionais e literaturas pós-coloniais como fatores de autonomização

De que maneira o processo de criação literária (mas não somente isso), em outras palavras, o processo da produção textual ou intelectual pode ser considerado um momento de autonomia? Esta pergunta supõe levar adiante a relação entre a noção do poder e a produção do conhecimento. Isto significa também considerar que a noção de produção do conhecimento ou qualquer outro processo de criação intelectual tem implicações políticas.

Porém, antes de argumentar no nível propriamente político, é necessário retomar essa relação básica já implicitamente iniciada pelos autores do iluminismo: o conhecimento e o poder. Kant estabeleceu essa relação no seu texto fundador da modernidade ocidental; ou pelo menos, o primeiro texto problematizou o momento intelectual vivido na Europa oitocentista (cfr. ANDERSON, 2008, p. 38). Ao responder à pergunta *Was ist Aufklärung?* Kant propõe que o conhecimento enquanto produção intelectual precisa se emancipar em relação ao sujeito produtor. Ao sugerir que o iluminismo consiste em compartilhar o conhecimento com um conjunto de pares intelectualmente qualificados com o intuito de gerir um debate, Kant busca elevar o conhecimento ao nível da “maioridade”. O que significa dizer de certa maneira conferir-lhe um poder novo, adquirido mediante aprovação e crítica dos pares igualmente

²³ Ler o resumo em francês do romance *Numero Zero* onde Humberto Eco faz uma crítica ao jornalismo na era da internet, acessível em <http://themediatrend.com/numero-zero-la-lecon-de-journalisme-du-professeur-umberto-eco/>

²⁴ Ver para maiores análises sobre o tema do trabalho não pago o artigo de Matos & Katembera (2015) na revista *Comunicação & Sociedade*.

competentes.

Portanto, o conhecimento precisa sair da “menoridade”. Da mesma maneira, o sujeito produtor do conhecimento abandona o obscurantismo e atinge o nível da emancipação, assim como o exige o iluminismo.

O conhecimento implica, portanto, três momentos: (1) a produção; isto é, a elaboração pelo sujeito de um conjunto de conceitos inteligíveis num determinado campo; (2) a crítica, ou seja, o momento em que esses conceitos são submetidos à aprovação dos pares mediante um debate público. Esse momento, por seu lado, supõe que a produção intelectual precisa ser publicitada; de tal modo que, fundamentalmente, o conhecimento deixa de pertencer a seu produtor inicial. Ele passa a adquirir uma dimensão coletiva nova. A publicidade do pensamento o caracteriza positivamente do ponto de vista kantiano em comparação a qualquer outro tipo de produção intelectual.

A peculiaridade do pensamento racionalmente sancionado confere um poder inédito à produção intelectual ocidental. De fato, é essa sanção pelos pares que vem a ser o fundamento da legitimidade do conhecimento ocidental cristalizado em diferentes campos – no sentido usado por Bourdieu –, dando-lhe o poder de se posicionar enquanto pensamento científico. (3) O poder é conferido não apenas ao sujeito que o produz, mas ao conhecimento em si. Creio que, essencialmente, o texto de Kant não tratava de tirar o sujeito do seu estado de menoridade, este pelo menos era o menor dos motivos de seu projeto inicial de *Aufklärung*. O projeto de Kant visava antes de tudo tirar o próprio conhecimento de um estado de menoridade.

A publicidade do conhecimento confere a ele o poder legítimo de se elevar como conhecimento científico, conhecimento sancionado, conhecimento-autoridade, em suma. O que no contexto de Mondoblog pode justificar o tipo de avaliação à qual se dispõe a “blogueira 13”: *“Mondoblog me deu o status, ele reforçou o status de blogueiro e me deu os novos conhecimentos sobre o blogging, mas também uma ampla agenda com amigos espalhados no mundo”*.

O conhecimento produzido pelo sujeito ganha uma nova aura que lhe confere aprovação dos pares. Seu processo de produção é fundamentalmente um processo de criação autoral no qual se faz necessário uma dose de imaginação por parte do sujeito. Benedict Anderson sugere essa relação profunda entre a imaginada fundação da nação (enquanto entidade política ocidental) e seu caráter soberano. Isto é, o poder de ser considerado enquanto sujeito autónomo. Lanço mão desse argumento, agora bastante difuso nas ciências sociais, da construção do Estado-Nação, para reforçar meu próprio argumento que consiste em propor uma relação de causalidade entre o processo de autoria e o status de autonomia: *“uma comunidade política imaginada – e*

imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana” (ANDERSON, idem, p. 32).

De certa forma, a fundação do Estado-Nação não está, contudo, separada do projeto secular do iluminismo de se demarcar do obscurantismo: *“imagina-se a nação soberana porque o conceito nasceu na época em que o iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade do reino dinástico hierárquico de ordem divina”* (ANDERSON, idem, p. 34). Evidencia-se que o projeto de iluminismo não assumia apenas uma dimensão literária ou filosófica senão que almejava também uma função política – o que mostra que o iluminismo foi também um processo violento –, embora tenhamos mostrado que os dois propósitos não são mutualmente excludentes. Ficou comprovado que a separação dos mesmos afeitaria uma compreensão adequada do problema aqui construído.

Em sua explicação acerca dos fundamentos histórico e sociológicos do nascimento da nação enquanto entidade política, Anderson evidencia a preponderância do papel das elites letradas nesse processo:

Para uma explicação mais completa, temos de examinar a relação entre os letrados e suas sociedades. [...] O poder assombroso do papado, no seu auge, só pode ser entendido em termos de um clero transeuropeu com conhecimento do latim escrito, e também de uma concepção de mundo partilhado praticamente por todos, e segundo a qual a camada intelectual bilingue, ao mediar o vernáculo e o latim, também fazia a mediação entre a terra e o céu. (O pavor da excomunhão reflete essa cosmologia.) (ANDERSON, idem, p. 43)

Para Anderson, não há dúvidas de que o conhecimento da língua e, sobretudo o domínio da escrita confere a seu portador um poder imenso sobre a sociedade, e nesse caso, combinado com a força moral dos dogmas religiosos, são absolutamente reforçados. Era, em grande medida, contra esse tipo de poder que o projeto iluminista se ergueu. Importa, portanto, estar ciente dessa relação tão determinante que se estabelece entre o conhecimento – neste caso a capacidade de dominar a escrita – e o poder que ele confere ao seu portador. O poder religioso usou desse artifício para se estabelecer em toda a Europa. Mais adiante na sua obra, Benedict Anderson mostra que a língua foi igualmente um instrumento de colonização e de assimilação (p. 110). A questão da colonização que voltará a compor o tema da argumentação de alguns blogueiros, especialmente um que critica a relação desigual com a RFI e a pressão para que o uso da língua francesa seja uniforme e conforme o modelo francês, negando assim as diversas variações linguísticas pelo qual o francês passou histórico e geograficamente.

Atentando para a relação já sugerida no texto de Anderson, ou seja, a da autoria e autonomia, é salutar perseguir a linha argumentativa de Anderson um pouco mais:

Entenderemos melhor por que essa transformação foi tão importante para a gênese da comunidade imaginada da nação se consideramos a estrutura básica de duas formas de criação imaginária que floresceram pela primeira vez na Europa durante o século XVIII: o romance e o jornal (ANDERSON, idem, p. 55).

A invenção da imprensa por Gutenberg foi um dos acontecimentos mais importantes da história da humanidade porque permitiu não apenas registrar a história humana, senão também de construir uma narrativa conforme aos interesses que se apresentavam para as comunidades. O fato de controlar a construção de uma narrativa própria que refletisse as aspirações de um povo conferiu a todas as comunidades que dominaram essa linguagem de se fortalecerem igualmente como nação. Esse estado de fato se verifica da China até as culturas mais remotas da África. O domínio da escrita sempre foi um meio eficaz de construir uma epopeia coletiva suscetível se indefinitivamente renovada. Meu propósito aqui não é o de tentar justificar a pertinência de um projeto nacionalista para os países africanos, por exemplo. Mantenho-me meramente no plano teórico e histórico de demonstrar a relação entre autoria e autonomia nos processos sociais de emancipação individuais ou coletivos.

Anderson (p. 66) lembra ainda a importância desses meios de comunicação e de elaboração do imaginário coletivo que são os romances e os jornais para o fortalecimento do mercado. Há um paradoxo revelado pela difusão ampla dos jornais impressos na cultura ocidental e mais tarde na cultura moderna, tal como a conhecemos hoje. O paradoxo reside no fato de que ao mesmo tempo em que reafirma o lado coletivo de uma comunidade, o jornal reforça a subjetividade de cada leitor. Em primeiro lugar, cada jornal é sempre o produto de trabalho coletivo. Pelo simples modo pelo qual é organizado o trabalho na sociedade industrial, a fabricação de um jornal exige o aporte de várias pessoas. Em segundo lugar, o jornal impreso supõe, pelo seu formato que será lido por um indivíduo por vez. O que de certa forma reforça o paradoxo que mencionamos. Essa contradição fica mais evidente na medida em que a simples leitura do jornal faz com que o leitor *tome consciência da existência de uma comunidade* em sua volta, a qual *repete o mesmo ritual quotidianamente* (ANDERSON, idem, p. 68).

De modo mais geral, a aquisição da língua (tanto escrita como leitura) como competência serviu de maneira bastante evidente aos propósitos dos movimentos independentistas das Américas:

Também inegável que a melhoria nas comunicações transatlânticas, e o fato de que as várias Américas compartilhavam línguas e culturas com suas respectivas metrópoles, permitiram uma difusão relativamente fácil e rápida das novas doutrinas políticas e econômicas que estavam surgindo na Europa

Ocidental (ANDERSON, idem, p. 89).

Nesse caso, a língua enquanto modalidade da comunicação expandiu as chances do conhecimento se espalhar entre lugares distantes bem como as possibilidades de as ideologias políticas serem importadas por outros povos. De qualquer modo, é o potencial político da língua que fica demonstrado.

A relação autoria/autonomia também é tema recorrente nos trabalhos de Paul Gilroy. Já em sua obra *O Atlântico Negro*, o autor põe as premissas políticas de sua tese:

Embora em grande parte ignorados pelos recentes debates sobre a modernidade e seus descontentes, essas ideias sobre nacionalidade, etnia, autenticidade e integridade cultural são fenômenos tipicamente modernos com implicações profundas para a crítica cultural e história cultural (GILROY, 2001, p. 34)

Autenticidade e integridade são conceitos centrais para a análise de Gilroy que pretende reformular a história da modernidade à luz da cultura do Atlântico Negro. Não apenas isso, o trabalho de Gilroy tem também a vocação de dar visibilidade a autores negros cujas obras são desconhecidas nos meios universitários: *“Passei a ficar fascinado pelo modo como gerações sucessivas de intelectuais negros entenderam esta ligação e como a projetaram em sua escrita e sua fala na busca da liberdade, cidadania e autonomia social e política”* (GILROY, idem, p. 35). Para Gilroy é primordial mostrar a relação entre os escritos produzidos por esses autores negros, especialmente, quando eles foram essenciais nas lutas pela autonomia e liberdade dos povos negros.

Gilroy sugere que os negros da diáspora, principalmente nos países anglo-saxões foram os instigadores de uma narrativa distinta e inédita sobre a modernidade, de modo que se pode afirmar sua autoria. Além de que, seus textos tinham um sentido fundamentalmente político na medida em que constituíam um posicionamento contra o racismo:

[...] quero desenvolver a sugestão de que historiadores culturais poderiam assumir o Atlântico como uma unidade de análise única e complexa em suas discussões do mundo moderno e utilizá-la para produzir uma perspectiva explicitamente transnacional e transcultural. (GILROY, idem, p.57).

Gilroy reivindica para os intelectuais negros da diáspora o reconhecimento dentro de um campo de conhecimento, ou seja, uma legitimação dos pares, em outras palavras, o poder de se afirmar enquanto pensamento autônomo e soberano. Também, propõe a construção de uma nova epistemologia negra – o Atlântico – diferenciado daquela decorrente da experiência branca. Há, portanto, um caráter tanto autêntico quanto político no Atlântico Negro como epistemologia. Esta última consiste, sobretudo, em uma sensibilidade nova do ponto de vista da experiência dessa diáspora que coloca em escrita sua história e suas reivindicações ao mesmo

tempo em que dá uma nova visibilidade por uma problemática social oculta.

Olhando para uma experiência como Mondoblog, as produções desses conteúdos autorais preenchem um vazio persistente historicamente quanto à produção de informações locais. A superação dessa “ausência” cumpre um papel político determinante. Gilroy reproduz os relatos de diferentes autores da diáspora enfatizando justamente essa nova sensibilidade que constitui o caráter autêntico do Atlântico negro. A atenção que dá à diferentes tipos de narrativas, de expressões da linguagem ou do conhecimento – um conhecimento não necessariamente racional, do tipo ocidental – reforça o sentido do tipo de projeto ao qual Mondoblog se refere, pois não só permite a expressão de opiniões tão diversificadas quanto o quadro de nacionalidades que ele abarca, como também permite o uso de vários tipos de linguagem na plataforma: vídeos, quadrinhos, caricaturas, sons, poemas, artigos escritos, apresentação de *datas* em formato gráficos, etc.

Ir além de uma concepção da modernidade ocidental, é a isso que se propõe esses autores cada um com uma postura diferenciada, como é o caso do livro de Delany e de seu herói: “*a versão da solidariedade negra proposta por ‘Blake’ é explicitamente antiétnica e opõe-se ao excepcionalismo africano-americano em nome de uma verdadeira sensibilidade pan-africana da diáspora*” (GILROY, idem, p. 80). Visto assim, nota-se que o Atlântico negro tampouco constitui um movimento intelectual homogêneo. Trata-se de um leque de percepções calcadas em experiências tanto coletivas quanto individuais, tendo o único ponto característico sua origem da diáspora.

Contudo, duas linhas se destacam: a ontológica – essencialista – e a estratégica – libertária (GILROY, idem, p. 85). Em todo caso, fica claro que ambas as leituras de uma modernidade vista na perspectiva do Atlântico negro, são de natureza política.

O problema central que as duas leituras colocam para a própria historiografia negra gira em torno da busca de um conceito de autenticidade satisfatório para todos. O conflito existente entre essas duas tendências importa pouco para o meu propósito, uma vez que o que ressalta Gilroy é o efeito que essa reflexividade traz para a vida concreta dos negros da diáspora. Uma vez que se tornam leitores e autores, eles adquirem a capacidade – tipicamente moderna, segundo Giddens – de ter um pensamento reflexivo. Ou seja, eles se tornam capazes de problematizar a própria existência, de diagnosticar suas mazelas e de propor mudanças suscetíveis de melhorar a vida deles como cidadãos (GILROY, idem, p. 99). É basicamente nesta perspectiva que deve ser considerada a ação dos blogueiros.

Em outra obra tão importante quanto o *Atlântico negro*, Gilroy volta a enriquecer sua análise sobre a modernidade do ponto de vista da produção negra. *Darker than Blue* é uma obra

que se dedica especificamente a exemplificar os sinais de uma produção tipicamente negra, inédita, porém, oculta. Neste livro, como em *Atlântico Negro*, se enfrentam duas concepções da modernidade. Mas a tarefa de Gilroy não se limita a um mero enfrentamento; trata-se para ele, de mostrar que o reconhecimento dessa produção do Atlântico significa conferir a humanidade aos negros. Reconhecimento toma então o sentido de humanização.

Para Gilroy (2010), *a maneira como a historiografia ocidental opera omite os fatos mais sangrentos da luta antiracial e contra a hierarquia racial*. Ora, ocultar essa luta é também apagar dos livros de história a própria facticidade dos crimes cometidos contra os negros e os indígenas. A questão central é, portanto, a de saber como a história do progresso moral abarca uma narrativa diferenciada baseada em sensibilidades morais radicalmente opostas. Responder a esta pergunta implica desconstruir os pilares das ciências sociais modernas, por exemplo, a noção de *Vacuum Domicilium* (terras vacantes) que justifica os projetos de civilização pela colonização, uma tese presente no *Leviatã* de Hobbes, por exemplo.

Segundo Gilroy (2010, p. 58), a genealogia dos Direitos Humanos tem que levar em conta a história dos crimes raciais da Europa colonialista. Vários autores negros fizeram esse esforço intelectual embora não tenham tido o reconhecimento merecido. Essa sensibilidade nova oriunda de uma intensa experiência do sofrimento não aparece apenas nos textos científicos ou biográficos de autores como Delany, mas também na arte com artistas como Bob Marley – um autêntico autor –, em homens políticos ou governantes como Hailé Selassié e seu projeto de pan-africanismo como fonte de liberdade para os negros em geral.

Em última instância vale lembra outra diferenciação fundamental para o entendimento da autonomia²⁵ tal como a consideramos neste trabalho, ou seja, como algo que transmita um sentido ambivalente de individuação e de coletividade. Para isso, Elaine Brandão (2013, p. 37) se detém na relação entre dois valores modernos que são “independência” e “autonomia”, ambos vinculados ao conceito de liberdade. Quais são as relações desses dois valores com o indivíduo? De acordo com Brandão, a noção de liberdade pode ser tomada como “independência”, “auto-suficiência”; ao passo que autonomia pode ser considerado como autodeterminação²⁶.

A “independência” é tida como um valor eminentemente individualista, que não admite submissão a regras. Já a “autonomia” supõe uma liberdade submissa a regras auto-instituídas

²⁵ Outro aspecto da autonomia relacionada às relações amorosas e à conjugalidade pode ser encontrado em Vasconcelos (2011), onde a noção *permeia* “uma ideia de união baseada na autonomia e negociação através dos desejos” (p. 11).

²⁶ Embora a autora estabeleça que o próprio valor de autonomia também deriva da noção de liberdade segundo a tradição filosófica.

(a Lei); ela remete a uma sociabilidade, portanto ao sujeito. Independência remete ao indivíduo:

A partir dessa concepção, conclui-se que o indivíduo se inscreve nessa dupla genealogia filosófica, que reenvia aos valores de “autonomia” – segundo o qual, o sujeito estabelece suas próprias leis, ele é o autor de sua própria vida – e de “independência – que remete à ausência de dependência, auto-centramento e auto-suficiência dos indivíduos (BRANDÃO, 2013, p. 41).

Portanto, a submissão às leis coletivas não é um impeditivo à autonomia enquanto valor emancipatória.

Foucault e o autor: uma leitura crítica

Foucault identifica um movimento moderno que consiste na individualização dos conceitos, quer seja em obras literárias, sociológicas ou filosóficas; ou em obras relacionais às ciências exatas: *“Essa noção do autor constitui o momento crucial da individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, e também na história da filosofia e das ciências”* (FOUCAULT: 2001, p. 267). Foucault introduz a reação entre o autor, sua obra e o poder que se fortalece em um determinado campo do conhecimento, criando pela mesma ocasião castas no âmbito das ciências. Destarte, esse quadro de fatos evidencia uma relação complexa entre o autor e sua obra de modo que não é mais possível separar a aura do primeiro e do segundo. De certa forma, é também a maneira como a problemática do direito à propriedade abarca o campo da ciência:

Mesmo hoje, quando se faz a história de um conceito, de um gênero literário ou de um tipo de filosofia, acredito que não se deixa de considerar tais unidades como escansões relativamente fracas, secundárias e sobrepostas em relação à primeira unidade, sólida e fundamental, que é a do autor e da obra (FOUCAULT, idem, p. 267)

Michel Foucault destaca a nebulosidade da noção que acompanha invariavelmente o conceito de “autor”, a saber, a obra. O que seria isso, indaga Foucault? Seria um corpus constituído ao longo da vida de um indivíduo que venhamos a considerar um autor? E mesmo nesse caso, como definir os limites dessa obra? Teremos por exemplo que considerar as cartas privadas de um autor como fazendo parte de sua obra ou simplesmente essa noção se limita a um conjunto de produções coerentes entre si? Várias vezes, cartas privadas de um filósofo ou de um escritor são publicadas postumamente e recebem o status de obra. Um livro como, por exemplo, *Crime e Castigo* deve ser considerado uma obra ou temos que incluir as outras produções de Dostoiévski para denominarmos o conjunto em si de obra? Para Foucault o

problema de definir esses limites é complexo (idem, p. 271).

Por outro lado, Foucault coloca em evidência a dimensão religiosa que aparece no fato de enfatizar “*o caráter original de uma obra*”; o que concede não apenas ao autor, mas também à sua obra uma aura “divina”, no sentido durkheimiano do termo, isto é, um caráter sagrado em oposição a escritos que permaneceriam sujeitos à esfera do profano. Para Foucault (idem, p. 271) a pesquisa empírica fortaleceu essa tendência no campo das ciências sociais essencialmente, onde a pesquisa de campo adquiriu ao longo do tempo um status sagrado. Isto de algum modo reformula a minha leitura sobre o lugar que ocupa o blogueiro que produz conteúdos originais, embora não tenha um caráter acadêmico. Blogueiros ocupariam o lugar das “coisas sagradas” num universo onde as novas tecnologias conferem poder?

Portanto, a aura que adquirem os blogueiros vem de dois elementos distintos, mas, complementares: a produção dos conteúdos digitais como tal e, enfim, o *medium* (o computador) utilizado que constitui em si um objeto sagrado no mundo conectado. Na medida em que ele se torna um “perito” na utilização das Novas Tecnologias e na produção de conteúdos midiáticos num mundo onde o controle da atenção dos leitores e dos internautas é valorizado, o blogueiro de Mondoblog se torna um elemento importante da sociedade. De certa maneira, Foucault apresentou esse efeito perverso da produção textual autoral: “*Penso, então, que tal uso da noção de escrita arrisca manter os privilégios do autor sob a salvaguarda do a priori: ele faz subsistir, na luz obscura da neutralização, o jogo das representações que formaram uma certa imagem do autor*” (idem, p. 271). Com isso, ocorre também que o lema kantiano de *sapere aude* – a essência da autonomia – se afaste cada vez mais. Desde que a propriedade intelectual se transformou num elemento definidor da cultura ocidental moderna que perpassa as esferas artísticas e econômicas, qualquer produção intelectual é suscetível de gerar conflitos jurídicos em caso de utilização não autorizada; além de mudar por completo o status do autor:

[...] o fato de haver um nome de autor, o fato de que se possa dizer “isso foi escrito por tal pessoa”, ou “tal pessoa é o autor disso”, indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana, indiferente, uma palavra que se afasta, que flutua e passa, uma palavra imediatamente consumível, mas que se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, receber um certo status (FOUCAULT, idem, p. 274).

Um fenômeno que se observa no universo do *blogging*, e não apenas na plataforma Mondoblog, é a necessidade dos blogueiros de não ser contestado, que sua escrita não seja mais contestada ou discutida. E de fato, a crítica não parece ser um exercício que agrada até mesmo o leitor comum. Uma vez que o blogueiro ganha certa notoriedade, ele não precisa mais

“acertar” em suas análises, pois sua palavra parece ter uma vida própria, governada pela autoridade moral que o status de “conteúdo original” lhe confere. O reconhecimento que os blogueiros pretendem almejar ilustra essa preocupação com a autoridade permanente. Foucault acerta ao afirmar que o status ganho pelo autor, sua nova posição social enquanto dono de um poder específico se deve ao lugar que ocupa a escrita na cultura ocidental, um lugar profundamente relacionado com o poder devido a sua origem racional (FOUCAULT, *idem*, p. 277).

Nesta conferência publicada na obra *Ditos e Escritos*, Michel Foucault apresenta um argumento muito crítico sobre a relação do autor com sua obra e o impossível “desaparecimento do homem”. O caráter sagrado do discurso textual se elevou tanto que transferiu seu poder mágico ao homem que passa a ser confundido com a própria obra. O texto de Michel Foucault mantém sua atualidade e autoriza interrogarmos as relações que se constroem com a emergência das novas tecnologias num contexto de corrida desenfreada a produções originais e cativantes.

Da mesma maneira que o autor não dispensa o campo das ciências humanas de uma crítica radical acerca da criação de castas de autores, vale ressaltar que três décadas após sua morte, ele tampouco conseguiu evitar esse mesmo destino de “santidade das ciências humanas”. É inegável o status que o filósofo francês ganhou nas ciências sociais e humanas em geral. Talvez esse fato aluda para o fato que nenhum produtor de conteúdo realmente original conseguiria escalar a uma beatificação, mesmo tardia. Ressalto também que o argumento de Foucault não contém uma visão maniqueísta sobre a função do autor na sociedade moderna, ele se limita a fazer o diagnóstico daquilo que ele pensou que poderia constituir uma “*história do discurso*” na cultura ocidental. Embora o texto de Foucault mantenha-se muito preliminar em termos de fundamentação e justificativa (como o próprio autor indica); “*O que é um autor?*” apresenta argumentos sólidos e acena para o status que as novas tecnologias conferem a quem se serve delas para produzir um conhecimento disponível para milhares de pessoas simultaneamente.

Não há como afirmar categoricamente que os blogueiros são autores, pois depende sempre do uso que cada faz de seu blog. A rigor, o qualificativo “autor” deixa de ocupar um lugar de centralidade para meu objetivo. Não é o fato de produzir textos originais que importa; o status de autor no campo virtual requer bem menos que isso. Basta demonstrar no longo prazo a capacidade de manipular signos discursivos que a sociedade valoriza. Ora, no universo multimídia, são os vídeos, os textos, as fotos ou as charges que são valorizados. Quanto melhor o blogueiro dominar a linguagem de código, melhor para sua notoriedade e seu reconhecimento tanto para com o público quanto para com seus colegas. Em sua tese de doutorado sobre a

“sociabilidade programada”, Taina Bucher afirma que “a indústria midiática está construída segundo os parâmetros de visibilidade” (2012, p. 116). Lembrando a famosa frase de Marshall McLuhan, “o médio é a mensagem”, Taina Bucher (idem, p. 117) explica que disso implica que “na realidade é o médio que faz a mensagem ao dar-lhe visibilidade em primeiro lugar”. O que supõe, segundo ela, que o médio não é neutro. E para ir mais longe, dominar o médio significa aprimorar o uso da linguagem própria a esse médio, no caso da internet, o código informático. O que nos leva a pensar que o código tampouco é neutro. Bucher discute o fato de que para motores de pesquisa como *Google*, é a linguagem algorítmica que determina a importância de um site segundo critérios que variam anualmente e cujo número supera cinco centenas (BUCHER, idem, p. 118).

Nesse universo da produção dos conteúdos midiáticos não é evidente capturar por muito tempo a atenção do leitor ou do usuário (por que afinal, o conteúdo pode ser outro que um texto), pois reina a corrida pela inovação²⁷. As tendências afetam também o universo dos blogs. Isto quer dizer que produzir apenas textos não basta. É preciso fazer com que esses textos estejam acompanhados de outros suportes multimídias como vídeos, fotos e desenhos autorais. Conhecimentos gráficos se tornam, portanto, determinantes para se destacar nesse universo.

A plataforma Mondoblog conta com a colaboração de meia dúzia de caricaturista (cartunistas) que se destacam do resto do blogueiros por aportar um conteúdo diferenciado, uma linguagem ilustrada que tem o potencial de atingir um público variado. Eles constituem uma outra categoria de “autores”. Vale lembrar que desenhistas, fotógrafos, “*video makers*” – produtores de vídeos – podem se candidatar durante o concurso para ingressar na plataforma. Embora não produzam conteúdos textuais, eles são blogueiros como os outros, apenas a linguagem que eles adaptam os diferenciam do resto.

A teoria nos permite ao menos inicialmente aludir ao potencial de autonomia que a produção de conteúdos originais proporciona para os indivíduos. Mostrei que muitos autores das ciências humanas se dedicaram de perto ou de longe ao tema da autoria como fonte de autonomia, e consequentemente de poder. A questão central, sobretudo, é entender que produzir os conteúdos midiáticos originais não é um simples fenômeno de moda, ou mais um meio lúdico usado por jovens para superar o tédio e ocupar seus dias de maneira mais sofisticada. No Brasil, pesquisadores e ONGs se destacam por desenvolverem projetos de inclusão digital em

²⁷ . Os sites de notícias que são as versões digitais de órgãos de notícias tradicionais estão reinventando a produção da notícia, como foi o caso do aclamado *Snow Fall* produzido pelo jornal norte-americano *New York Times*, um longo formato em *parallax scrolling*, ou seja, uma apresentação da notícia que utiliza suportes multimídias ativadas oportunamente ao deslizar o *scroll* do seu mouse.

comunidades carentes nas grandes cidades. Um dos mais destacados é Bernardo Sorj²⁸. Esse autor, como outros, perceberam o potencial que tem na transmissão do conhecimento técnico voltado às novas tecnologias. O desafio para eles é superar outra forma de desigualdade e de exclusão, pois cada vez mais o domínio das novas tecnologias é determinante para acessar o mercado do trabalho, para ingressar nas universidades; de modo que quem não se adapta fica simplesmente para trás tendo cada vez menos chances de voltar no “circuito”. A fratura social é também uma fratura digital no cenário contemporâneo.

De maneira geral, os blogueiros da plataforma Mondoblog estão se apoderando do debate político em seus respectivos países e, inclusive além das fronteiras físicas delimitadas. Blogueiros marfinenses podem intervir no debate público do Mali, um blogueiro congolês pode escrever sobre o fato do “caso Edward Snowden” influenciar a política externa do governo brasileiro²⁹. O processo de empoderamento aparece então como uma oportunidade de revelar novos formadores de opinião. Portanto, o papel dos blogs, especialmente neste último aspecto não difere da importância que tinha a televisão ou a rádio na formação de lideranças públicas e formadores de opinião.

Ademais, o fato da plataforma não definir uma linha editorial preestabelecida favorece a emergência de um espaço de autonomia para os blogueiros. Na medida em que cada um, nos limites da legislação francesa (acerca de questões de antissemitismo, racismo, incentivo ao suicídio, etc.), pode eleger seus temas de redação ou publicar as charges que achar oportunas. A combinação entre dois fatores, a liberdade editorial e a capacitação técnica, constitui o ponto inicial do empoderamento nas plataformas de blogging.

Por isso, comprovamos essa independência editorial da qual se beneficiam os blogueiros num dos momentos mais intensos da política interna da França neste ano de 2015, quando um grupo de terroristas atacou o jornal satírico *Charlie Hebdo*. Embora, a mídia francesa em geral tenha manifestado um movimento de indignação coletiva que chegou a níveis nacionalistas pouco vistos na história do país, e que a RFI, pela sua linha editorial estivesse nessa tendência nacionalista, algumas vozes entre os blogueiros começaram a manifestar sua contrariedade. Foi o caso de Renaud, jovem escritor e blogueiro togolês que atua na plataforma que publicou o texto *Charlie ou Kenya? Eu sou Kenya!*³⁰ em referência aos ataques que o país africanos

²⁸ Consultar a bibliografia completa de Sorj aqui: <http://www.bernardosorj.com.br/en/>

²⁹ Artigo que relata a influência da mídia brasileira na política externa do Brasil durante a crise Snowden: <http://atelier.rfi.fr/profiles/blogs/apr-s-l-affaire-snowden-les-m-dias-orientent-ils-la-diplomatie-br>

³⁰ O texto de Renaud em francês é acessível aqui: <http://renaudossavi.mondoblog.org/2015/04/06/kenya-garissa-charlie/>

vinham sofrendo. Um outro blogueiro perguntou-se: *Por que eles não são também Garissa?*³¹ Um jornalista e blogueiro congolês também publicou um editorial afirmando que *a liberdade de expressão não constituía um cheque em branco para Charlie Hebdo*³², uma forma de responsabilizar os jornalistas de suas produções. Mas a política não é o único tema que os blogueiros abordam, os temas tratados vão da música, ao cinema, passado por texto de humor, texto eróticos e outros artigos que relevam da ficção.

³¹ Acessível aqui: <http://salaudlumineux.mondoblog.org/2015/04/05/pourquoi-les-chefs-detats-africains-ne-sont-pas-aussi-garissa-que-charlie/>

³² Ler o artigo em francês no endereço <http://rdc.mondoblog.org/2015/01/23/liberte-dexpression-nest-pas-cheque-en-blanc-donne-charlie-hebdo/>

CAPÍTULO III

MONDOBLOG NO NOVO CENÁRIO DO WEB-JORNALISMO E A QUESTÃO DA VISIBILIDADE

A sociedade democrática implica a necessidade da criação de espaços de expressão das opiniões públicas, um espaço onde os cidadãos têm seus direitos de liberdade de expressão garantidos, mas além de tudo significa ter cidadãos capacitados. Jurgen Habermas, sociólogo e filósofo alemão, explica esse processo em sua tese de livre docência intitulada *Mudança estrutural na esfera pública*. Neste texto seminal, Habermas analisa o desenvolvimento de uma esfera pública na sociedade inglesa pré-revolucionária, especialmente no final da Idade Média, sendo esta uma das grandes transformações sociais ocorridas no Ocidente e um determinante intransponível para o surgimento da democracia na Europa.

Vemos, como indica Habermas, que a dimensão pública é introduzida na vida dos cidadãos a partir do momento em que,

O sujeito dessa esfera pública é o público enquanto portador da opinião pública; à sua função crítica é que se refere à “publicidade” (Publizität) como, por exemplo, o caráter público dos debates judiciais. No âmbito dos mídias, a “publicidade” certamente mudou de significado. De uma função de opinião pública tornou-se também um atributo de quem desperta a opinião pública; *public relations*, nome com que recentemente foram batizados “os relacionamentos com o público” e que têm por objetivo produzir tal *publicity* (HABERMAS, 2003, p.14).

Portanto, a concepção moderna de democracia exige a existência de uma esfera pública. Na era da globalização e da revolução digital (isto é, a expansão das práticas e usos da internet no mundo inteiro) a necessidade de uma “esfera pública digital” é imprescindível. Habermas também especifica que a esfera pública é fundamentalmente um espaço de “liberdade e de continuidade”. A distinção entre o público e o privado foi introduzida nas ciências sociais modernas por Maquiavel, que separou um espaço da *Res publica* – coisa pública, portanto, uma ética do público - de um espaço privado, do foro íntimo dos cidadãos. Essa separação significava para o filósofo italiano uma forma peculiar de gerenciar os assuntos de relevância pública, ou seja, que tinham a ver com o viver-em-comum (MAQUIAVEL, 2012, p. 30).

Sabe-se desde Francis Bacon que “conhecimento é poder”, portanto, há uma necessidade ética de se ter uma representatividade social em todas as esferas onde se supõe a existência de configurações de poder ou de relações de poder. Neste sentido, a

representatividade de todos os atores sociais nos meios digitais é vital para a democracia. A esfera digital e o mundo digital da revolução da internet precisam ser democratizados na mesma medida que a sociedade como um todo.

É nesse sentido que a iniciativa Mondoblog deve ser compreendida. Isto supõe a capacitação dos jovens internautas fazendo com que eles tenham aptidões para a utilização dos meios digitais. Mondoblog se propõe também a formar formadores e líderes de opinião na África francófona. Por isso, depois da formação que ocorreu em abril de 2013 em Dakar, vários blogueiros foram solicitados em seus respectivos países para ministrar palestras sobre a importância da cultura digital – mais especificamente do desenvolvimento de uma blogosfera de qualidade – no aprofundamento da democracia no continente africano. A necessidade da inclusão no mundo digital está bem explícita na seguinte afirmação de Robin Mansell:

(...) é necessário nos voltarmos mais para a questão das táticas e estratégias que possibilitariam às técnicas digitais de produção sociocultural serem utilizadas para o benefício de todos, mais do que de uma minoria em posição de adquirir as habilidades necessárias para viver num mundo intensamente mediado (MANSELL, 2009, p. 100)

Um dos pioneiros desses estudos sobre novas mídias na área da sociologia é Manuel Castells que afirma já no final dos anos oitenta *que “a emergência das novas mídias reconfigura as relações entre o indivíduo e a mídia, e de certa forma exige um aumento de qualidade”* (CASTELLS, 2009, p. 424). O sociólogo lembra o papel do Estado na emergência das grandes redes de comunicação como a criação da *Minitel* na França, um sistema de videotextos transmitidos entre usuários (Idem, p. 429).

Para o autor, a internet tem uma dimensão social ao criar novas comunidades virtuais com possibilidades de se tornarem físicas, como também cria interesses comuns onde a comunidade se torna o seu próprio fim. Entretanto, Castells apenas começou a abrir as janelas de um imenso campo de estudo cuja amplitude não era perceptível naquela época, mas do qual temos hoje instrumentos para fazer uma análise com a distância histórica necessária.

O livro de André Lemos e Pierre Lévy toma esse distanciamento necessário ao analisar as transformações trazidas pela internet e suas implicações para a democracia e igualdade planetária. Numa visão otimista, os autores *sugerem “a emergência de novos Estados transparentes à serviço da inteligência coletiva”*, o que supõe uma ideia de progresso ético e moral (Idem, p. 35). Para ambos, a internet se torna um elemento fundamental da emancipação humana.

Lemos e Lévy lembram com razão que a internet é o meio de comunicação que passou

pela mais rápida expansão no nível global podendo alcançar hoje mais de 20 % da população mundial. Contudo, os autores afirmam a exigência da coincidência entre essa expansão da comunicação e mais liberdades para as pessoas (idem, p. 44). Para os autores, a emergência de blogs, *wikis*, *podcasts* e outros meios de comunicação reflete a crispação e a frustração causada pela natureza vertical das antigas *mass media* (idem, p. 45). Hoje, as pessoas reivindicam e tomam a palavra para si.

Contudo, a internet não deve ser idealizada. Nela também se reproduzem as desigualdades existentes na sociedade física na qual vivemos³³.

O projeto Mondoblog conta com blogueiros de diversas origens no continente africano, de religiões diferentes e vivendo em diferentes países do mundo; por isso tem um número importante de blogueiros expatriados. De imediato, podemos mencionar a blogueira da Tunísia, Limoune, que administra o blog “*Jeu des citrons*” (Jogo de limões). Em seu blog, a jovem mulher, que usa um pseudônimo, se propõe a dar a palavra aos excluídos que ela encontra em suas viagens entre a Tunísia e a França. Por exemplo, um dos temas que sempre volta em seus escritos é a questão da exclusão da população negra na Tunísia, que conseguiu colocar em pauta suas reivindicações de reconhecimento durante a Revolução do Jasmim que deu início à chamada Primavera Árabe.

Merece também ser mencionada a blogueira do Mali, Fatouma, muçulmana casada com um homem que vive com suas três esposas. Não somente ela reivindica esse estilo de vida, por assim dizer, mas trata também de se posicionar no cenário político do Mali como uma líder de opinião a favor da democracia. Ela produz seus textos em Tombuctu, uma região que foi ocupada por rebeldes tuaregues, mas durante todo esse processo bélico continua se arriscando, publicando suas opiniões acerca do futuro desse país do Sahel. No seu blog, a problemática religiosa, a corrupção do exército no Mali e outras questões políticas ligadas à fragilidade da democracia no país, bem como a questão do racismo no Islã³⁴ são ressaltados com frequência. O machismo ligado à religião muçulmana faz parte dos temas recorrentes que ela aborda apesar

³³ No Brasil, Bernado Sorj é um dos mais proeminentes pesquisadores que se interessou pela reprodução das desigualdades e da pobreza na internet. Ele vem publicando uma série de artigo e livros (a maioria disponíveis em seu website) sobre democratização da internet e inclusão digital. A abordagem de Rousiley Celi Morreira Maia é justamente orientada para essa democratização da internet no Brasil e sua importância nos processos políticos da democracia no país. Apesar de diagnosticarem uma lacuna na produção acadêmica voltada à área das *mass media*, os autores sublinham os efeitos reais da mesma sobre a vida política do Brasil (MORREIRA MAIA & al., 2011, p. 13).

³⁴ A blogueira costuma tratar das relações raciais entre a população negra no Mali e a etnia dos tuaregues. Sua grande crítica contra o filme de Moussa Sissako, *Timbuktu*, foi essencialmente que o diretor passava por cima deste tema e se limitava tão somente em humanizar os rebeldes tuaregues. Ela ironicamente afirmou que o *Timbuktu* de Sissako não era o Tombuctu onde ela vivia. Ver aqui: <http://faty.mondoblog.org/2014/05/16/le-timbuktu-de-sissako-nest-pas-le-tombouctou-ou-je-vis/>

de defender o fato de ter co-esposas em sua casa como um fenômeno cultural legítimo. Ela também prefere manter o anonimato por razões de segurança; sendo isso uma garantia que a plataforma confere a seus blogueiros.

Com isto podemos observar a diversidade da plataforma Mondoblog, que engloba atores sociais muito diferentes entre si, mas que são reunidos pela língua, pela mesma cultura digital e a consciência política que os leva a produzir um conhecimento crítico na blogosfera do continente africano. Ademais, vale ressaltar a paridade que existe no projeto Mondoblog que se colocou a responsabilidade de selecionar um número importante de mulheres para incorporar no grupo de blogueiros.

Para Robin Mansell, não se pode ignorar a relação entre a produção das novas mídias e a configuração do poder: *“Uma nova narrativa sobre as relações de poder parece estar emergindo, ligada tanto à difusão das novas mídias e da internet quanto às expectativas com relação a uma ‘nova política’”* (MANSELL, idem, p. 103).

Contudo, apesar de ser reconhecível o potencial igualitário das TICs e uma mudança do status dos “novos produtores de mídias” como, no presente caso os blogueiros, Mansell admite também o surgimento de novos problemas para o mundo. O empoderamento *on-line* pode produzir dialeticamente o *desempoderamento off-line* (MANSELL, idem, p. 108).

O uso das novas mídias e das TICs varia segundo os contextos e a experiência dos atores envolvidos, portanto, o projeto Mondoblog constitui uma forma de emancipação dos jovens blogueiros e consequentemente dos leitores habituais das mídias mais tradicionais; reivindicando a posição de uma séria alternativa enquanto fonte de informação e espaço de mobilização da opinião pública.

Rumo a uma esfera pública virtual na África

Os blogs surgem num contexto de heterogeneidade social. Daí que favorecem certo pluralismo. Essa pluralidade de opinião seria, portanto, o reflexo de sociedade cada vez mais plurais (MORAIS, 2012). Devo sublinhar também a importância da liberalização do acesso à informação como um fator necessário para a democratização da sociedade, especialmente em Portugal onde a autora, Maria Elsa de Moraes, estudou a emergência dos blogs políticos e a constituição de uma esfera pública em rede (MORAIS, idem, p. 12). Eles favorecem a pluralidade e diversidade na sociedade.

Esse pluralismo de opiniões na esfera pública virtual estaria, de acordo com Moraes, relacionado à utilização de linguagens diversificadas, usando-se artifícios linguísticos como a

ironia, o humor, a poesia, etc. (p. 119). São todas modalidades da linguagem que não aparecem na descrição da esfera pública habermasiana.

Entretanto, a própria autor está consciente dos limites dessa visão idílica da internet quando se refere à sua privatização, à colonização do ciberespaço pelo capital: segundo ela, esses fatores constituem um limite ao potencial democrático da internet (p. 122), a chamada “ditadura da Silicon Valley”.

O que significa uma esfera pública digital? Esta pergunta leva diretamente ao tema central da tese de Jürgen Habermas acerca da emergência na Europa de uma esfera pública. É importante antes de avançar nesse argumento esclarecer que minha intenção não é afirmar que seja possível identificar na África o nascimento de um movimento, seja intelectual ou sociológico similar àquele descrito por Habermas em *Mudança estrutural na esfera pública*. Seria um erro metodológico. E estou, em definitivo, na linha daquilo que Habermas aponta já na introdução da obra quando pretende tratar do “*tipo esfera pública burguesa*” (2003, p. 9).

Concebemos a ‘esfera pública burguesa’ como uma categoria típica de época; ela não pode ser retirada do inconfundível histórico do desenvolvimento dessa ‘sociedade burguesa’ nascida no outono da Idade Média europeia, para em seguida, ao generalizá-la num ideal-tipo, transferi-la a constelações formalmente iguais de situações históricas quaisquer (HABERMAS, 2003, p. 9).

Há aqui uma restrição metodológica de Habermas que impede transpor arbitrariamente o uso de “esfera pública burguesa” a qualquer situação. Portanto, o primeiro esforço metodológico que farei é negar o caráter burguês do objeto do meu trabalho ao qual me refiro como “esfera pública digital”. Os aspectos ideológico e econômico típicos da burguesia são difíceis de mostrar no contexto africano em geral. Excluo, portanto, o uso do termo burguês. Em segundo lugar, é importante ressaltar a necessidade de certas condições básicas para podermos falar de uma esfera pública tal como pretende Habermas. Entre elas, a dimensão da liberdade e do espaço citadino no qual o conceito se aplica. Esses dois aspectos me parecem essenciais.

A internet, provavelmente, é a invenção tecnológica que proporcionou em grande escala a expansão das liberdades no mundo. É uma esfera onde a possibilidade de agenda privada imposta a todos é consideravelmente reduzida.

Obviamente para Habermas, a emergência da esfera pública de maneira geral é possível graças à prévia estabilização de um mercado de trocas tanto de mercadorias quanto de informações (idem, p. 28). E esse fato não pode ser tirado da análise quando analisarmos o

nascimento de um fenômeno similar no continente africano. O sistema de troca de informações que Habermas descreve, num primeiro momento, se resume às entidades econômicas que correspondem a partir de cartas nas quais trocam informações secretas. O autor lembra que a tal sistema falta uma dimensão da publicidade e, no entanto, constitui já no século XIV o início da esfera pública no sistema pré-capitalista (idem, p. 29). Tampouco pode prescindir da existência de condições políticas características da democracia: “*uma esfera pública politicamente ativa precisa de mais do que as garantias das instituições de um Estado de direito*” (HABERMAS, 2014, p. 81).

No prefácio da edição de 1990 de seu livro *Mudança estrutural da esfera pública*, Habermas reconhece a nova configuração social trazida pelos meios eletrônicos:

concluo com uma referência a um estudo original que tem como objeto a influência da mídia eletrônica na reestruturação das interações mais simples. *No Sense of Place* defende a tese da dissolução daquelas estruturas nas quais os indivíduos socializados até agora situavam si a si mesmo se percebiam suas posições sociais. Dessa vez, os próprios limites sociais que formavam as coordenadas elementares do espaço e do tempo histórica do mundo da vida começam a se mover (HABERMAS, 2014, p. 85).

Portanto, temos aqui a ideia claramente exposta de que a internet é uma realidade fundamentalmente nova para ser enquadrada o conceito de esfera pública. O comentário de Habermas data do início dos anos noventa, de tal modo que necessitamos de estudos novos que assumam plenamente a tarefa de uma investigação empírica sobre a emergência de uma *esfera pública digital* no século XXI.

A esfera pública, então, é uma esfera que favorece a troca de informações. E deste ponto de vista, jamais na história das sociedades humanas se atingiu um grau tão elevado de realização dessa possibilidade, com a invenção da internet. A esfera pública tal como Habermas a descreve, seja negativamente ao explicar as razões de seu declínio na Europa, mostra-se um espaço onde o poder do Estado não esteja predominante. Desta maneira, ele se aparenta à esfera do mercado ou mesmo à esfera da sociedade civil. Para Habermas, talvez seja a combinação das características dessas duas últimas.

Há uma evidente similitude entre a esfera pública com o que posteriormente Habermas chamaria de mundo da vida, em oposição ao mundo sistêmico, embora as duas esferas estejam conectadas. Com a reserva de que o autor vê um papel de mediação exercida pela esfera pública na relação de tensão entre a sociedade e o espaço reservado ao poder de Estado:

Antes que a esfera pública assuma expressamente as funções políticas no campo de tensão entre o Estado e a Sociedade, a subjetividade, nascida do

âmbito íntimo das pequenas famílias, forma, por assim dizer, seu próprio público (HABERMAS, 2014, p. 138).

Pode ser temerário assumir a priori que a internet (especificamente, em seus campos de ativismo digital) exerça uma função de mediação eficaz entre a sociedade e o Estado nos mesmos termos descritos por Habermas. Precisaríamos de mais pesquisas para afirmar isso, e as mesmas deverão ter a marca peculiar de cada contexto específico. Como dito antes, o grau do avanço democrático tem sua importância da relevância do ativismo digital num determinado contexto político. As teorias disponíveis divergem sobre os efeitos políticos concretos dos movimentos sociais, por exemplo. Eles têm suas tarefas facilitadas pelas oportunidades históricas ou eles mesmos criam essas oportunidades que ajudam a pôr fim a regimes autoritários. Manuel Castells discute amplamente esta questão tendo como caso principal de análise a *Primavera árabe*.

Mas por hora, volto à questão específica da relação entre esfera pública, sociedade e Estado tal como Habermas a representa:

A linha divisória entre Estado e Sociedade, fundamental para nosso contexto, separa a esfera pública do domínio privado. O domínio público limita-se ao poder público, no qual ainda incluímos a corte. [...] A esfera pública política resulta da esfera pública literária. Por meio da opinião pública, faz a mediação entre o Estado e as necessidades da sociedade (HABERMAS, 2014, p. 140).

Percebe-se a necessidade para o autor de encontrar uma forma de limitar os meios de procedimento do Estado que, em vários lugares, descreve por sua capacidade coercitiva e o seu uso da violência – a polícia –; bem como os meios de operar próprios ao mercado – e com isso, se refere igualmente à sociedade civil, enquanto o lugar onde se desenvolve o direito privado e o direito econômico.

O problema de afirmar que os blogs e até mesmos as plataformas de blogueiros, comunidade de redes sociais possuem esse poder de mediação, ou seja, a capacidade de influenciar consequentemente a política do Estado ou as ações do mercado é que não possuímos material de pesquisa suficiente para isso. Como medir, por exemplo, a influência ou a projeção, a repercussão de um artigo como foi o caso recente de uma matéria que escrevi sobre a situação de crise humanitária vivida pelos haitianos em São Paulo? Em menos de quatro dias, a matéria teve milhares de acesso e pessoas escreveram que depois da leitura aconselharam membros de sua família a não tentar a aventura de expatriação no Brasil.

rfi português do brasil

PUBLICITE

Qual idioma você quer aprender?

inglês Alemão

español Sueco

PRIMEIRA PÁGINA | FRANÇA | BRASIL | ÁFRICA | EUROPA | AMÉRICAS | MUNDO

CULTURA | CIÊNCIAS | ECONOMIA | ESPORTES | RFI MÚSICA | APRENDA FRANCÊS | PROGRAMA

g+1 3

Recomendar 247

in Share 3

Tweet 7

2

BLOGUEIRO AFRICANO NO BRASIL - Artigo publicado em 03 de Agosto de 2015 - Atualizado em 19 de Agosto de 2015

“Situação dos haitianos em São Paulo virou crise humanitária”

RFI

Serge Katembera é um jornalista do Congo que estuda na Universidade Federal da Paraíba. Desde 2013, ele revela suas impressões como um estrangeiro vivendo no Brasil para o projeto da RFI Mondo Blog, que reúne blogueiros do mundo todo



Figura 3: captura de tela do dia 18 de 08 de 2015, a reportagem sobre os haitianos na cidade de São Paulo no site da RFI Brasil. (Accessível neste link: <http://www.brasil.rfi.fr/brasil/20150803-situacao-dos-haitianos-em-sao-paulo-virou-de-crise-humanitaria>).

CARIOCA PLUS

Actualité, Politique et Culture vues du Brésil

QUI SUIS-JE ? CITATIONS ET PENSÉES CARNETS DES LECTEURS LIVRES

La crise humanitaire des Haïtiens de São Paulo

22 mai 2015 Acre, Brésil, Crise humanitaire, featured, Haïti, Haïtiens, Réfugiés, São Paulo 18 Commentaires

55 1.65k 3

Figura 4: captura de tela do dia 18 de 08 de 2015, a mesma reportagem teve uma grande repercussão no meu blog em francês com milhares de compartilhamentos nas redes sociais em poucos dias.

Às vezes, um dirigente reconhece que a leitura de um artigo de blog sobre a avaliação de seu trabalho ou sua percepção para o público obrigou-o a mudar de política, ou pelo menos de comunicação. Assim, vimos vários dirigentes, empresas, organizarem encontros com blogueiros com o intuito de divulgar melhor os efeitos concretos de suas políticas. O caso mais flagrante em 2015 ocorreu quando uma jovem blogueira da Guiné- Conakry, estudante de jornalismo em Toulouse, e acessoriamente membro da plataforma Mondoblog, aproveitou a estadia do ministro da Juventude de seu país na França para realizar uma entrevista de mais de duas horas divulgada em seu blog “*De Vous à Moi*”³⁵ e na plataforma de vídeo Youtube. Além disso, ela ganhou o direito de acompanhar o ministro durante sua turnê na França para observar de perto sua ação para a pasta ministerial. Este é um caso concreto de como os blogs estão ganhando uma relevância jamais vista no continente africano e no mundo em geral. Até poucos tempos atrás, seria impensável uma jovem garota de vinte e três anos entrevistasse um ministro sem ao menos ter uma carteira de imprensa para dar-lhe a autoridade e legitimidade de um meio de comunicação tradicional. E talvez essa visibilidade só seja possível por se tratar de um grande veículo de comunicação. São outros tempos agora.

Muitas vezes, falta a um ministro, um governador ou um prefeito a capacidade de comunicar acerca de suas ações. Muitos governantes africanos simplesmente não dominam os meios de comunicação. E outros simplesmente não possuem a linguagem capaz de tocar um público jovem. Por isso, no caso dos blogueiros da plataforma Mondoblog, muitos têm abandonado o blogging depois de ganhar uma visibilidade relativa, e se dedicam ao marketing político capitalizando sobre o público que criaram em torno de sua rede. Mostrarei mais tarde, de que maneira o blog modifica a identidade dos blogueiros na rede e a forma como ela pode evoluir ao longo dos anos. Apoiar-me-ei num estudo sociológico feito na Coreia do Sul envolvendo mais de trezentos blogueiros.

Por outro lado, nada garante que mesmo tendo uma influência efetiva sobre a esfera do Estado e da sociedade, a esfera pública digital possa trazer consigo valores que representam o bem comum para usarmos um termo rousseauista. As pessoas precisam também estar acostumados com a democracia como método de legitimação do poder público. A África vem de uma experiência curta de independência política e leva certo tempo para fortalecer as práticas democráticas.

Entretanto, não faz falta lembrar que o próprio Habermas abre uma brecha que nos permite estender o escopo da esfera pública a sociedades diferentes. O autor reconhece que sua

³⁵ *Você e Eu*, em português.

análise inicial no meado da Guerra Fria não tomava em conta o pós-Muro de Berlin, por exemplo. Ele admite que nem todas as condições que elenca precisam ser preenchidas para uma operacionalização do seu conceito de esfera pública. Portanto, como já argumentei, a generalização do conceito de esfera pública autoriza que deixemos de lado certos aspectos da esfera pública burguesa nascida no século XVII.

Gostaria de dissertar neste momento acerca do papel da imprensa na formação da esfera pública segundo Habermas. Para esse efeito, vejamos em que termos o filósofo da Escola de Frankfurt define sua função:

A refuncionalização do princípio da esfera pública baseia-se numa reestruturação da esfera pública enquanto uma esfera que pode ser apreendida na evolução de sua instituição por excelência: a imprensa. Por um lado, na medida mesmo de sua comercialização, supera-se a diferença entre circulação de mercadorias e circulação do público [...] (idem, p. 213).

A centralidade da imprensa e dos meios de comunicação na evolução da esfera pública é determinante para Habermas, como vemos. E se nós nos ativermos a este fato, precisamos dar uma atenção especial à revolução produzida pela internet nos últimos anos especialmente na organização da imprensa. Praticamente todos os jornais de notícia no mundo têm hoje sua versão *on-line*, a maioria delas gratuitas. A mudança global da organização da imprensa e da economia da informação é um dos aspectos mais determinantes da época em que vivemos. Nunca antes na história a possibilidade de informar e ser informado (no sentido estrito) foi tão grande. Por outro lado, a gratuidade das notícias *on-line* reconfigura a relação dos consumidores com a notícia.

Discussões recentes na área do jornalismo sobre a necessidade econômica de cobrar uma assinatura para os jornais de notícia evidencia uma problemática séria para o futuro do jornalismo: como fazer com que o público pague por uma mercadoria que pode obter gratuitamente? E mais, com as inovações no ramo das tecnologias da informação e mercado crescente dos aplicativos, o consumidor produz sua própria informação seja para uso privado entre círculos restritos de amigos e familiares, seja para um público maior.

O crescimento em todo o mundo das comunidades de blogueiros confirma essa fronteira tênue entre o privado e o público. Lembremos que blogs são diários pessoais, diários publicados cronologicamente por pessoas comuns. Eles não têm, a princípio, vocação para se tornarem sites de notícias ou de informações locais. Parece, então, que há uma mudança radical em nossa maneira de produzir, consumir a notícia. Até mesmo a expectativa do público sobre “aquilo que

ele quer ler” muda neste novo cenário. Não é um exagero dizer que a África³⁶ é um dos lugares mais afetado por essa “grande transformação” produzida pela difusão da internet numa escala global. Dados trazidos por Castells em seu livro *Redes de indignação e esperança* confirmam essa tendência. Os casos de Tunísia e Egito ilustram esse progresso:

Dado o papel da internet na difusão e coordenação da revolta, revela assinalar que a Tunísia tem uma das mais altas taxas de penetração da internet no mundo árabe. Em novembro de 2010, 67 % da população urbana tinha acesso a um celular e 37 % estavam conectados à internet (CASTELLS, 2013, p. 30).

E no caso do Egito Castells mostra que pouco antes do início das revoltas, ou seja, “*no final de 2010, estima-se que 80 % dos egípcios tinham um telefone celular, segundo a pesquisa do instituto Ovum. Cerca de um quarto das residências tinha acesso à internet em 2009, de acordo com a International Telecommunications Union*” (idem, p. 49). É significativa, a conclusão à qual chega Howard (apud: CASTELLS, 2013), com base em pesquisa comparativa envolvendo 75 países do mundo árabe, e que mostra o impacto das novas tecnologias da internet na transformação da sociedade:

[...] embora estruturados por uma série de fatores contextuais, a difusão e o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) favorecem a democratização, fortalecem a democracia e aumentam tanto o envolvimento cívico quanto a autonomia da sociedade civil, abrindo o caminho para a democratização do Estado e também para os desafios à ditadura. (CASTELLS, idem, p. 82)

Podemos também considerar que a multiplicação de blogs na internet seja a mera repetição da evolução do próprio jornalismo quando passou de um jornalismo de notícia a um jornalismo de opinião e depois para um jornalismo literário. Esse processo descrito por Habermas (idem, p. 214) encontra na emergência dos blogs sua mais recente radicalização. No caso do continente africano em especial, a proliferação dos blogs como meio de expressão social, de expressão de humor, ou seja, de opinião em geral, não está separada, em tudo, da democratização da sociedade. A onda de democratização dos anos noventa prefigurou o que seriam os anos 2010. Primeiro, nos anos noventa, há uma abundância de novas televisões e rádios privadas em todo o continente (FRÈRE, 2008). Os anos 2000 foram anos de transição como ocorreu no mundo inteiro (foram os anos pós 11 de setembro). E finalmente, os anos 2010 viram uma explosão da blogosfera africana e o desenvolvimento de comunidades de blogueiros, ou seja, a emergência de várias redes de atores da produção da notícia na internet.

³⁶ Embora Castells se focalize na Primavera árabe, isto é, na África do Norte, essa afirmação se aplica a muitos países africanos além dessa região, especialmente aos países de língua inglesa.

O elemento determinante da internet enquanto meio de empoderamento, é seu sistema de funcionamento descentralizado que impede a constituição de um “governo oficial da rede”. A internet é fundamentalmente um meio que favorece a descentralização e a constituição de redes. Os jovens ativistas que atuam nos meios digitais se apoiam nessa característica para aumentar sua influência e sua autonomia. Não afirmo que a internet seja essencialmente um meio que produz a liberdade. Contudo, é possível afirmar com a experiência dos últimos anos que as possibilidades de autonomia são infinitas no mundo virtual. E o virtual não é completamente separado do mundo real.

A grande transformação do universo da imprensa e do jornalismo traz um custo cada vez maior da produção da informação. Com isso, a linha de separação entre a esfera mercantil e a esfera pública se reduz. O mesmo efeito se produz com a aproximação da imprensa com o poder do Estado como mostra Habermas. É curioso observar que a inovação tecnológica com a introdução do rádio e da televisão enfraqueceu a imprensa como esfera de autonomia; e ao mesmo tempo é outra revolução das tecnologias da informação com a invenção da internet que parece restituir essa autonomia perdida:

Todavia, na indústria da imprensa, o grau de concentração econômica e sua coordenação tecnológica e organizacional parece abaixo em comparação com os meios de comunicação do século XX – o rádio a longa distância, o cinema falado e a televisão. [...] Essa reação do Estado ao apoderamento de uma esfera pública que caiu sob a influência dos poderes sociais pode ser estudada já na história das primeiras agências de telégrafos (HABERMAS, 2014, pp. 405-406).

Como veremos mais adiante, tem sido essa a relação de boa parte da mídia na França que, ou pertence ao Estado ou recebe subvenção estatal. Além disso, a publicidade, enquanto propaganda tornou-se um elemento central do processo jornalístico. Em 2015, por exemplo, não é raro ler matérias patrocinadas – *Native advertising*³⁷ – sem ao menos saber ou ser informado que a matéria foi encomendada por uma empresa. Trata-se basicamente de uma publicidade disfarçada em notícia – ou como é conhecida, uma informação calcada na *experiência do usuário*. O comentário de Habermas que acabamos de ler remete a outro fato que diz respeito à natureza, ou melhor, à arquitetura das *mass media* como a televisão e o rádio: o problema do agendamento.

³⁷ O jornal americano *New York Times* foi um dos primeiros a tentar a experiência com um longo artigo sobre a série *Orange Is The New Black*, uma criação original da plataforma de vídeo *on demand* Netflix. Acessível aqui: <http://paidpost.nytimes.com/netflix/women-in-mates-separate-but-not-equal.html#.VP3BiGSG9Jk>

Propor outro agendamento?

A tarefa é complicada. Maxwell McCombs foi o autor de uma pesquisa histórica no campo das ciências sociais, em geral, e da ciência da comunicação, em particular, ao lançar a seguinte pergunta: *o posicionamento proeminente de um tema num jornal determina seu impacto na sociedade?* Ele colocava nesses termos a espinhosa questão da percepção do público sobre os assuntos de interesses coletivos prioritários. A pesquisa iniciada na cidade De Chapel Hill na Carolina do Norte em 1967 recebeu vários complementos teóricos desde então. Porém, sua atualidade permanece grande. Basicamente, McCombs se propunha a determinar “*o papel das mass media na formação da opinião pública*” (MCCOMBS, 2009, p. 15).

O livro de McCombs, *Teorria da Agenda: a mídia e a opinião pública* começa com um tom humorístico evidente quando o autor retoma uma frase famosa de Will Rogers, humorista americano: “*Tudo que sei é somente o que li nos jornais*” (MCCOMBS, idem, p. 17). A banalidade da frase reflete paradoxalmente a grande evidência do poder da mídia na prefiguração do imaginário coletivo bem como da pauta política pública.

Afirmar neste texto que a internet tem a capacidade de ampliar drasticamente o alcance da esfera pública bem como de dar autonomia – com todas as implicações que isso envolve como já tratei neste texto, especialmente considerando os argumentos de Gilroy, isto é, o direito para todas as comunidades de propor todo tipo de narrativas com os meios que entenderem como adequados – a milhões de indivíduos através de redes sociais ou de blogs. Entretanto, seria precipitado afirmar tão logo que os blogs – ou seja, a nova arquitetura da internet – têm como vocação superar o agendamento. Muitas vezes, os blogs tratam de assuntos que foram temas dos principais sites de notícias ou de diferentes jornais e agências de notícias. A razão disso parece ser o simples fato de que eles não possuem a mesma logística para alcançar a notícia e tampouco a mesma legitimidade para trabalhar no ramo da produção da informação: “*Para quase todas as preocupações da agenda pública, os cidadãos tratam de uma realidade de segunda-mão, uma realidade que é estruturada pelos relatos dos jornalistas sobre estes eventos e situações*” (MCCOMBS, idem, p. 17).

Apesar de sua independência, os blogueiros muitas vezes são convocados por organizações a produzir matérias em tom pessoal sobre as atividades dessas instituições; o objetivo sendo de alcançar um público mais especializado que tenha desenvolvido uma afinidade com os blogueiros. De fato, isto já aconteceu e tem acontecido cada vez mais na medida em que as empresas, sobretudo na África, começam a se interessar por esses meios digitais e percebem a importância de alcançar, através dos blogueiros já aguerridos da

plataforma, um público jovem que costuma usar tais meios de comunicação. Observei também o interesse crescente dos políticos em utilizar os serviços dos blogueiros de Mondoblog para atingir um novo público. Temos exemplos de alguns que até trabalham oficialmente como conselheiros de diferentes homens políticos africanos. Não há dúvida que eles ganham um posicionamento peculiar no mercado do jornalismo digital, porém, sua influência ainda não é comparável, salvo alguns casos específicos à *dos mass media*.

A pesquisa de Chapel Hill, cujo McCombs foi o iniciador, revelou que entre os eleitores indecisos daquele ano de 1967, *“a saliência dos cinco temas-chaves era virtualmente idêntica à saliência destes temas na cobertura das notícias nas semanas recentes”* (MCCOMBS, idem, p. 23) de tal maneira que o autor chegou à conclusão que havia uma relação de causalidade entre a agenda da mídia e a agenda do público (p. 37). Não quer dizer que o público não tenha a capacidade de julgar por si mesmo e de se forjar uma opinião livre. Para isso, é preciso que o nível de educação seja elevado na sociedade, e mesmo assim não é uma plena garantia.

Para McCombs o caráter inovador de sua pesquisa reside no fato que a Teoria da agenda *“faz uma conexão explícita entre o conteúdo veiculados numa determinada mídia e seus efeitos no público”* (p. 41). Obviamente, o mesmo poderia ser demonstrado sobre o impacto de um blog sobre a vida de uma comunidade, mas a grande diferença parece ser o fato que o blog não pauta o debate público como fariam as grandes agências de notícias.

O sucesso recente, digamos nos últimos dez anos, dos blogs junto a um público de todo modo jovem, encontra-se no motivo que eles rompem com a imagem da grande mídia rotulada como manipuladora; na expressão de Walter Lippmann, *“criadores de uma pseudo-imagem”* da sociedade. Os blogs alavancaram uma forma de credibilidade por pertencerem a indivíduos a priori sem poder, longe de possuírem a logística da grande mídia e, sobretudo, autônoma em relação ao controle do Estado e do mercado. De fato, a pesquisa de Maxwell McCombs o levou a considerar que: *“Os veículos de comunicação são mais do que simples canais de transmissão dos principais eventos do dia. A mídia constrói e apresenta ao público um pseudoambiente que significativamente condiciona como o público vê o mundo”* (idem, p. 47).

McCombs (p. 85) chega a considerar que em alguns casos os jornais, por serem propriedades de pessoas privadas, beneficiam-se de maior credibilidade junto ao público ao contrário dos canais de televisão que muitas estão sob o controle do governo. Hoje, com o advento dos blogs, seria fácil pensar que há uma transferência dessa credibilidade para os blogs? Eu diria que eles disponibilizam uma alternativa para o público na medida eles têm a particularidade de produzirem notícias de proximidade. Portanto, não se trata tanto de criar um novo agendamento o tempo todo, mas em determinados momentos de ser capaz de propor e de

tornar visível uma visão diferenciada e menos corporativa que a da mídia *mainstream*.

Talvez a necessidade desse tipo de “notícia de proximidade” seja uma demanda da época e que, em última análise, seja necessário fazer mais pesquisas sobre o perfil dos leitores de blogs bem como, de modo geral, sua percepção pelo público. Mas, tudo indica que a perenidade dos blogs ao longo dos últimos vinte anos e seu enorme sucesso sejam efetivamente resultado de sua credibilidade para o maior público.

Em certa medida, essa autonomia é hoje duvidosa. Sabe-se que os blogs mais famosos do mundo, que em geral trabalha com a moda desenvolvem relações de cumplicidade com as grandes agências do ramo, alguns são financiados em centenas de milhares de dólares ao ano em razão de sua grande visibilidade³⁸. Pode-se questionar, por exemplo, no caso de Mondoblog, o fato que esse projeto pertence a uma rádio pública francesa, ou ainda em que em várias ocasiões, alguns blogueiros sejam solicitados para trabalhar com personalidades políticas de seus respectivos países (citei o caso da blogueira guineense, mas não é o único).

Gostaria de citar um caso para ilustrar os efeitos do agendamento em caso concretos. Blogueiros, empreendedores e outros ativistas no Mali estão manifestando há mais de um ano sobre o abuso dos preços exercidos pela multinacional de telecomunicações francesa, *Orange Mali*. Comparando os preços e a velocidade da internet no Mali com os preços e qualidade aplicados em outros países da região e perceberam que na Costa do Marfim e no Senegal, internet é cinco vezes mais rápida e também mais barata. Eles iniciaram um movimento cidadão chamado *#Mali100Mega*, criando um site³⁹ onde suas atividades podem ser acompanhadas, disponibilizando, igualmente as correspondências que mantem com as autoridades do país como o Ministério das telecomunicações.

³⁸ Consultar aqui uma amostra dos blogs mais populares do mundo: <http://www.sparringmind.com/successful-blogs/>

³⁹ O site pode ser acessado aqui: <http://100mega.ml/>

La situation chez nos voisins est disparate mais essentiellement bien meilleure. Si la Guinée est à la traine avec un débit plafond à 256Kbps ainsi que le Niger avec un débit similaire au Mali mais un prix doublé, les autres pays font bien mieux :

	384k	512k	1M	2M	4M	8M	10M	20M
MALI	36 000							
SENEGAL			29 900				39 900	
COTE IVOIRE			31 000			46 400	87 600	
MAURITANIE	6 950	12 742	19 691	34 749	57 916			
ALGÉRIE			9 980	13 100	19 962	31 190		
NIGER	83 000							
GUINÉE	-							
BURKINA		41 900	80 400					

GHANA				37 187	49 686	68 437		
MAROC					6 066	9 130		30 577
TUNISIE				4 687	6 250	9 375		15 625
France								13 119

Quadro comparativo com o preço e velocidade da internet disponibilizado numa correspondência com o ministério das telecomunicações do Mali. Acessar aqui: <http://100mega.ml/AMRTP-M100M-01.pdf>

Essas demandas foram recebidas tanto pelas autoridades quanto pela direção de *Orange Mali* que se engajou em retomar as negociações sobre os preços. Por outro lado, a notícia foi divulgada em vários blogs, bem como em site de notícias internacionais como RFI ou *Global Voice*⁴⁰. Vários blogueiros da plataforma Mondoblog participam deste movimento que todavia continuam.

O segundo exemplo tem uma dose de humor negro que contrasta com a situação descrita por McCombs:

Neste caso, o objeto da observação foi uma avalanche de relatos noticiosos durante o verão de 2001, incluindo uma dramática capa da revista *Time*, sobre ataques de tubarões brancos aos humanos. Mas os cientistas marinhos apressaram-se a assinalar que não havia nada de anormal no número de ataques naquele verão além do fato da mídia ter concentrada sua atenção sobre incidentes dispersos. Em comparação, o editorial do *Time* observou que 28 crianças nos Estados Unidos morreram em consequência da queda de aparelhos de televisão entre 1990 a 1997, quatro vezes mais do que pessoas mortas por ataques de tubarões brancos em todo o século XX. Vendo o filme *Tubarões* na TV pode ser mais perigoso do que nadar no mar (MCCOMBS,

⁴⁰ RFI produziu uma reportagem com os criadores do movimento. A reportagem pode ser ouvida em francês no seguinte endereço: <http://www.rfi.fr/emission/20150914-mali-griefs-contre-orange-debit-faible-internet>. A reportagem da *Global Voice* é acessível aqui: <https://fr.globalvoices.org/2015/05/14/174546/>

idem, p. 55).

Esse exemplo citado por Maxwell McCombs além de ser extremamente engraçado revela dramaticamente o caso extremo dos efeitos do agendamento sobre a agenda pública. Evidentemente, os efeitos do agendamento são maiores em contextos de abertura política de acordo com autor (MCCOMBS, idem, p. 66), “*um sistema midiático razoavelmente aberto*”; talvez não seja por acaso que Habermas chegue à conclusão que as mesmas condições são necessárias para a emergência de uma esfera pública. Os mesmos efeitos do agendamento observados no estudo sobre os jornais tradicionais e a televisão podem se aplicar aos sites de notícias de grande audiência. Ou seja, não é bem a internet em si que traz a mudança, isto é, a autonomia do público em relação ao processo de produção da informação; ao contrário, é o uso indeterminado do “meio-internet” que faz a diferença num nível relativamente amplo.

McCombs, na verdade levou adiante as ideias de outros pesquisadores que também perceberam os efeitos dos *mass media* sobre a agenda pública:

[...] Cohen observou que, enquanto a mídia não pode nos dizer sobre *o que pensar*, ela é surpreendentemente bem-sucedida em nos dizer *sobre o que pensar*. Atenção explícita a segunda dimensão do agendamento sugere que ela também nos diz *como pensar* sobre os objetos” (MCCOMBS, idem, p. 115).

Mas devemos pensar, em definitivo, que os blogs resolvem de maneira mais ou menos satisfatória o problema do agendamento. Tentei responder à pergunta inicial dessa sessão relativizando o poder dos blogueiros ao mesmo tempo em que mostrei o caráter inovador de sua atividade que permite com que ocupem um espaço na esfera pública até agora não preenchido, ou demasiada influência pela mídia privada ou estatal. McCombs, de modo geral, apresenta reservas quanto ao fim do agendamento graça à emergência da internet:

[...] assim como ocorreu com muitas previsões anteriores sobre a magia das novas tecnologias como fonte de mudança radical, estas previsões sobre o desaparecimento de qualquer influência do agendamento como força social potente pode simplesmente estar errada (MCCOMBS, idem, p. 224).

Para ele, uma modificação radical da relação entre o público e a notícia virá não de uma invenção tecnológica, mas da própria inventividade dos jornalistas em inventar um “novo tipo de notícia”; argumento com o qual concordo em grande medida já que observamos no campo de jornalismo tentativas inovadoras de informar a partir de uma realidade virtual, por exemplo, para citar apenas um dos casos mais radicais ocorridos nos últimos anos. E como avaliou Francis Pisani⁴¹ há alguns anos atrás, “*os blogs vieram para ficar*”.

⁴¹ Consultar o artigo de Pisani em sua versão portuguesa para o Monde-Diplo Brasil: <http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=837>

Eles têm uma enorme capacidade de renovar seu público, de modificar sua linguagem e de se adaptar a novos contextos sociais e políticos, como observamos no Brasil em junho de 2013, com a proliferação das mídias alternativas que encontraram uma oportunidade durante as manifestações contra o aumento do transporte, e, posteriormente, contra a violência policial, assim como de novas formas de difusão das notícias e diferentes formatos (vídeos, fotos, *vines*, textos, *tweets*, etc.).

Internet e o cenário sócio-político no continente africano

Eventos recentes da geopolítica africana mostram a grande força que constitui a internet no fortalecimento das instituições democrática no continente. Em seu livro *Rede de Indignação e Esperança*, Manuel Castells atentou para esses elementos de mudanças estruturais, em alguns casos enraizados, em outros circunstanciais, mas que precipitaram a queda de regimes autoritários.

Involuntariamente, começava uma iniciativa de ampliação da esfera pública e de abertura democrática tendo em conta o potencial acumulado ao longo dos anos. Sabe-se que o continente africano enfrenta uma profunda crise democrática desde a onda de independência nos anos 1960, quando vários países caíram em regimes ditatoriais de mais de três décadas, alguns persistentes até hoje. E com esses regimes o debate democrático foi abolido.

Coincidentemente ou não, a liberalização dos regimes políticos na África no final dos anos 1980 veio junto com a popularização de uma rede mundial de circulação de informação e trocas de dados conhecida como a internet. E como disse Poster (Apud: MCQUAIL, p. 121), essa nova rede é caracterizada por sua *não determinação*. O que significa que dá margem a uma infinita capacidade de usos e inovações.

Embora até meados dos anos 2000 a diferença do número de usuários da internet na África fosse restrita, o salto dado no continente foi a maior importante vista no mundo em termo de expansão de uma tecnologia. Portanto, a iniciativa Mondoblog que começou como uma simples sessão informal correspondia à essência mesmo dessa (e)-revolução chamada internet. Como indiquei antes, Manuel Castells, se dedicou especialmente à chamada Primavera árabe, o conjunto de revoluções populares que vararam os regimes autoritários na África do Norte começando por Tunísia.

De maneira geral, a análise de Castells, apoiada em dados, trata das mudanças sociais ocorridas nessa região graças ao impacto das redes de militantes espalhados nos diversos cantos da rede internet. Castells percebe, sobretudo, a íntima relação que agora existe entre o mundo

real e o mundo virtual, e entende a internet e as relações que se constituem nesse universo como um meio de se constituir a esfera pública, ou de recuperá-lo, na medida em que o entende como algo perdido. O texto de Castells serve ao meu próprio trabalho para demonstrar concretamente como as redes de blogueiros tiveram um impacto direto na mudança de regime que ocorreu na África do Norte.

Para Castells, um espaço novo se cria nesse cenário onde milhões de pessoas atuam diariamente na rede, um espaço que se configura como um lugar fundamentalmente autônomo (CASTELLS: 2013, p. 18 e p. 82). O autor concebe a internet como uma *“tecnologia de liberdade”*, ou seja, que se configura desde a sua invenção como um instrumento que favorece a autonomia (cfr. p. 82). Esta constituição da internet estaria presente já nos primeiros protocolos inventados para o compartilhamento de dados. Ademais, esse intuito de liberdade seria decorrente do ambiente universitário que determinou o princípio das tecnologias de informação.

Em outras palavras, as redes se constituem como um espaço de liberdade porque se utilizam de instrumentos tecnológicos que remetem a essa característica de autonomia, solidariedade e colaboração: *“A conexão entre comunicação livre pelo Facebook, Youtube e Twitter e a ocupação do espaço urbano criou um híbrido espaço público de liberdade que se tornou uma das principais características da rebelião tunisiana”* (CASTELLS, idem, p. 25). Neste sentido, a internet é um instrumento eminentemente moderno por promover autonomia dos atores sociais.

Entre as razões que levaram os povos do Norte da África a se rebelarem contra os regimes autoritários estão o grande sentimento de injustiça, a miséria, desemprego, a brutalidade policial e a precarização da vida entre os jovens – em sua maioria educada e usuários de novas tecnologias –; pesquisas mostram que 80 % dos egípcios usavam smartphones (CASTELLS, 2013, p. 49).

A rede é um espaço de mobilização que necessita criar passagem para uma mobilização efetiva no mundo real, assim como mostram as revoluções da Primavera árabe. Elas precisam operar como uma alavanca para os movimentos concretos que tragam a mudança na sociedade. Nesse espaço novo de mobilização e militância ocorrem debates públicos entre indivíduos conectados em redes. Os atores da internet têm a particularidade de compartilhar informações e ideias de maneira autônoma, segundo Castells (idem, p. 51). Os movimentos da África do Norte tiveram seus padrões de comportamentos e ações repetidos em diversos países, entre eles a Turquia e o Brasil em 2013, onde verificamos uma quantidade importante de inovações na forma de difusão de informações pelos celulares e outras mídias tecnológicas.

Essas novas formas de atuação ajudaram os web-ativistas a contornarem o bloqueio da internet em país como o Egito e a Tunísia. É verdade que tais fatos não se verificaram no Brasil, mas a repressão policial foi tão importante que exigiu um grau elevado de inventividade aos manifestantes. Desse modo, conclui-se que os movimentos sociais que atuam na rede precisam desenvolver um leque importante de repertórios de ação mostrando dessa maneira uma incrível capacidade de adaptação. O ambiente social cria oportunidades de atuação para esses movimentos populares e militantes, mas os próprios grupos engajados nas redes da internet são capazes de criar essas oportunidades onde a priori não existiam. De fato, Castells reitera *que “[...] o potencial revolucionário da internet só pode ser subjugado por controle e vigilância permanentes, como a China tenta fazer no cotidiano”* (2013, p. 57); o que exige um alto grau de engenhosidade por parte dos atores sociais da rede.

Para Castells, a mudança social ocorre essencialmente pela atuação dos movimentos sociais:

A comunicação em ampla escala tem passado por profunda transformação tecnológica e organizacional, com a emergência do que denominei autocomunicação de massa, baseada em redes horizontais de comunicação multidimensional, interativa, na internet; e, mais ainda, nas redes de comunicação sem fio, atualmente a principal plataforma de comunicação por toda parte (CASTELLS, 2013, p. 158).

Embora, em minha opinião, a rede não sejam necessariamente um espaço de relações horizontais como procuro demonstrar ao longo do trabalho, Manuel Castells acerta ao enfatizar esse aspecto interativo como criador de uma força política capaz de produzir autonomia para os usuários, isto é, independente perante as instituições de poder tradicionalmente estabelecidas na sociedade. Para este autor, a blogosfera da internet cumpre essa função. Além disso, Castells também dá uma ênfase particular ao aspecto local que adotam os movimentos sociais que atuam pela rede, como já indiquei, os blogueiros possuem o potencial para produzir um conteúdo local, embora, sejam também globais já que qualquer um pode potencialmente intervir no debate e agregar ideias. Não é, portanto, extraordinário que qualquer leitor localizado no Brasil intervenha num debate que ocorre na Guiné Bissau. A própria arquitetura da rede propicia este tipo de ação: *“essa autoreflexividade manifesta-se no processo de deliberação das assembleias, mas também em múltiplos fóruns da internet, assim como numa miríade de blogs e grupos de discussão nas redes sociais”* (CASTELLS, idem, p. 164).

Castells deixa claro que a internet, especialmente através da atuação dos movimentos sociais faz emergir uma nova cultura baseada na *“utopia da autonomia”* (idem, p. 166); revelando uma nova característica das gerações presentes, a saber, a evidente *cultura de*

autonomia que permeia a sociedade contemporânea. Talvez um caminho para demonstrar essa relação entre a internet e emergência de uma cultura da autonomia seja investigar mais a fundo o processo de criação dos conteúdos da internet. Tomarei mais uma vez o exemplo dos blogs. Pode-se pensar que a criação de textos originais (isto é, de autoria) em blogs, os quais usam uma linguagem diferenciada que não seja nem jornalístico (por ser mais livre) e nem literário (por não ser tão formalista) seja a manifestação dessa autonomia.

Esse tipo de escritura ganhou o nome de Gonzo jornalismo ao se referir ao lugar que o jornalista ocupa voluntariamente no relato que ele se propõe a publicar. O fotojornalista brasileiro Mateus José Maria, para citar apenas um exemplo, ilustra perfeitamente essa tendência da escrita jornalística através de sua reportagem publicada no site *Medium*, intitulado *O dia em que me tornaram petista*⁴². Neste texto, o fotógrafo se coloca no centro de seu relato de maneira que não há distinção entre os fatos relatados e os sentimentos do autor. Pode-se dizer que o gonzo jornalismo (muito comum entre os blogueiros) subverte as regras do jornalismo, sendo assim um exemplo da relação entre autoria e autonomia. E mais. Talvez seja preciso encontrar novas maneiras de demonstrar essa relação para um estudo de sociologia, lançando mão, se for necessário, de instrumentos tecnológicos disponíveis. Claro, Castells se mostra muito entusiasta quanto ao potencial emancipador da internet: “*Eu afirmo que a internet fornece a plataforma de comunicação organizacional para traduzir a cultura da liberdade na prática da autonomia. Isso porque a tecnologia da internet incorpora a cultura da liberdade, como mostra o registro histórico de seu desenvolvimento*” (CASTELLS, idem, p. 168). O otimismo do autor pode levantar suspeita em alguns leitores; de fato, a crítica nos obriga a olhar com mais parcimônia para essas tecnologias da informação e seus efeitos para a sociedade.

No próximo capítulo discutirei o contexto global no qual se insere o projeto Mondoblog e as possibilidades que se abrem para o campo do jornalismo neste início de século considerando tanto a crise do capitalismo global e informacional quanto as oportunidades que a dita crise oferece para nós.

⁴² Para ler o artigo de Mateus José Maria, consultar neste endereço <https://medium.com/@matheusjosemaria/o-dia-em-que-me-tornaram-petista-e5faa2b4e91>

CAPÍTULO IV

INTERNET E A CRISE DA MÍDIA NA FRANÇA

O contexto midiático na France e as oportunidades na África?

A mídia em geral vive seus tempos de crise que não está totalmente desvinculada da crise geral do capitalismo global. Para Antoine Schwarz (2003, p. 9), autor de um relatório sobre o estado do setor audiovisual na França, a crise no setor está relacionada à contínua desindustrialização no país. O autor do relatório lembra que a mídia, tanto a televisão quanto à rádio se beneficiaram das novas políticas culturais que favorecem, entre outras medidas, o incentivo à produção audiovisual. Neste ramo, se encaixam tanto os programas tradicionais de entretenimento quanto as ficções televisivas. Porém a exportação da indústria para mercados mais baratos continuam sendo a maior dificuldade do setor.

Segundo esse mesmo relatório produzido em 2003, espera-se que as taxas de televisão rendam cerca de 30 milhões para as televisões públicas (SCHWARZ, 2003, p. 10). Essa nova política nacional que visa proteger o setor da cultura consiste entre outros aspectos a oferecer incentivo à produção nacional. Discutiu-se na França a questão da *exception culturelle* – prioridade à produção nacional –, ou seja, uma série de leis que visam proteger a produção audiovisual nacional ao invés de se submeter completamente à legislação cultural da Europa. Por outro lado, se discutiu também a proteção do setor cultural francesa frente à pressão norte-americano e sua forte indústria cultural, isto porque a iminência do *Pacto Transatlântico* abriria completamente o mercado francês às produções americanas que já beneficiam de uma consequente força financeira. Assim, entende-se que “*as produções cujas 80 % das despesas de situam na França beneficiam de um bônus de 25 % do COSIP atribuído*” (SCHWARZ, idem, p. 10).

Desde os anos oitenta o poder político enxergou a necessidade de remodelar o setor cultural na França:

A televisão, até agora, desprezada pelos intelectuais e os políticos, foi considerada como um poderoso instrumento de formação e de cultura. A televisão francesa da época, embora exclusivamente político, era cada vez mais dependente das series americanas em suas programações e, portanto, dos valores que elas veiculavam (é a grande época de difusão das séries em prime time como “Dallas” e “Dynasty”). O “plano TV a cabo” de 1982 implicava que os novos programas pudessem alimentar o setor (SCHWARZ, idem, p. 31).

Antoine Schwarz lembra a peculiaridade dessa nova legislação que tem uma finalidade cultural que é quase único na Europa. O mesmo relatório distingue três tipos de ajuda ao setor audiovisual francês: a ajuda automática que representa mais de 70 % dos casos entre 1997 e 2003, a ajuda seletiva que varia de 12 a 14 % no mesmo período e enfim, os adiantamentos que são reservados às empresas que acabaram sua ajuda automática. Ela é a menos recorrente, segundo o relatório Schwarz (p. 34). Lembrando que a lei francesa se adequa à legislação comunitária da União Europeia que prevê os incentivos prioritários para o patrimônio cultural de cada país. As políticas culturais se aplicam também ao setor midiático.

De forma geral, o setor midiático francês continua a se deteriorar com os efeitos da crise econômica. Na verdade, não se trata apenas da França, mas de uma tendência mundial da precarização do trabalho e do aumento do desemprego. Ademais, observa-se que a contratação dos jornalistas se tornou um luxo no setor. Denis Ruellan tratou abundantemente desse tema. Ele constata, por exemplo, um aumento significativo dos jornalistas *freelance* nas redações:

[...] Esta jurisprudência consistentemente favoráveis aos trabalhadores precários do jornalismo não é estranha ao aumento constante da taxa de *freelance* entre os titulares do cartão profissional; que foi de 5,6% em 1965 (CEREQ, 1975); para 6,3% em 1973 (CEREQ 1975), ela sobe para 9% em 1985 (CCIJP, 1986), 14,7% em 1990 (Devillard et al., 1991) e situou-se em 17,9% em 2000 (Devillard et al., 2001), esta tendência reflete um fenômeno da fragmentação do trabalho, o que confirma a análise do rendimento (A renda média dos *freelancers* em 2000 foi de 10.700 francos contra 14.300 francos para base mensal paga, ou dois terços dos jornalistas que não são cobrados para supervisionar um ensaio ou um serviço (Devillard et al., 2001). O status de *freelance* está se tornando a regra para entrada no ramo (cerca de 16% em 1973, a taxa sobe para 27,7% em 1990 e 31,2% em 1998 (e Ruellan Marchetti, 2001) e poderia chegar a 38% em 2003, de acordo com CCIJP, com um prolongamento significativo do período de "sas", durante o qual o requerente espera, a estabilização do emprego que vem depois de vários anos (de um a dez anos), ou nunca chega; um número muito importante, e provavelmente crescente de jovens abandonam a profissão, porque eles não podem se encaixar em condições aceitáveis tendo segurança de renda (Devillard et al, 2001). A insegurança afeta muitas imprensas generalistas (38% dos novos cartões de trabalho emitidas em 1998) (RUELLAN, 2005, p. 4).

A precarização do setor, a baixa das vendas dos jornais, o crescente aumento do acesso à internet obriga a mídia tradicional a se adaptar, a cortar gastos, muitas vezes a reduzir seu quadro de profissionais contratados e também a oferecer contratos de trabalho a tempo limitado. É preciso também relevar a necessidade hoje, para os sites tradicionais como os dos jornais *Le*

Monde, Libération, Le Figaro ou até mesmo para rádios como a RFI, de ter uma base importante de correspondentes do exterior. A globalização exige uma mídia reativa capaz de noticiar os fatos instantaneamente. Esse fato se agrava com o uso cada vez mais popular de mídias sociais como Twitter. Ademais, os canais de notícias bem como os jornais que tem uma vocação internacional precisam estar presentes em todos os lugares. Além, disso, a internet aumentou tanto o acesso à informação que não é raro um internauta visitar um site de notícia e considerar a si mesmo como mais informado e até mesmo melhor informado do que o jornalista (cfr: Evrard: 2012, p. 17). Por isso, criou-se uma necessidade de valorizar a informação produzida localmente por pessoas que conhecem o contexto e tem certa legitimidade para relatar esses fatos.

Na mesma linha, Patrick Champagne (2000) explica que a precariedade do *freelancer* é tanta que “*ele nem tem tempo de exercer seu trabalho de jornalista na medida em que passa mais tempo correndo atrás da encomenda*” (p. 5). Sendo assim, ele se torna um profissional mais dócil e pronto a fazer tudo aquilo que o chefe de redação mandar.

É neste contexto de precarização que o papel dos blogueiros ganha importância. Um exemplo para ilustrar isso é o fato de que uma rádio como RFI ter apenas um correspondente permanente no Brasil. O jornal *Le Monde*, por sua vez, tem dois correspondentes no Brasil. Neste contexto, ter um, dois ou três blogueiros num determinado país se torna uma vantagem. Me lembro de “cobrir” para a RFI as manifestações de junho 2013 quando a população saiu nas ruas para exigir melhoria nos direitos básicos e comodidades ligadas ao uso das cidades. Nesse dia, fui ao encontro dos manifestantes na função de um repórter embora não tivesse a documentação necessária para exercer essa função. Obviamente, a atividade do blogueiro é limitada na medida em que ele não tem acesso às mesmas fontes oficiais que o jornalista tradicional. Mas a notícia que ele se dispõe a tratar e divulgar é tão específica que prescinde dessas exigências do jornalismo tradicional.

A situação não é muito diferente na Bélgica. Sandra Evrard (2012) fala de uma crise que atinge a todos do setor midiático, mesmo que todos não estejam “morrendo” da mesma maneira. Mas além de uma crise puramente econômica a pesquisadora belga cita também um *encolhimento da legitimidade e autoridade dos jornalistas* (p. 5). Eles perderam sua aura.

Recentemente ouvi uma história de um jornalista francês obrigado a fazer uma entrevista com um jogador de futebol tendo que segurar a câmera ao mesmo tempo em que fazia as perguntas. Isto ilustra os cortes sofridos pelo setor e não significa que são mais bem remunerados. Evrard conta que o jornal inglês “*Financial Times paga seus redatores apenas três dias por semana*”. Em vários países do primeiro mundo, o quadro é o mesmo: “*Jornais*

exigem que seus repórteres produzam tanto quanto ou até mais do que no passado, contribuam para novas edições digitais, para se tornarem fotógrafos e cinegrafistas, além de jornalistas, mas com uma equipe reduzida [...]” (EVRARD, 2012, p. 6).

Mudam também os hábitos de trabalhos, os jornalistas acostumados a ir a campo são agora obrigados a escrever diante de seus computadores, tratando das notícias que as agências de notícias mandam. Sandra Evrard explica que há uma tendência em dispensar o uso dos correspondentes por causa dos gastos que isso representa. Numa situação de crise, o primeiro corte financeiro ocorre em geral no *desk* internacional⁴³.

Yannick Estienne e Emmanuel Vandamme (2010, p. 158, 161), pesquisadores da Escola de Jornalismo de Lille (ESJ Lille) fazem um diagnóstico do estado atual do jornalismo à luz das inovações tecnológicas e constataam que o jornalista do século XXI precisa ser um técnico de informática que domina os códigos de informática, um especialista em manipular as novas redes sociais (Twitter, Facebook, etc.) a ponto de saber captar e mobilizar a atenção dos leitores até criar uma “comunidade de leitores”, além de dominar os múltiplos suportes tais como o texto, o som e a imagem.

Os autores constataam igualmente uma “*convergência numérica*”⁴⁴ – uma tendência geral em migrar para o “*tout numérique*”, ou seja, a adoção generalizada do jornalismo digital como padrão na profissão – da qual talvez não haja uma saída. O ensino do jornalismo não escapa a esse imperativo digital, as escolas de jornalismo na França, revelam os autores tratam de formar profissionais flexíveis, maleáveis e adaptáveis às necessidades da economia digital. Para eles, essa tendência remete àquilo que Luc Boltanski e Chiapello chamaram de “*Novo espírito do capitalismo*”:

[...] eles relevam de um léxico popularizado pela *new-management* que se esforça a fazer a apologia da mudança, do risco e da mobilidade, inspirando-se do *ethos* do artista, como mostram Boltanski e Chiapello em seu estudo sobre o novo espírito do capitalismo. Tanto mais à vontade com esse registro discursivo que ele conforta seu vínculo ao imaginário do jornalista independente e aventureiro, os estudantes são incitados a se espelhar no modelo-tipo do trabalhador autônomo, que preza a inovação, é curioso e capaz de tomar a iniciativa (ESTIENNE & VANDAMME, 2010, p. 165).

Não se trata de outra coisa senão de uma tentativa de minimizar o estágio avançado da

⁴³ Essa afirmação foi feita pelo co-fundador do jornal *Libération*, convidado do programa *Une Fois Pour Toute* na rádio *France Culture* no dia 7 de julho de 2015 <http://www.franceculture.fr/emissions/une-fois-pour-toutes/serge-july>

⁴⁴ A noção de convergência numérica consiste na digitalização das informações em todas as áreas tais como a telefonia, a informática ou o audiovisual.

precariedade no setor do jornalismo. Estienne e Vandamme denuncia a instauração de uma espécie de “*tecno-darwinismo*” fora do qual nenhum jornalista poderia sobreviver.

Internet e a reconfiguração do mercado do jornalismo

A internet modificou drasticamente a forma de se fazer o jornalismo. Não se trata aqui de profetizar sobre o que será o setor daqui a vinte ou trinta anos. Trata-se, na medida do possível, de descrever as tendências já visíveis no setor e a forma como a internet modifica os hábitos dos jornalistas assim como os comportamentos do público que querem cada vez mais interagir com os jornalistas⁴⁵.

Ademais, quero sugerir que a internet constitui uma oportunidade para a mídia tradicional tanto estatal quanto privada na França (rádio, televisão e imprensa). A situação de crise faz com que a mídia na França busque mercados emergentes, especialmente na África francófona, constituindo então uma oportunidade para ela. Ao mesmo tempo, jovens talentosos e letrados; alguns tendo uma formação profissional consegue um espaço onde possam expor seu talento.

Meu objetivo é mostrar de que maneira a internet quebra, na prática, as fronteiras tradicionais da comunicação, especificamente na produção da notícia, de modo que os continentes não estão mais separados como antes estavam. Um jornal na França, uma televisão na Inglaterra ou uma rádio francesa têm hoje a capacidade técnica de contratar uma mão de obra barata no outro lado do planeta. Estou mostrando que África e Europa passam a ser integradas conforme essa relação crise-oportunidade é reinventado graças à internet. De certa forma, o mercado do jornalismo na França – voltando especificamente nesse país – consegue absorver profissionais da imprensa a um custo consideravelmente baixo. Com essa comunidade de blogueiro, a RFI ocupa um espaço inédito e particular nesse novo mercado do jornalismo que está começando a se formar. Mas nada garante que é ela que irá se beneficiar a longo prazo desses blogueiros.

A globalização permite hoje que profissionais dos países antes considerados do Terceiro Mundo adquiram a competência necessária para produzir um conteúdo de qualidade para uma rádio de renome tal como RFI. A distância se reduz a capacidade entre os profissionais se iguala,

⁴⁵ Práticas como o *Social TV* ilustram bem essa tendência no aumento de interação com o público. Essa prática consiste em comentar nas redes sociais um programa que está passando na televisão. Ela ganhou uma enorme repercussão quando a protagonista do seriado americano *Scandal*, Kerry Washington, começou a comentar semanalmente os episódios da série através de sua conta Twitter enquanto a série era retransmitida ao vivo.

ou quando não, existem meios disponíveis para remediar a essas lacunas estruturais e conjecturais. É nesse sentido que as formações organizadas anualmente pelas equipes de RFI na África para capacitar seus blogueiros nas práticas do jornalismo digital consiste numa grande oportunidade para ambas as partes, além de ser uma inovação no setor. De fato, RFI é a única rádio francesa – e isso se vale para todas as outras empresas de comunicação de massa na França – que organiza esse tipo de formações que requer uma grande capacidade organizacional bem como um importante financiamento das diferentes parcerias.



Les blogueurs à Dakar

A primeira turma de blogueiros posa com os formadores (Fonte: Mondoblog.org)

Acessar aqui: <http://mondoblog.org/a-propos/>

Para ilustrar ainda mais como a crise atinge o setor da mídia, Yannick Estienne (HUBÉ, 2010) fez um trabalho de sociologia do jornalismo intitulado *O jornalismo depois da internet* no qual discute as grandes transformações no setor. Não só a notícia pode hoje ser personalizada e direcionada a um público específico (HUBÉ, 2010, p. 376) a partir da utilização de vários algoritmos disponíveis. Ele discute, por exemplo, a questão do faturamento dos conteúdos. Os artigos disponíveis nos sites de informações precisam ser gratuitos? Não existe uma única resposta a essa pergunta.

Tanto na França, nos Estados Unidos ou no Brasil, observamos uma diversidade de soluções. Assim, o *New York Times* e a *Folha de São Paulo* cobram seus artigos após uma determinada cota de leitura que um leitor (identificado por seu IP) atinge por mês. O site do jornal *Le Monde* por sua parte tem uma edição *Abonnés* para seus assinantes. Ainda nos Estados Unidos, um site como *The New Yorker* mantém a total gratuidade de seus conteúdos, salvo

alguns arquivos históricos como, por exemplo, a famosa reportagem de Hannah Arendt para o processo de Eichmann em Jerusalém.

Entre as grandes transformações que a internet trouxe está a existência dos chamados *Pure Player*, ou seja, site de notícias que existem apenas em sua versão Web. Eles podem adotar um modelo gratuito ou uma modelo de financiamento pelos assinantes. O site francês *Rue89* representa um dos modelos mais famosos na França mesmo mantendo sua gratuidade, ao contrário do site de investigação *Mediapart* que além de ser um *pure player*, também reserva quase 100 % de seus conteúdos aos assinantes. A exceção se deve aos blogs visitantes que estão hospedados no site.

Cada empresa escolhe o modelo de financiamento que lhe parece mais adequado. Para os acionários – que são os próprios jornalistas – do site Mediapart especializado em jornalismo investigativo tendo revelado vários escândalos no setor político-bancário, o sistema de financiamento pelas assinaturas garante sua independência. Como se observa, são várias as modificações no setor desde que o jornalismo decidiu utilizar-se da internet.

O trabalho de Estienne, revela Nicolas Hubé, lança a luz sobre as tendências o novo jornalismo que vão além das simples questões do financiamento. A primeira diz respeito ao conteúdo em si:

Yannick Estienne nos mostra como os jornalistas “se converteram” ao marketing. Ele mostra para a Web aquilo que vários trabalhos constataram para a imprensa e a televisão: a preponderância e o domínio de um referencial próprio do marketing nas estruturas de redação como no *ethos* dos jornalistas (HUBE, 2010, p. 377).

A segunda se refere o quadro dos profissionais que se encontram em sua maioria numa situação de precariedade:

Ele mostra, antes, que esses atores, muitas vezes jovens, apaixonados e precários, estão presos no discurso mitológico da modernidade e de vanguarda da revolução tecnológica, favorecendo sua auto-exploração. Ele os qualifica de “jornalistas dominados” (HUBE, 2010, p. 377).

Mídias participativas ou mídias exploradoras?

A crise da mídia é uma também uma oportunidade que se oferece a ela. Assim, por exemplo, vários profissionais da mídia viram no surgimento da internet a ocasião de tentar uma nova maneira de interagir com os leitores. A ideia da mídia participativa vem justamente desse conjunto de possibilidades que a internet oferece. Arnaud Noblet et Nathalie Pignard-Cheynel

(2008) escreveram um artigo no qual analisam essa revolução na área do jornalismo. Esse trabalho os levou naturalmente a mencionar o caso excepcional do programa de rádio *Atelier des Médias* (<https://atelier.rfi.fr>) da RFI que deu origem ao extraordinário projeto Mondoblog.

Estamos como os dois autores afirmam, diante de “(...) práticas implementadas no âmbito da Web 2.0 e que colocam o usuário no coração de dispositivos de criação dos conteúdos” (2008, p. 1). Para um conjunto de autores, trata-se da realização *in fine* das primeiras utopias da internet. A participação se tornou praticamente uma segunda natureza da internet embora o qualificativo “2.0” indique que se trata de uma evolução da rede e também de uma mudança radical na concepção da interação entre jornalistas e seu público. Hoje, é quase impossível imaginar um site que não dê um espaço para os internautas participarem dos processos criativos da notícia. No Brasil, o fenômeno tarda a ser implementado, e talvez isso se deva à falta de pluralidade na mídia brasileira. Contudo, precisaria de mais elementos empíricos para confirmar essa hipótese. No entanto, ao se observar os sites de notícias mais importantes no Brasil, nota-se claramente que eles ainda privilegiam o modelo dos chamados colunistas. Não se pode dar motivos claro para essa resistência, mas uma indicação inicial pode sugerir uma falta da cultura do pluralismo na imprensa brasileira.

Para Noblet e Pignard-Cheynel a participação dos internautas constitui a forma mais visível da horizontalidade exigida na internet:

Além dos discursos e dos efeitos de anúncio, essa onda participativa se incarna nos novos sites de informação, qualificado de *pure players*, cuja linha editorial se apoia explicitamente na contribuição dos internautas “amadores”. Emblemas desta tendência na França, os sites Rue89 (que se auto-qualifica de “site de informação participativa”) e de Mediapart (“Jornal participativo”). Seu ponto em comum é de serem sites controlados por jornalistas que deixam uma parte – mais ou menos – consequente à participação dos “amadores” (NOBLET & PIGNARD-CHEYNEL, 2008, p. 1).

Como dito antes, *Mediapart* e *Rue89* são os sites que simbolizam as novas tendências da participação dos internautas na França, mas é realmente a RFI que trouxe a maior mudança e quem sabe no futuro uma tendência, ou seja, um investimento consequente na formação dos blogueiros. De modo que se tornaria muito redutivo, no caso de Mondoblog, falar em “amadores” na medida em que cada ano, os blogueiros beneficiam-se de uma formação nas técnicas da web-jornalismo.

A forma mais radical dessa participação dos internautas na produção das notícias e dos conteúdos multimídias é certamente o blogging:

Para a imprensa nacional, também, iniciativas recentes mostram um aumento

da consideração do imperativo participativo, como é o caso de lançamento que lançou em setembro de 2008 uma nova versão do seu website com uma forte coloração participativa ou grupo Le Monde que foi lançado em outubro de 2007, LePost um "site que experimenta o diálogo e partilha de dados entre um site e audiência ". Um movimento que não escapa a mídia audiovisual; Entre as iniciativas mais bem-sucedidas em termos de participação incluem o programa Atelier des Médias da RFI (<https://atelier.rfi.fr>) ou o projeto Observadores de France 24. (NOBLET & PIGNARD-CHEYNEL, 2008, p. 2).

Mas qualificar esses atores do Web de amadores é uma visão não atualizada. O exemplo recente do grupo *Le Monde* que criou um site especializado dedicado à África – *Le Monde Afrique* – contratando, entre outros, blogueiros da plataforma Mondoblog, é um exemplo de que a diferença entre o jornalista tradicional e o blogueiro se reduziu, especialmente em termos de suas competências respectivas. Para o público essa diferença tampouco é evidente. Outras formas de participação se destacam como indicam os Noblet e Pignard-Cheynel (2008, p. 4): “*Na sua análise de sites de Le Monde.fr e Liberation.fr Annelise Touboul (Touboul, 2006) destacou alguns dos padrões de participação recorrentes (blogs, chats, fóruns) ”*. Eles distinguem três tipos de participação: a participação-reação, a participação-sugestão e participação-contribuição.

Mondoblog se situa na última categoria embora também se encaixem aí as contribuições de especialistas em colunas e editoriais. Como dizem os autores, esses últimos requerem um grau elevado de especialização sobre determinados assuntos por parte dos contribuidores. O primeiro tipo é o mais tradicional e também o mais usual no Brasil, ou seja, aquela que se refere aos comentários postados pelos internautas na sequência de uma notícia. Essa forma me parece ser a mais frágil também já que vários sites optam ou por moderar os comentários ou simplesmente por suprimir a opção dos comentários em seus sites (NOBLET & PIGNARD-CHEYNEL, idem, p. 5). Mesmo que essa medida radical possa sugerir que o público tenda a “fugir” e procurar sites onde possa realmente participar, num contexto de pouco pluralismo, eles não têm muita escolha e esses sites acabam mantendo a mesma audiência de sempre.

O segundo tipo de participação é a participação-sugestão que vem antes da fase de produção da notícia, quando em geral, os sites de informações pedem aos internautas sugestões para futuros temas. Assim, a notícia é pautada pela audiência, por seu público através de participação em chats, e outros fóruns.

Ademais, nota-se que a “terceira via” de participação é a mais complicada: “*percebe-se que não é evidente escrever artigos, restituir algo. Muitas vezes as pessoas têm histórias para contar ou ideias interessantes, mas na prática, a restituição é mais difícil*” (NOBLET &

PIGNARD-CHEYNEL, idem, p. 7). Por isso, a capacidade que teve RFI em manter motivados seus blogueiros da plataforma Mondoblog é excepcional. De fato, não se trata apenas da qualidade do conteúdo produzido, ou da capacidade dos blogueiros enquanto narradores, mas também de sua motivação. Como manter um grupo de mais trezentas pessoas motivadas ao longo de três anos ou mais. Uma das estratégias dos responsáveis de Mondoblog é criar uma comunidade perene baseada na confiança mútua e nas relações pessoais. Mas também, ficou evidente que um sistema de substituição e renovação da plataforma mediante a seleção anual dos novos blogueiros funciona como uma forma de garantir certa perenidade.

Neste aspecto, tanto *Rue89* ou *Mediapart* não tiveram o sucesso da *Atelier des Médias* de RFI. Mondoblog é considerado uma referência tanto na França quando na África no que diz respeito ao desenvolvimento da mídia participativa e da internet 2.0. Por isso, recentemente, o programa de rádio *Atelier des Médias* foi premiado como o melhor programa na categoria “rádio participativa” na França.

Outro aspecto discutido por Noblet e Pignard-Cheynel é o da justaposição do “conteúdo participativo” ao “site-mãe”, por assim dizer. Até 2013 os conteúdos dos blogs estavam separados do site principal de RFI (<http://www.rfi.fr/>). Contudo, em 2014, RFI operou uma modificação de seus sites e começou a incorporar em sua primeira página o conteúdo proveniente diretamente da plataforma Mondoblog. Esta integração se faz na forma de um link que leva diretamente ao blog cuja matéria é colocada *à la Une* no site de RFI.

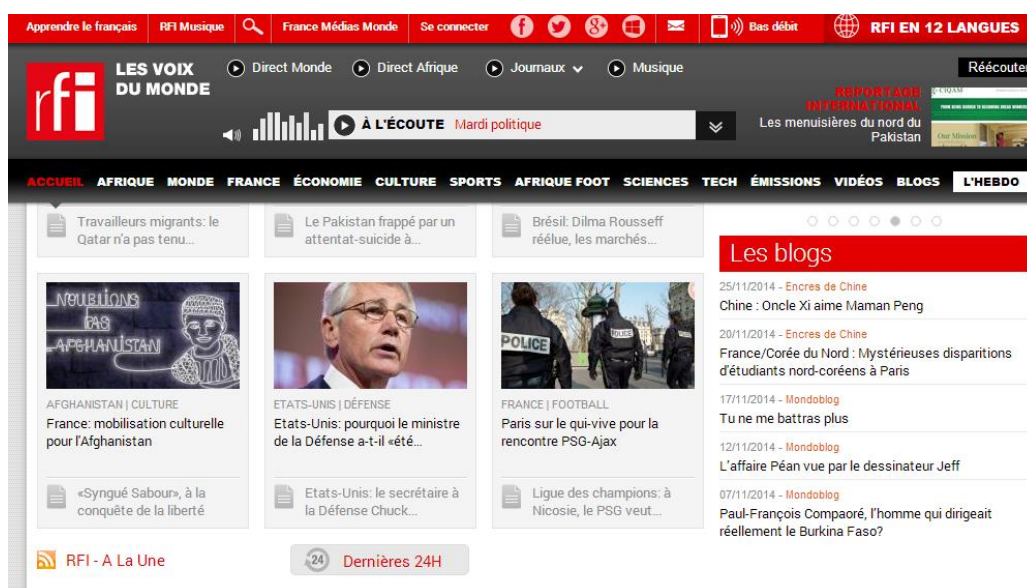


Figura 5: captura de tela. Blogs da plataforma Mondoblog aparecem na página principal da RFI na sequência de blogs de um correspondente da China com vínculo empregatício com a rádio.

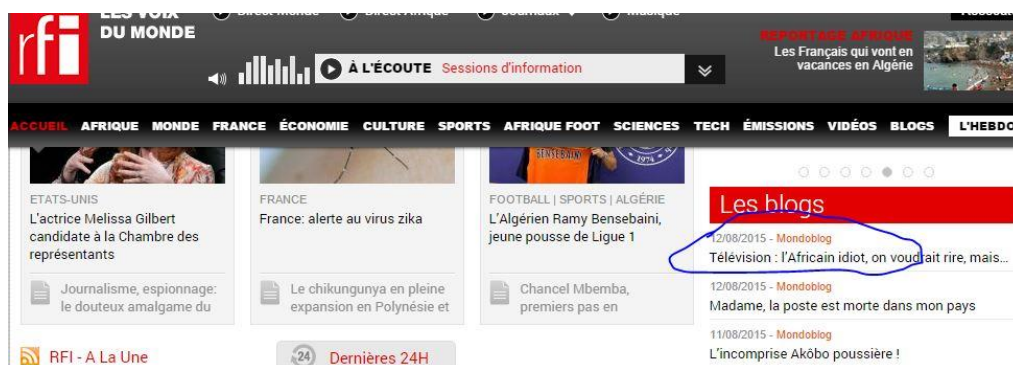


Figura 6: captura de tela de um artigo da minha autoria que aparece na página principal da RFI como se eu fosse um jornalista contratado e remunerado pela rádio.

Como se pode observar nas figuras reproduzidas acima, na coluna vertical à esquerda situada na primeira página do site da RFI, estão relacionados os blogs conforme a cronologia de suas respectivas publicações. Entre eles se confundem blogs dos jornalistas contratados pela RFI, e no caso um correspondente na China (*Encres de Chine*) assim como artigos dos blogueiros não contratados trazendo apenas a menção da plataforma Mondoblog. Ou seja, estão colocados de forma indiferenciada, de tal maneira que para o leitor não fica claro o status profissionais desses diferentes contribuidores. Isto mostra uma mudança radical na forma de se conceber o jornalismo na era da internet além de evidenciar uma lacuna de transparência para com os leitores. Para o público leitor, não há diferença entre o correspondente e o blogueiro, pois ambos estão produzindo um conteúdo de alta qualidade. Entretanto, essa forma de apresentar os conteúdos da plataforma traz outro debate que pretendo desenvolver ao falar da problemática da remuneração dos blogueiros.

O projeto Mondoblog mostra, portanto, que é possível capacitar os internautas e a audiência de um programa de rádio transmitindo competências antes reservadas aos únicos jornalistas. Trata-se de uma forma de empoderamento que se manifesta objetivamente no âmbito da apropriação de formas de escrita típica dos blogueiros bem como em ganho de notoriedade para os mesmos. O que não é caso com os outros sites. O modelo de RFI ganha uma clara especificidade e tenta conferir um salto qualitativo ao “*imperativo participativo*” aprofundando a prática tal como os outros sites se limitam em fazer:

As interações com os conteúdos jornalísticos são quase inexistentes e sua assistência jornalística na formação da participação muito limitada. A gestão é em muitos casos terceirizada por empresas externas (como é o caso do site do Figaro) ou delegada a uma equipe de moderadores não-assalariados do jornal, tendo este pouco contato com a redação (NOBLET & PIGNARD-CHEYNEL,

idem, p. 9).

A equipe da *Atelier des Médias* responsável pela plataforma Mondoblog, além de organizar anualmente um evento de formação dos blogueiros nas práticas do Web-jornalismo – e isso implica uma formação com Reporter Sem Fronteiras (RSF) sobre segurança on line, a verificação da informação, a técnica de administração das plataformas de blogging, bem como dos outros micro-blogs como Twitter – mantém uma equipe permanente em Paris que tem a função de reler os artigos, editá-los (quando apresentam falhas em termos de edição Web).

Apesar de tudo isso, é legítimo se perguntar com Sandra Evrard se o “*jornalismo participativo não seria um meio para os jornalistas profissionais de legitimar o papel de uma profissão em crise, em um mundo onde as pessoas não reconhecem o seu monopólio sobre a notícia*” (p. 18). Como explica a autora, a participação dos internautas ajuda a recriar o laço social entre a mídia e seu público. Entretanto, mostrei que nem todas as organizações conseguem alimentar essa relação de iteratividade. A autora menciona o modelo de participação no Brasil, que segundo ela, constitui um caso de escola – um clássico, por assim dizer –; ela relembra a experiência de uma ONG que criou o projeto *O club do Jornal*. A ideia é fazer com que as crianças se apropriem de uma narrativa pessoal e local, mais voltada a seus interesses coletivamente deliberados, podendo tocar em temas como o racismo, a pobreza ou a religião. Contudo, lembra Sandra Evrard, os responsáveis do projeto se defendem de exercer o jornalismo: “*Ao contrário do que o termo possa sugerir, o Jornal Escolar (Revista Escola) não é jornalismo. A idéia é promover o surgimento da identidade das crianças e sua participação em suas comunidades, em uma perspectiva de mudança social*”. (p. 21).

Este sem dúvidas parece ser o caso de todos os sites franceses de notícia que adotaram esse modelo baseado no “imperativo participativo”. Embora o assunto seja sério, não foi suficientemente tratado pela academia. A própria Evrard não se estende muito embora utilize uma terminologia dura como “exploração no trabalho” para qualificar essa tendência que consiste em usar os blogs gratuitamente para fazer o trabalho que um jornalista formado cobraria caro. Até agora, a plataforma Mondoblog não apresentou uma taxa de “evasão” importante dos bogueiros. Há apenas poucos casos de pessoas que se desligaram voluntariamente dela. De qualquer maneira se um blogueiro decide se desvincular da plataforma sem informar sua decisão, ele continua sendo considerado membro da plataforma. Tirar o site do próprio blog do ar seria maneira mais clara de significar uma desvinculação. Ninguém jamais foi mandado embora. Mas todos os anos, Mondoblog continuam recrutando novos blogueiros majoritariamente na África onde reside a maior audiência de RFI.

CAPÍTULO V

AS DINÂMICAS DE MONDOBLOG E TRAJETÓRIAS DE VIDA DOS BLOGUEIROS

Trajetórias de vida dos blogueiros: entre tempo perdido e novos horizontes

A partir de entrevistas realizadas e um questionário aplicado a vinte e seis blogueiros⁴⁶ discutirei a trajetória de vida de alguns dos produtores de conteúdo da plataforma Mondoblog, mostrando o caminho peculiar que cada um percorreu.

Como já apresentei neste trabalho, a plataforma Mondoblog conta com mais de seiscentos blogueiros repartidos em diversos países do mundo, da África do Sul ao Egito, de Dakar a João Pessoa, da cidade indiana de Bombaim a Montréal no Canadá, passando por Nova Iorque e México. Nem todos os blogueiros são africanos. Muitos são europeus, sul-americanos; a única coisa que têm em comum é “sua paixão pela língua francesa”. Portanto, todos eles contribuem com os conteúdos midiáticos segundo suas próprias competências. A maioria dos blogueiros produzem textos nos quais integram vídeos e fotografias livres de direitos autorais, ou seja, livres de compartilhamento e utilização. A plataforma conta também com a presença de vários cartunistas, entre eles um cidadão gabonês.

Para este trabalho, excluí de antemão todos os blogueiros que não fossem africanos pelo simples motivo que minha pesquisa pretende estudar os impactos das novas tecnologias nos fenômenos de empoderamento na África francófona. O que reduziu relativamente meu campo. Em segundo lugar, considere que deveria selecionar blogueiros que tivessem pelo menos dois anos de atuação na plataforma de tal modo que fosse possível observar no meio prazo os efeitos reais do blogging em suas vidas. Obviamente, têm casos de blogueiros que tiveram uma ascensão social ou profissional significativa. É o caso de um blogueiro beninense que saiu do desemprego para se tornar relator da Organização Internacional da Francofonia (OIF) no Québec.

Porém, nem esses casos excepcionais entram na minha lista. Decidi tomar como amostra 160 blogueiros africanos com os seguintes critérios: ser membro da plataforma Mondoblog por

⁴⁶ Este grupo de blogueiros é diferente do primeiro cujas entrevistas realizei na cidade de Abidjã em maio de 2014. Essas novas entrevistas e o questionários foram aplicados no final do ano de 2015 permitindo uma perspetivação das respostas no longo prazo.

pelo menos dois anos, ter atuação na plataforma com certa frequência – publicando um artigo por mês –, ser proveniente de um país cuja língua oficial é o francês⁴⁷. Desses 160 blogueiros, interroguei dez blogueiros de forma presencial, e outros trinta através de um formulário *online*, homens e mulheres. Este último critério sendo arbitrariamente definido por mim. Essas entrevistas tiveram como foco principal as questões ligadas ao trabalho informacional⁴⁸, a avaliação pelos próprios blogueiros de sua condição, de suas aspirações e frustrações (caso elas existissem). Alguns resultados descobertos graças a essas entrevistas foram amplamente analisados em outro trabalho⁴⁹ que se dedicava à exploração dos blogueiros e as novas dinâmicas do trabalho gratuito na era do jornalismo digital.

É interessante considerar também na análise da trajetória dos blogueiros sua relação como o tempo. No mundo atual, a maneira como as pessoas ocupam seu tempo, a forma como se relacionam a ele é determinante na tomada de suas decisões, na definição de suas aspirações e elaboração dos projetos a longo ou curto prazo⁵⁰:

Em nossa sociedade, há três principais esferas do tempo: o tempo de trabalho, o tempo livre e o tempo de escola, que são, todos, parte do ordenamento do ciclo de vida – a educação corresponde à infância, o trabalho à vida adulta, e tempo livre (aqui, considerado como a aposentadoria) caracteriza velhice (FRANCH & SOUZA, 2015, p. 422)⁵¹.

A própria identidade individual encontra sua expressão na relação com o tempo:

A auto-realização implica o controle do tempo — essencialmente o estabelecimento de zonas de tempo pessoal que têm apenas conexões remotas com as ordens temporais exteriores [...]. A insistência sobre a primazia do tempo pessoal (a *durée* da vida social cotidiana) está em toda parte no livro [...]. "Manter um diálogo com o tempo" é a base da auto-realização, porque é a condição essencial para alcançar a satisfação em qualquer momento — de viver a vida plenamente. [...]. Tanto quanto possível, o futuro deverá ser ordenado exatamente por aqueles processos ativos de controle temporal e interação ativa de que depende a integração da narrativa do eu (GIDDENS,

⁴⁷ Lembrando que temos um blogueiro do Gana e outro angolano. Embora os dois escrevam em francês, não entraram na lista dos blogueiros considerados.

⁴⁸ Para aprofundar esse tema, ver especialmente o artigo de Matos & Katembera (2015)

⁴⁹ Para avançar sobre esse tema ver o artigo de Matos & Katembera (2015).

⁵⁰ Ver maiores explicações sobre noções tais como “ganhar tempo”, “perder tempo”, “matar o tempo”, “preencher o tempo” ou “passar o tempo” em Franch & Souza (2015). Trabalhei com a ideia de que o trabalho informacional dilui a noção do tempo de tal maneira que para os blogueiros, é difícil determinar quando estão trabalhando e quando está realizando atividade ligadas ao lazer. Certas vezes, eles tampouco consideram que estão trabalhando enquanto redigem seus artigos para os blogs. Portanto, não somente, eles gastam um tempo considerável de sua vida produzindo esses conteúdos, como também não conseguem delimitar quando é esse tempo e quando é o tempo do lazer.

⁵¹ Tradução minha.

2002, p. 76).

Em sua análise dos fenômenos ligados à globalização, Zygmund Bauman (1999) também percebeu essa compressão “tempo/espço” como algo sintomático de uma época em que a condição humana se encontrava radicalmente transformada, inclusive a esfera do trabalho onde cada vez mais a flexibilização se torna a regra, sendo necessário “*tornar o trabalho dócil e maleável*”. Vejamos concretamente, qual é a relação do blogueiro com o tempo a partir de uma mostra das perguntas feitas assim que as respostas obtidas quando o tempo foi o tema.

<i>Há quanto tempo escreve no blog?</i>	<i>Quanto tempo leva para publicar uma matéria no blog?</i>	<i>Quanto tempo passa em média por dia na internet?</i>
Desde 2009, 7 anos?	Entre 15 minutos e alguns dias.	15 horas, no mínimo.
4 anos	3 ou 4 horas	8 a 10 horas
Desde 2008	Varia de 2 horas a 3 dias em alguns casos.	3 horas
Desde 2012	Um dia para terminar um artigo. Mudei minha frequência de publicação, agora é um artigo por mês.	2 horas, 6 dias da semana.
8 anos	3 dias	16 horas
Desde 2006 na plataforma OverBlog	<i>Não tenho uma hora particular.</i> É uma questão de inspiração, portanto pode ser no meio da noite.	Enquanto eu estiver acordado.
1 ano e 4 meses	Entre 2 et 4 horas	10 horas
3 anos.	1 mês, em média. Depende.	6 horas...
Quatro anos	Menos de duas horas	20 horas
Faz 5 anos	Às vezes duas semanas, às vezes um mês ou mais. É na base do feeling.	5 horas
Desde 2010	<i>Não tenho uma hora em particular,</i> trabalho em função da atualidade. O	Entre 6 horas et 16 horas por dia.

	tempo para redigir um artigo varia de acordo com o tempo que tenho para as minhas diversas atividades.	
5 anos, comecei em 2011.	Depende do assunto, <i>às vezes preciso de informações complementares</i> (leva mais tempo), às vezes é “na bala”.	5 horas a 7 horas por dia.
5 anos	Entre 30 minutos e uma hora para os artigos de opinião. <i>No caso dos artigos que demandam uma enquete pode levar vários dias.</i>	8 horas em média.
Faz 4 anos	No mínimo, 3 horas por dia.	2 horas
5 anos. Exatamente 5 anos em abril de 2016.	3 horas. Às vezes 3 dias, quando não estou inspirado	5 horas por dia na internet.
5 anos	3 a 6 horas	6 horas
Desde 2013	3 dias	3 a 4 horas
Desde o dia 25 de Abril 2013	Antes, uma semana. Agora, meses. <i>Mas em breve, devo voltar ao ritmo normal.</i>	Incluindo o telefone, 5 a 6 horas
5 anos	Depende da atualidade porque meu blog comenta a atualidade. Um artigo por mês.	10 horas
5 anos	2 horas	6 horas
7 anos (desde 2009).	24 horas.	<i>É muito inconstante; me conecto alguns minutos, depois uma hora, depois me desconecto. Assim por diante ao longo do dia. O acúmulo pode ser duas ou três horas por dia.</i>
Faz 2 anos	20 minutos.	2 horas.
4 anos e meio.	Às vezes 2 horas, às vezes metade do dia, às vezes dias	No mínimo, 5 horas

4 anos	2 horas	5 horas
Desde 2012	<i>Antes eu não tinha computador. Escrevia os artigos no papel, depois levava 2 horas na lane house para digitar e publicar o artigo.</i> Agora, uma hora basta.	<i>Desde que estou morando nos Estados Unidos, posso passar 10 a 14 horas na internet.</i> No Mali, passava 8 horas, isto é, durante as horas em que estava na redação
Quase 3 anos	Depende, às vezes o dia todo, às vezes algumas horas, às vezes dias.	Pelo menos 3 a 4 horas.

Quadra de amostra abordando a questão do tempo.

Como é possível ver nesta amostra, a maioria dos blogueiros exerce essa atividade por pelo menos dois anos, passando em muitos casos de quatro anos, o que testemunha uma grande experiência nas técnicas redacionais próprias da internet. Muitos deles afirmam ter um blog antes de ingressar na plataforma Mondoblog, tendo utilizado plataforma como *Overblog*, *Blogger* ou *Wordpress*. Isso revela que há um investimento a longo prazo por parte dos jovens contribuidores. Esses dados se tornam mais interessantes ainda se os cruzamos com as próximas perguntas que relacionei no quadro.

É interessante atentar para as respostas dos blogueiros quando falam das horas que investem para publicar um artigo. Como comentei nos capítulos precedentes deste artigo, o tempo que os blogueiros passam para produzir um artigo é tão importante que qualificá-lo tão somente de atividade lúdica ou de lazer seria enganoso. De fato, muitos blogueiros nesta lista afirmam levar duas horas, três horas, certo chegam a escrever um artigo durante dias, ou seja, investem qualidade, energia e tempo numa produção não remunerada e que acaba sendo rentável para uma empresa internacional do ramo da informação.

Destaquei algumas das respostas em itálico para chamara a atenção sobre aspectos próprios da nova conjuntura da exploração no mundo do trabalho informacional. Dois blogueiros afirmam, por exemplo, *“não ter uma hora em particular”* para produzir seus artigos. O que equivale em dizer que pode ser menos tempo que uma hora ou mais tempo do que dois dias ou uma semana investindo-se na produção de uma notícia. É justamente a característica do trabalho na era da internet onde o horário clássico do trabalho não é mais um elemento determinante da definição do trabalho. Precisamente, a exploração não se explica mais com noções como o “sobre-trabalho” pois tudo acaba sendo “trabalho”. Não precisamos acatar aqui a interpretação dos blogueiros que não enxergam suas atividades como trabalho.

Nota-se também que um blogueiro e outro afirmam que para redigir certos artigos, eles precisam reunir “*informações complementares*”; outro ainda revela que escreve artigos de investigação, gênero considerado no jornalismo como um dos mais prestigiados e exigentes porque justamente se exerce no tempo longo. Em outros termos, eles indicam um grande investimento pessoal em tempo, dinheiro e logística de todo tipo como, por exemplo, o “blogueiro 27” que revela ter trabalhado por muito tempo sem computador. Nas condições sociais africanas, isto não é uma informação anódina. Temos a indicação de que ele precisou várias vezes pagar a conexão da internet que não é a barato na maioria dos países africanos; ele também deve ter vivido situações estressante como a falta de energia que afeitam bairros inteiros (e, portanto, a perda dos documentos não registrado em *pen-drive* e outros artefatos de armazenamento de dados).

Enfim, temos uma informação que confirma os mecanismos de exploração explicada por Boltanski e Chiapello (2009) ou ainda Antunes e Braga (2009), a saber que os trabalhadores da área da indústria informacional incorporam por assim dizer o discurso dos empresários e acabam legitimando as condições de exploração na qual se encontram. Daí que vemos um blogueiro afirmar que está publicando menos artigos que antes – numa frequência de um por mês – e que pretende “*voltar logo a um ritmo mais normal*” – de um artigo por semana. Há aqui uma situação onde um blogueiro desenvolve uma “consciência do trabalhador dócil” que cobra mais disciplina de si mesmo, sem que ao menos tenha alguém para exigir isso dele.

Finalmente, se olharmos para a terceira pergunta que apresento no quadro acima, nos deparamos com informações interessantes que são sintomáticas da nossa época. Me refiro ao tempo que os indivíduos estão conectados de alguma maneira a uma rede internet nos dias atuais. Revelam por exemplo estar conectado durante 10 horas, 15 horas, 16 horas e até 20 horas por dia; mostrando, portanto, uma grande imersão nas redes sociais e na lógica da internet de uma vida conectada e de certa maneira ao serviço das grandes corporações⁵² da Silicon Valley. Mas, sobretudo, nos interessa aqui notar que o tempo de vida de uma pessoa se define atualmente no tempo que passa conectado. Nesta mesma linha vale destacar a fala do blogueiro que demonstra um grande descontrole sobre seu tempo, na medida em que revela se conectar sem ordenamento claro: “*quinze minutos, depois se desconecta; uma hora e depois se*

⁵² Gostaria de citar agora os trabalhos de um grupo de pesquisadores franceses que vem trabalhando sobre os mesmos temas aos quais me dedico há dois anos, tendo eles popularizado a noção de *Digital Labor* para se referir não apenas ao tipo de trabalho informacional do qual trato aqui, mas igualmente a todos tipos de atividades que produzimos na internet como o simples fato de atualizar seu status de Facebook, fazer uma pesquisa no motor de pesquisa Google, etc. Uma menção especial a Dominique Cardon e Antonio A. Casilli, autores em 2015 do livro *Qu'est-ce que le Digital Labor?* Consultar uma resenha da obra no endereço seguinte: <http://www.inaglobal.fr/numerique/article/quest-ce-que-le-digital-labor-8475>

desconecta; assim por diante ao longo do dia”. O acesso facilitado aos smartphones e outros objetos conectados contribuiu decisivamente a esse quadro.

Destaco ainda que dos trintas blogueiros que responderam às minhas perguntas, seis afirmaram que não pretendem continuar muitos anos colaborando na plataforma Mondoblog, ainda que somente um deseja uma “*reestruturação e adaptação*” [blogueiro 13] do conceito de Mondoblog para poder continuar. Ao passo que outros indicam que salvo um contrato de exclusividade com outro órgão de imprensa continuariam sem problema a escrever na plataforma. Temos, aqui a informação implícita que a concorrência – os outros meios do noticiário da França – consideram a plataforma Mondoblog como um concorrente na produção de informação – embora, formalmente este último não assuma uma relação trabalhista com os blogueiros.

Blog, Competência e capital/prestígio

A notoriedade que os blogueiros ganham em diferentes campos da vida social, seja, enquanto ativistas da sociedade civil, líderes de opiniões ou simplesmente enquanto celebridades merece que olhemos para a questão do “capital/prestígio” que acumulam exercendo. O fato de alguns deles serem celebridades já supõe um carisma que o indivíduo carrega consigo, este fenômeno sendo bastante conhecido especialmente na área dos estudos de comunicação ou do cinema. A “estrela” ou “vedete” constitui um tema conhecido na área.

De certa forma, os blogueiros, ao se apropriarem os meios digitais (que de certa forma constituem as mídias de maior relevância desta época) encontram-se em situações de exposição considerável. Com as entrevistas realizadas com mais de vinte e cinco deles, abordamos o tema da exposição bem como do reconhecimento que acompanha suas atividades. A projeção de suas carreiras respectivas a partir do momento em que se envolveram com o blogging também foi abordada. Embora as respostas variem de acordo com o entrevistado, as revelações não deixam de apresentar informações interessantes para os fins da presente pesquisa:

Sim, é claro. Hoje, eu passo meu tempo explicando aos meus chefes a importância de utilizar as redes sociais para uma melhor visibilidade das nossas ações que somente a mídia tradicional teria dificuldade em divulgar [blogueiro 5]

Sim. Sou hoje, o responsável da comunicação de uma instituição internacional; e meu trabalho inclui a gestão de um site Web e das redes sociais [blogueiro 11]

Meu novo trabalho exige competências relacionadas às ferramentas da internet e das redes

sociais [blogueiro 8].

Ademais, a leitura de Maria da Glória Gohn referente ao conceito de empoderamento traz uma dimensão que dá um lugar proeminente ao envolvimento dos cidadãos com suas comunidades, isto é, de sua capacidade de fazer prevalecer o interesse coletivo. Não é sem motivos que retoma a noção de capital social de Robert Putnam, autor de pesquisas comparativas sobre a expansão de sociedades civis através do mundo (GOHN, 2004, p. 23). Putnam focalizou-se em noções como a comunidade e o envolvimento dos cidadãos. Gohn lembra que essa visão do empoderamento que se centraliza na comunidade civil implica reciprocidades entre os indivíduos: “(...) *essas novas redes associativas também estão contribuindo para o empowerment (empoderamento) dos setores populares em nossa sociedade*” (idem, p. 24-25).

Para Gohn, duas facetas do empoderamento convivem aqui: uma ligada à participação dos cidadãos, ou seja, à sua integração na sociedade; e outra, relacionada à transformação da sociedade através precisamente da ação da sociedade civil (idem, p. 25). Com isso, ações de prestação de serviços comunitários são necessários, numa dinâmica envolvendo conjuntamente Estado e Sociedade civil, segue a autora (GOHN, idem, p. 27). Na leitura da autora, a transformação da sociedade civil enquanto ator participante da vida comunitária e da governança da sociedade reforça a esfera pública na qual o controle institucional está igualmente reforçado (idem, p. 29).

Tudo isso, para Maria da Glória Gohn, implica em atividades organizadas segunda a lógica da rede, o que lhes confere, certamente, uma dimensão proeminentemente moderna. Conversando com os diferentes blogueiros, pode-se notar, facilmente essa reivindicação do “comum”, prevalecendo na sua visão, às necessidades coletivas. Esse aspecto do engajamento dos blogueiros é bastante evidente nas entrevistas. Cada um reafirmando sua “missão” em prol à sociedade. É por exemplo o caso do “blogueiro 15” que enfatiza a importância das relações humanas: “*O treinamento monoblog me trouxe mais sobre relacionamento humano. Encontrar pessoas de universos diferentes como esses blogueiros é uma experiência mais gratificante do que o treinamento propriamente dito*”. “O blogueiro 1” é ainda mais explícito acerca dessa “missão social” cuja falei há pouco, tendo ele desenvolvido um sentimento de responsabilidade com sua própria comunidade: “*Sim, especialmente a consciência do meu lugar na rede e na sociedade. A partir do blog, eu tenho o poder que traz responsabilidades. Então eu tenho que me esforçar no conteúdo que vou publicar, na forma e na qualidade dos meus artigos*”.

O “blogueiro 8” enfatiza a experiência vivida no contato dos outros blogueiros e o compartilhamento de conhecimentos não apenas técnicos, mas também os que dizem respeito

às legislações dos países, o que é sempre um aspecto a tomar em conta para quem trabalha com a informação.

A formação Mondoblog com RFI me permitiu identificar algumas sutilezas associadas com o uso da ferramenta *Wordpress*, mas também saber mais sobre as regras de “escrita web” que é um pouco diferente de simplesmente escrever. Além disso, através de testemunhos de outros blogueiros, eu tive uma ideia das dificuldades enfrentadas por uns e outros sobre a legislação nos seus países, principalmente, mas também oportunidades que blogging lhes deu.



Simon Decreuze et Stéphane (blogueur résidant au Népal) en pleine formation

Oficina de trabalho com um blogueiro (Fonte: Mondoblog.org)

Acessar aqui: <http://mondoblog.org/a-propos/>

Como tentei mostrar ao longo do trabalho, temos que fazer uma distinção entre as percepções dos blogueiros sobre eles mesmos e a leitura que a pesquisa sociológica autoriza desvendar. Nenhum dos dois discursos prevalece sobre outro. Devemos entendê-los como dois planos diferentes da representação da realidade social. Embora os instrumentos teóricos da sociologia me permitam identificar alguns aspectos problemáticos do mundo do trabalho, há também evidências de mudanças na vida dos blogueiros. É dessa maneira que a fala da “blogueira 13” precisa ser analisada revelando uma riqueza de informações sobre os mecanismos que expliquei:

Sim, ela me deu um status como um blogueiro e novos conhecimentos no campo dos blogs, mas também uma ampla agenda de blogueiros amigos espalhados pelo mundo. É a plataforma que me deu a minha chance.

É reveladora maneira como essa blogueira reverencia a formação presencial de Mondoblog, mas essencialmente a plataforma em si que lhe trouxe reconhecimento (seria uma forma de recompensa ou de “remuneração” simbólica), uma rede de amigos blogueiros (ou seja, um rico, capital humano), e finalmente também as oportunidades. De fato, muitos blogueiros acreditam que a plataforma contribuiu mais que qualquer outra organização na vida delas.

É importante notar que as competências transferidas pelos formadores da RFI e outras instituições que participam desses encontros não trazem apenas relações humanas, organização em rede. Eles também contribuem concretamente no aprendizado de técnicas úteis ao trabalho informacional, especialmente no tratamento e publicação de informações online. É isso que vemos na série de respostas dos “blogueiros 3, 16 e 24”:

Ela me trouxe o conhecimento de ferramentas de pesquisa de imagens para ilustrar meus artigos, integrar um vídeo no blog e outros elementos de áudio provenientes de outras redes sociais como *Youtube* e *Soundcloud*. [blogueiro 3]

Sim, muito. Me ensinou a ter uma escrita adaptada a um blog. O tratamento de questões de direito, as responsabilidades do blogueiro. Fui iniciado ao data-jornalismo. Fui também iniciado sobre questões de segurança online. Sem falar das relações e reuniões outros blogueiros ou membros de uma comunidade dinâmica que é o Mondoblog da RFI. [blogueiro 16]

Sim, a formação me ajudou a dominar técnicas de escrita enquanto que a plataforma me trouxe visibilidade. Também aprendi sobre as técnicas de otimização *SEO*⁵³, sobre o processamento visual e a gestão das redes sociais [blogueiro 24].

Dos trinta e sete blogueiros que participaram da enquete, apenas quatro afirmam estarem desempregados neste momento da pesquisa. Seis desses vinte e sete não exercem suas competências voltadas às tecnologias de informação nos seus trabalhos respectivos. Portanto, ampla maioria dos blogueiros aproveitam seus conhecimentos do web-jornalismo e de gestão de redes sociais em seus trabalhos. Isto é um indicador concreto de um tipo de empoderamento que se opera através dos usos das novas tecnologias. Evidencia-se que os o pertencimento a uma plataforma como Mondoblog que beneficia do aparato da RFI em termos de reconhecimento no continente africano traz para os blogueiros uma nova “força moral” frente a seu público que não é avaliável unicamente em termos financeiro, senão que toca a uma esfera distinta seguindo um mecanismo bastante conhecido em sociologia: “(...) *os bens culturais podem estar sujeitos a uma apropriação material, o que pressupõe o capital econômico e a uma apropriação simbólica, que assume capital cultural*” (BOURDIEU, 1979, p. 5). Vejamos

⁵³ O SEO se refere às técnicas de otimização de um site para melhorar seu posicionamento na ordem de aparição nos motores de pesquisa como Google essencialmente.

com alguns exemplos de blogueiros como se dão esses indicadores de reconhecimento e de aquisição de novas competências.

Temos, por exemplo, a blogueira do Mali, Fatouma, que atua na plataforma desde 2013 e tem exercido uma função importante na educação da região em que vive, não apenas em relação ao uso das novas tecnologias, mas também da instrução em geral nas escolas. Ademais, ela vem colaborando com vários meios internacionais como *The Guardian* trazendo sua expertise acerca da região do Sahel. E também temos o “blogueiro 10” de nacionalidade camaronesa, autor do blog “Kongossa”⁵⁴ que encerrou suas atividades na plataforma com o motivo de querer “evoluir”: “*Sim, vou continuar com o blogging, mas não mais na plataforma porque quero ter uma dimensão mais importante*”. Vale mencionar que em 2012, ele foi vencedor do prêmio Bob’s do melhor blog do mundo francófono decernido pela agência *Deutsche Welle*. O “blogueiro 8”, por seu lado vê sua atividade na plataforma mais complicada; e também o “blogueiro 5” que se queixa da exigência dos leitores:

É muito incerto. A decisão de continuar ou de parar não foi tomada ainda. É uma questão de tempo, da minha percepção das coisas que evoluiu e forma como expresso as coisas também mudou. Se eu continuar, terei que fazer uma reestruturação [blogueiro 8].

Meu trabalho é compatível com a atividade da plataforma, sim. E quero seguir nela. Mas tenho que enfatizar que lá atrás de nós tem um público de leitores que pode ser muito exigente de vez em quando [blogueiro 5]

Tem o caso do *Blogueur centro*, do qual devemos relacionar a dois países, primeiro o da naturalidade e o segundo se refere a seu país de residência atual. Original da República Centro-Africana, o blogueiro foi envolvido nas violências que opuseram muçulmanos e cristãos em todo o país, tendo perdido membros da sua família e sendo obrigado a se exilar na França. Este blogueiro tenta até hoje retomar uma vida normal e segue participando regularmente em programas de rádio e televisão em diversos meios franceses. Em 2015, publicou um livro sobre a crise na República Centro-Africana.

Lims, de nacionalidade guineense foi também vencedor do prêmio da *Deutsche Welle* no ano de 2013. O que mostra que de maneira geral, Mondoblog confere reconhecimento a seus blogueiros. A blogueira Josiane do seu lado começou a trabalhar para o grupo *Le Monde Afrique*, a versão africana do site de notícia do jornal *Le Monde*, criada no ano de 2014 para conquistar um novo mercado de leitores africanos.

Eu mencionava nos capítulos anteriores a particularidade de RFI no novo cenário da

⁵⁴ Fofoca numa língua local do Camarões.

economia do jornalismo digital na França. Se todos os grupos de mídias recrutam seus blogueiros *low cost* através do mundo, RFI é o único que organiza anualmente formação de dez dias em algum país da África com dois objetivos fundamentais: aumentar as capacidade dos blogueiros nas técnicas do jornalismo digital, incluindo formações relativas ao data-jornalismo; e também reforçar as relações pessoais entre os blogueiros num primeiro momento, entre os blogueiros e a equipe de Mondoblog em Paris; e também entre blogueiros e diferentes formadores. Pois então, a contratação da blogueira Josiane pelo Jornal *Le Monde* reflete a peculiaridade de Mondoblog que forma profissionais preparados para atuarem para qualquer jornal de notícia consagrado no mundo. Porém, ela revela também a dificuldade para RFI de se “beneficiar” em longo prazo dos blogueiros que contribuiu a formar.

O trabalho não pago e sua justificação

É a trilha desses novos modos de formação do consentimento à exploração que pretendo seguir retomando a análise de Boltanski e Chiapello em *O Novo Espírito do Capitalismo* que, de fato, inauguram esse tipo de abordagem. O argumento do livro se focaliza no aumento da flexibilização do mundo do trabalho e do discurso de justificação que o acompanha (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009, p. 22). Ele trata das mudanças ideológicas que acompanharam as recentes transformações do capitalismo (idem, p. 33); isto é, opera uma descrição da transformação ideológica que fundamentou a globalização como modelo de organização social planetária. Seguindo uma linha weberiana, os autores mostram que a transformações econômicas e sociais trazem sempre um discurso de justificação (quase religioso, neste caso) prévio. Esse discurso, afirmam os autores, se assentou graças ao “*novo entusiasmo pela empresa privada*” (idem, p. 34).

Boltanski e Chiapello lembram justamente, que embora o discurso mude, o capitalismo dos anos 1990 persegue os mesmos objetivos de sempre: acumulação máxima, busca infinita de lucro sobre os excedentes iniciais e por fim, ele se caracteriza pelo trabalho assalariado (idem, p. 36-38).

A mudança é tal que não necessariamente o trabalho assalariado é condicionante de um sistema de produção capitalista, sobretudo no tocante à economia digital. Tais mudanças costumam se cristalizar mediante um discurso de justificação que faz com que os próprios explorados legitimem a situação de dominação na qual se encontram:

Na qualidade de ideologia dominante, o espírito do capitalismo tem, em princípio, a capacidade de permear o conjunto das representações mentais

próprias de determinada época, de infiltrar-se nos discursos políticos e sindicais, de fornecer representações legítimas e esquemas de pensamento a jornalistas e pesquisadores de tal modo que sua presença é ao mesmo tempo difusa e geral (BOLTANSKI & CHIAPELLO, *idem*, p. 84).

Para Boltanski e Chiapello, esse discurso calcado na literatura empresarial é fortemente moral e prescritivo sobre “*o que deve ser e não o que é*”; valorizando uma organização sem hierarquias claramente definidas, libertação dos assalariados (p. 98). Percebe-se a adoção de um discurso amplamente democrático que privilegia uma suposta horizontalidade que coincide com a emergência de uma cultura mundial da comunicação em rede: “*O tema da concorrência e o da mudança permanente e cada vez mais rápida das tecnologias (...) ganham uma amplitude sem precedentes, e em praticamente todos os textos se encontram conselhos para a implantação dessa organização flexível e inventiva (...)*” (*idem*, p. 102-103). As recomendações da ordem são claramente a ideia de trabalho em rede, a participação, o trabalho em equipe, a pluridisciplinaridade, a inventividade, a autonomia ou a reatividade – a celeridade em encontrar soluções e respostas.

Observamos esses princípios organizacionais que tornam as relações de trabalho entre dominantes e dominados opacas na maneira como os blogueiros percebem seu “trabalho” na plataforma. Quanto a isto, é bastante relevante observar que para a maioria dos blogueiros, eles não trabalham para a plataforma Mondoblog.

Mas por que a rede permite tão facilmente estabelecer relações de exploração ao contrário do que postula o discurso neoliberal? De acordo com Boltanski e Chiapello, “*a rede constitui a forma que se focaliza nas relações de maneira a inserir num mesmo gráfico os mais fortes e os mais fracos*” (*idem*, p. 369). Ela opera como uma ilusão de igualdade. Os mesmos autores avançam que:

A exploração continua indetectável. Para encontrá-la, é preciso compreender que a imobilidade de uns é necessária à mobilidade de outros. Um mundo connexionista é habitado por uma tensão muito forte entre o próximo e o distante, o local e o global (*idem*, p. 371).

Contudo, não se pode pensar que essa tensão é imediatamente perceptível aos olhos dos atores envolvidos. Por uma série de fatores, essas relações de conflitos permanecem mais ou menos veladas. A maneira como as novas configurações do sistema produtivo se apresentam dificulta essa claridade:

Os membros de uma mesma equipe não funcionam obrigatoriamente juntos do ponto de vista físico, pois os progressos nas telecomunicações lhes permitem trabalhar a distância. O trabalho aí também se dá “em rede”, pois as fronteiras da empresa se tornam indistintas, visto que a organização parece feita de um

acúmulo de vínculos contratuais de duração maior ou menor” (BOLTANSKI & CHIAPELLO, *idem*, p. 103).

A reflexividade como característica da modernidade, de acordo com Anthony Giddens, embora possa ser verificada na fala de um blogueiro da plataforma entrevistado por mim, é dificilmente visível neste novo contexto do trabalho informacional. Cabe observar que apenas um blogueiro mostrou-se crítico quanto a essa relação com a RFI que é pelo menos problemática:

Meu principal problema quando escrevo na plataforma Mondoblog não é o sistema político camaronês que é um sistema relativamente liberal, que alguns até acham muito liberal em termos de liberdade de expressão. Nunca fui ameaçado em razão dos meus escritos, nada ofensivo ou ameaçador mesmo de maneira implícita. É lamentável que essa iniciativa que é majoritariamente africana (em todo caso, considerando o número dos blogueiros ativos) venha da França; o que periga a independência de certos blogueiros que poderiam abordar temas relacionados ao neocolonialismo. As relações entre a França e a África não são relações de confraternidade; são relações econômicas, e quando falamos de economia nesse contexto, é uma relação neocolonial. Como eu sempre digo, a mão que dá está acima da mão que recebe, portanto, tem assuntos que não abordamos, seja por cortesia ou educação. Tampouco a agenda será africana. [Blogueiro 28]⁵⁵.

O blogueiro levanta vários problemas no andamento do projeto, desde a própria iniciativa que é francesa (através da rádio estatal em questão) aos problemas de independência dos blogueiros, das relações de interesses que ligam os países (França e os países africanos) que não são “amigáveis”, de acordo com ele. Elas são econômicas e neocoloniais. Se este blogueiro mostra evidências de reflexividade, ele também aparece como uma exceção entre os blogueiros interrogados. Ele desenvolveu o argumento crítico mais organizado se consideramos a maneira como expõe suas ideias. Quando afirma que há temas que não abordados, certamente se refere à dificuldade de negociar com a legislação francesa sobre temas como a homossexualidade ou por exemplo o antissemitismo (sobretudo, na maneira como um texto pode ser interpretado). Houve o caso do blogueiro censurado por produzir um artigo que foi considerado homofóbico. O texto foi retirado do ar sem aviso ao autor. Portanto, de certa forma, sempre haverá a possibilidade de alguém interpretar de uma maneira diferente um artigo escrito por um dos blogueiros. As origens diferentes dos blogueiros criam as condições para esse tipo de problemas.

A questão do antissemitismo tampouco é um assunto fácil. De fato, a maioria dos

⁵⁵ Esta entrevista pode ser lida integralmente em Matos & Katembera, 2015.

blogueiros é de origem árabe ou de religião muçulmana, há uma grande probabilidade de serem a favor da causa palestina do que de Israel, por exemplo.

Outros blogueiros que pararam de participar da plataforma respondem que buscam sobretudo uma melhoria econômica. Os problemas políticos, para eles, não parecem ter uma relevância tal qual eles sintam a necessidade de abordar o assunto nas entrevistas. Vale lembrar que este mesmo blogueiro, hoje trabalha para um canal de televisão europeu⁵⁶ que abriu um escritório na África com o objetivo de produzir um conteúdo orientado exclusivamente para o continente.

Porém, em regra geral, o trabalho informacional se caracteriza de tal maneira que essa capacidade reflexiva se desmancha cada vez mais. O discurso dominante entre os blogueiros é, como mostram Boltanski e Chiapello, que eles estão participando da ação da sociedade civil, uma “*ação política*”, eles se consideram como “*porta-vozes dos que não têm um quadro de expressão*”:

A liberdade de expressão na Costa do Marfim foi seriamente afetada nos últimos anos, vários jornalistas foram presos, nos demos conta que a atividade que leva adiante a mensagem dos marfinenses é o chamado *jornalismo cidadão*; ou seja, os blogs. Para mim, a atividade dos blogueiros é um complemento ao trabalho dos jornalistas tradicionais que permite aos não profissionais como nós divulgar a mensagem que os jornalistas não podem ir no contato direto com o público e trazer à tona suas reivindicações. Isso funciona com o blogging. De certa forma, meu trabalho é político, eu emito pontos de vista eminentemente políticos e ao discutir com amigos sobre o público, as pessoas pedem que eu aborde tal ou tal assunto. Portanto, nós blogueiros somos os porta-vozes daqueles que não têm um quadro de expressão, nós carregamos suas expectativas. [Blogueiro 29]⁵⁷.

Apreendi muito sobre a responsabilidade do blogueiro. As questões éticas e deontológicas. Uma formação paralela com um blogueiro mais antigo em Abidjã me ensino a construir uma e-reputação [blogueiro 5].

Esses blogueiros valorizam muito sua função na sociedade e têm consciência da responsabilidade que compete a cada um que possui os meios de comunicação dos quais dispõem. “O blogueiro 5” demonstra um grande sentido de coletividade e um grau elevado de capital social, ou seja, a capacidade de priorizar a vida coletiva.

De qualquer maneira, parece evidente que a destruição constante do mundo do trabalho,

⁵⁶ O canal de televisão *Euro News* abriu uma rede continental na África denominado *Africa News*, empregando essencialmente jornalistas africanos. Podemos incluir essa expansão na linha do que os jornais *Le Monde*, *Le Point* e outros fizeram numa clara visão de conquista do mercado de consumidores africanos.

⁵⁷ Ler a totalidade da entrevista em Matos & Katembera, *idem*.

mesmo quando acompanhada de nomes favoráveis como “deslocamento”⁵⁸, beneficiam ao poder do capital de acordo com Boltanski e Chiapello (idem, p. 239). As pessoas vivem com um medo constante do desemprego. Aumenta consideravelmente o número de trabalhadores subcontratados como mostram a pesquisa dos autores, especialmente na França. Agora, temos caso de trabalhos não-remunerados, em particular na área da economia informacional ou do jornalismo digital. Ou quando há uma remuneração, ela se configura enquanto “remuneração simbólica”. De acordo com Boltanski e Chiapello, terceirizados e subcontratados formam o DNA desse período (p. 243). A questão da “rotatividade” dos membros da plataforma, ou seja, a renovação do quadro de blogueiros mediante um concurso anual, no caso de Mondoblog opera como uma substituição dos produtores de conteúdos informativos e uma renovação das motivações individuais. O fenômeno é agravado pelo fato que a configuração do “emprego” aqui se estende a dois ou três continentes.

Alguns autores levantam a voz contra as mudanças estruturais advindas no mundo da economia digital, mas não reduzem, contudo, a responsabilidade dos trabalhadores. Cota (2014a), por exemplo, faz uma crítica sem concessão à convergência digital em todos os campos da vida: educação e conhecimento, entre eles. Na situação do “não-trabalho”⁵⁹ que se generaliza, ele denuncia a auto-exploração vigente no regime das novas tecnologias (COTA, 2014b); ataca igualmente as *novas formas de obtenção do consentimento à exploração* descritas por Antunes e Braga e radicalizadas por Vivian Abenshusham que redefine a produção de conteúdos midiáticos atuais dos blogs como uma forma de auto-exploração (*self-exploitation*) que opera no nível psíquico e cognitivo, “*gerindo uma necessidade de expressar suas ideias*” (COTA, 2014b).

Os mecanismos de controle psicológicos gerados pela globalização são, aliás, tema de debate para Arjun Appadurai (2004) em seu livro *Dimensões culturais da globalização*. De acordo com seu argumento, a globalização permite uma conjunção de sentimentos e imaginações mesmo por parte de indivíduos geograficamente afastados (p. 20). Os meios de comunicação em massa permitem essa relação de proximidade emocional ela pode se materializar na criação de vários tipos de plataformas que permitam trabalhos coletivos (APPADURAI, idem, p. 21). De certa maneira, Appadurai aponta para a emergência de uma esfera pública típica de uma era pós-nacional (p. 39); para ele, “*imagem, imaginado, imaginário, são todos termos que nos orientam para algo de fundamental e de novo nos processos culturais: a imaginação como prática social* (APPADURAI, idem, p. 48). É

⁵⁸ A expressão em francês é *délocalisation*. Sua principal consequência para o mundo do trabalho é a precarização.

⁵⁹ Ver em *The No-Work Paradox* (2014a e 2014b).

interessante, portanto, ter essa noção, como indica Appadurai, que os fenômenos culturais de globalização; e até mesmo seus aspectos econômicos encontram suas motivações num plano psicológico, imaterial, ideal. Com efeito, se pensarmos nas narrativas que os blogueiros criam para justificarem sua atividade na plataforma Mondoblog, nos deparamos com considerações que revelam uma projeção da imaginação em direção a uma ideal comunitário vivido eventualmente *online* na falta de ser vivida *off-line*.

Construindo um “self” na rede

A atividade jornalística se define basicamente por três funções: coletar, tratar e divulgar a notícia. Para ser ainda mais específico, o trabalho do jornalista consiste em coletar, tratar e divulgar a informação. De tal modo que uma notícia só se torna uma informação uma vez que é tratada segundo as regras da escrita própria a essa profissão. Sabe-se, por exemplo, que a estrutura básica de uma matéria deve corresponder a figura de uma pirâmide invertida na qual a base é mais estreita que o cume. Isto quer dizer que ao escrever uma notícia, o jornalista começa sempre pelo aspecto mais importante para terminar com o menos importante. Também é notória a fórmula básica da redação jornalística, a regra dos “5 W”: *Who, What, When, Where, why*⁶⁰. Em outros termos, quem fez o que, quando, onde e como? A Escrita do blogueiro é mais livre, criativa e inovadora.

No artigo já citado de Nikos Smyrniotis, discute-se o impacto das novas tendências do jornalismo digital e da necessidade de se adaptar à internet e sua influência na escrita dos jornalistas. De fato, os jornalistas escrevem suas matérias pensando nas regras de indexação do motor de pesquisa Google: quais palavras chaves colocar no título? Quais dessas palavras devem aparecer no texto? Adotar um título interrogativo ou afirmativo? A fórmula dita “dos tops” é realmente indispensável?⁶¹

Essas perguntas mudam radicalmente a escrita do jornalista que trabalha na internet da

⁶⁰ As cinco perguntas básicas do jornalista: *Quem?, O que?, Quando?, Onde?, Por que?*

⁶¹ Além disso, conselhos práticos sobre a escrita *google friendly* são dados aos blogueiros. O jornalismo digital obedece a regras de escritas completamente diferentes daquelas conhecidas nas formas anteriores do jornalismo, seja elas no rádio, na televisão ou no jornal impresso. O fato é que escrever *online* exige que se obedeça às regras de otimização que conferem maior visibilidade nos motores de pesquisas. Não faria sentido escrever se você não pode ser lido. Vejamos um exemplo prático. Se eu escolho escrever sobre o tema das publicidades brasileiras e elejo o seguinte título “*A publicidade brasileira é mais machista do mundo*”; recomenda-se, conforme as regras de otimização SEO, que as palavras chaves do artigo tragam ao menos a palavra “publicidade” que deverá ser repetida ao longo do texto várias vezes. Esse procedimento permite que os algoritmos dos motores de pesquisa relacionem facilmente seu texto cada vez que uma pessoa clica para buscar pela palavra-chave “publicidade no Brasil”.

mesma maneira que define a forma como os blogueiros vão redigir suas matérias. A internet impõe uma forma específica de redação que está submetida às regras de indexação dos sites de pesquisa como o Google. Esses motores utilizam algoritmos que têm sua própria compreensão da linguagem à qual os jornalistas e os blogueiros devem se adaptar. Ademais, se um artigo é citado, ele tem mais chance de ser visto pelos internautas e assim continuar sendo citado através de link ou os chamados “*pings*”, que são link de um determinado blog direcionando o leitor sobre outro blog; eles funcionam como citações acadêmicas em notas de rodapé. Quanto mais um artigo é citado mais ele será lido e encontrado nos motores de pesquisa. Os algoritmos de indexação entendem o fluxo de citação e identificam a matéria que todos citam e assim, eles o colocam no topo da pesquisa dos motores.

Não é por acaso que Nikos Smyrniaios (2008) observa certa uniformidade nas chamadas de diferentes sites. O objetivo é ser lido pelo maior número, e nesta lógica quem entender melhor as regras de escrita *google-friendly* estará sempre adiantado. As redações dos jornais aplicam essas regras de escrita adaptadas à linguagem da internet. Por sua vez, os blogueiros mais experientes ou mais bem formados também irão aplicar essas técnicas de redação. Nikos Smyrniaios indica que se trata de *um movimento circular* que engloba sites de notícia e blogs na sua capacidade de informar e comentar indefinidamente a mesma notícia.

Para Smyrniaios, essa circulação da informação predispõe as grandes redações a “*domesticar a blogosfera que serve então de alavanca para as notícias que eles publicam*” (p. 7). É também segundo o autor um motivo suficiente para terceirizar a produção da notícia usando redatores amadores ou blogueiros.

Ao longo dos anos, os blogueiros constroem uma identidade própria a ponto de se tornarem marcas reconhecidas no mundo digital. A identidade que constroem de si mesmo é resultado de negociações junto a centenas de leitores. O blogueiro projeta constantemente uma imagem de si com a intensão de criar um universo que nem sempre é conforme à realidade que vive. Nas diferentes conversas que tive com blogueiros, percebi que não há necessariamente uma premeditação de forjar uma imagem virtual ou uma identidade virtual determinada. Muitas vezes, é a experiência que leva um blogueiro a produzir os conteúdos midiáticos que interessam a seus leitores. Outros preferem não atender a uma demanda externa.

O caso mais emblemático para mim foi uma conversa que tive com uma blogueira argelina residente na França que me informou em 2014 que não escrevia em seus blogs matérias de cunho político embora elas aparecessem como tal para mim. Para ela, o blog era apenas uma maneira lúdica de falar com seu público. Sequer tinha uma agenda claramente definida. A única preocupação que tinha era de ter um número considerável de leitores ou que evidentemente

daria mais sentido ao fato que ela “gastava seu tempo” escrevendo conteúdo na Web. Porém, basta visitar seu blog, *Bled Mickey*, para perceber que suas temáticas são políticas embora usem uma linguagem claramente humorística ou sarcástica. Assim, vemos alguns de seus artigos: *Depois de Baby Doc, vovó Boutef*⁶²; *Em Argélia, a TV pode falar da política, mas não do governo*⁶³; ou por exemplo, *Até que ponto amar o profeta Mohamed*⁶⁴?

Em outras palavras, os temas utilizados têm um sentido político evidente. O primeiro critica o fato do presidente Bouteflika não ser mais capaz de andar sozinho e tampouco de falar por causa da sua longa doença, contudo seus mais fiéis conselheiros asseguram que ele dirige o país. Daí a comparação com o antigo ditador do Haiti, Jean-Claude Duvalier apelidado *Baby Doc*. Usando um jogo de linguagem, ela também apelida Bouteflika de *vovó Boutef*. No outro artigo citado, ela fala da censura na televisão argelina onde praticamente não existe debate contraditório entre a oposição e o governo; menciona em seguida um caso de censura e fechamento de um programa em decorrência do convite a um opositor ao governo. Por fim, vemos um artigo onde ela critica uma manifestação pública organizada na capital de Argélia por alguns islamistas que reivindicaram o status de mártir para um dos autores do atentado contra *Charlie Hebdo*.

Contudo, essa indeterminação não deve surpreender. É até certo ponto algo positivo, pois o blogueiro acaba se descobrindo junto com seu público. No caso dessa blogueira argelina, ela vem produzindo depois de dois anos de atividade na plataforma, textos cada vez mais políticos embora seu ponto forte seja seu humor arrasador e derrisão que se utiliza para falar de seu país.

Num artigo produzido a partir de uma pesquisa com mais de trezentos blogueiros, dois sociólogos sul-coreanos explicam de que maneira os estudos sobre a atividade dos blogueiros mudaram. Jinyoung Min e Heeseok Lee explicam que as primeiras obras escritas sobre usuários da internet os descreviam como homogêneos com tarefas determinadas⁶⁵. No entanto, os autores mostram que a utilização das tecnologias da informação depende em muitos aspectos da autoimagem que cada um produz sobre si mesmo. Os dois autores lançam mão da teoria de da representação do *self* para construir uma experiência de pesquisa inovadora. Segundo os resultados dessa pesquisa, a representação do *self*, a construção de sua autoimagem varia

⁶² Acessível no endereço <http://bledmickey.mondoblog.org/2014/10/06/apres-bebe-doc-pepe-boutef/>

⁶³ Ler aqui: <http://bledmickey.mondoblog.org/2015/04/27/a-la-television-on-parle-de-politique-mais-pas-du-pouvoir/>

⁶⁴ O artigo pode ser lido em francês no seguinte endereço <http://bledmickey.mondoblog.org/2015/01/17/jusqua-quel-point-on-aimer-prophete-mohammed/>

⁶⁵ Alguns usos da internet apareceram quase uma década depois da invenção da internet. Os comentários em fórum não existiam antes pela limitação técnicas, os próprios blogs só aparecem depois.

segundo os usuários, os meios e as tarefas desenvolvidas na internet. Portanto, para eles, trata-se de mostrar como os blogueiros passam por um processo de auto-representação virtual.

Eles partem de uma dupla interrogação. Por um lado, perguntam *como o uso de um artefato afeta a autoimagem*; por outro, *como a auto-representação, a autoimagem afeta o uso do artefato*?

Jinyoung Min e Heeseok Lee consideram desde o princípio que “*blogs são meios de controle da autoimagem*” (MIN & LEE, 2011, p. 2340). A construção dessa autoimagem remete na maioria das vezes à situação na qual os indivíduos se encontram. O blog se torna um meio eficaz de realizar esse fim na medida em que seu formato técnico que permite atualizações diárias, datadas, facilita o desenvolvimento de uma narrativa em tom pessoal, além de fidelizar o leitor.

Outro ponto forte do blog que faz com que garanta sua perenidade na internet, apesar da explosão desse fenômeno, é a liberdade da qual dispõem os blogueiros. Essa liberdade de agendamento cuja falei contribui para tanto. Eles não são jornalistas, não são meros técnicos, não são poetas, não são escritores. Talvez sejam tudo isso ao mesmo tempo em alguns casos. Ou talvez eles sejam também algo ou uma profissão que ainda não existe. De maneira geral, os autores entendem que o blog consiste em duas coisas fundamentais: é um meio, um artefato, um aparato. O blog é também um conjunto de apropriações de códigos sociais da cultura digital.

O aspecto inovador da pesquisa de Jinyoung Min e Heeseok Lee reside no fato de relacionarem a noção de identidade – através da teoria do *self* – com a cultura digital dos blogs. Eles afirmam que “*a partir de um blog, é possível definir a identidade de um blogueiro, sua personalidade*” (idem, p. 2341). Muitos blogueiros, precisamente 52 %, afirmaram que desenvolvem essa atividade virtual para eles mesmos ao passo que 32% informaram que definem sua atividade como uma forma de jornalismo. O que se nota, levando em conta a fala da blogueira argelina que entrevistei, é que há uma imagem que o blogueiro acaba forjando, porém ela não coincide necessariamente com a maneira como esse blog aparece aos seus leitores. De fato, há nesse hiato vários níveis de comunicação que escapam à nossa percepção. Os autores lembram que a autoimagem do blogueiro pode ser baseada em uma imagem privada ou pública. Contudo, há casos em que o mesmo blog reúne vários autores, portanto, falaremos de autoimagem coletiva.

Em termos de metodologia, os autores dividiram os blogueiros segundos os critérios relacionados à idade, ao gênero, ao tempo de blogging (um critério que utilizei para avaliar os impactos da atividade virtual ao longo dos anos), o tempo que se passa para produzir um conteúdo (um aspecto essencial para a análise das questões de trabalho *online* ou trabalho

informacional na era digital). Segundo Jinyoung Min e Heeseok Lee, a atividade dos blogueiros *online*, ao produzirem conteúdos midiáticos, revela a identidade dos blogueiros em determinados momentos. Portanto, pode-se fazer uma análise de conteúdo de diferentes fases do blogging de um autor, considerando, por exemplo, seu primeiro artigo publicado, seu segundo artigo, o centésimo artigo. Há, portanto, uma evolução da autoimagem conforme a maneira como o próprio blogueiro a manipula. A autoimagem, por fim, afeita a forma como os blogueiros usam as tecnologias de informação disponíveis.

Na nova configuração de sociabilidades emergentes graças aos blogs na África, cria-se não apenas novos usos ligados a uma cultura digital, mas igualmente uma “*nova territorialidade que transgrede os limites postos pelo Estado-Nação*” como afirma Denis McQuail (2003, p. 121). Muitas vezes, os governantes africanos não conseguem incorporar esse novo entendimento da esfera democrática do debate pública que vai além das fronteiras físicas; de tal maneira que reivindicam o direito soberano de definir quem participa do debate político em seu país. Em 2015, o músico marfinense Tiken Jah Fakoly foi expulso da República Democrática do Congo porque emitiu uma opinião sobre a alternância no poder nesse país. Vemos claramente uma desconexão das elites com a nova configuração e organização do debate público na África depois da emergência das mídias sociais.

A “natureza” da internet bem como das tecnologias ligadas a ela afeita de forma determinante a identidade dos blogueiros e consequentemente suas atividades. Nesse sentido Denis McQuail que dedica parte de seu livro *Teoria da comunicação de massas* às novas tecnologias explica que “*podemos prever um abrandamento geral e mais independência, afectando especialmente autores e audiências*” (p. 122). Isto supõe que a apropriação das competências necessárias à atividade *online*, especialmente, o trabalho de autoria⁶⁶, isto é, de produção de conteúdo levaria esses autores a adquirirem mais liberdade e independência. Sua relação com seu público também é renovada.

Novas mídias: quando ideias se tornam fatos

Há uma transformação radical da vida coletiva trazida pelas novas tecnologias, e anteriormente a essas, pela edificação da informação como bem primário da vida coletiva. McQuail lembra que vários autores:

Sublinham a “Ideia da Informação” como estando na base da sociedade de

⁶⁶ Ver no capítulo II.

Informação e dirigindo a linguagem pela qual lhe damos sentido. A essência é a facilidade com a qual as pessoas se habituaram a pensar na informação como *coisa*. Assim, falamos de mercados de informação, quantificamos a informação, dedicamos cada vez mais a atenção à propriedade da informação e aos direitos ao seu acesso. (MCQUAIL, *idem*, p. 125).

Percebe-se que a informação enquanto valor incorporou nossa linguagem tanto verbal quanto psicológica e penetra esferas que vão além da economia ou da política. O continente africano encontra-se no centro dessas transformações estruturais. O exemplo citado acima do músico militante Tiken Jah é apenas um dos casos que ilustram essa passagem a um mundo transnacional:

As características dos “novos media”, mencionadas acima, libertam-nos da restrição geográfica na disseminação e abrem portanto bases alternativas para a identificação e formação de redes. As questões-chaves já não estão confinadas às relações sociais e identidades pré-existentes (MCQUAIL, *idem*, p. 127).

Em outras palavras, a territorialidade humana se vê reconfigurada, os atores levados a níveis de atuação que ultrapassam suas nacionalidades, e nisso os blogueiros, especialmente quando se constituem em redes, assumem um papel fundamental. O interesse do trabalho de McQuail é que ele se baseia entre outros em estudos que afirmam a relação entre a natureza das Novas tecnologias e as transformações que trazem na sociedade. Ou seja, o aparato tecnológico físico tem uma incidência real sobre a organização da vida social, política, empresarial, econômica.

McQuail se aproveita das análises de Everett Rogers que define as novas tecnologias segundo três efeitos que imprimem na vida individual e coletiva, a saber: (1) a interatividade (2) a individualização e a desmassificação, trata-se da possibilidade inédita até agora dos indivíduos serem o centro tanto da produção quanto da recepção dos objetos imateriais de informação. O exemplo típico disso é quando, por exemplo, um trabalhador nômade escuta um *podcast* através de seu telefone móvel enquanto viaja de ônibus até seu lugar de trabalho. A mídia não atinge mais a massas de maneira indistinta. (3) A natureza assíncrona⁶⁷ dos novos sistemas de comunicação. (MCQUAIL, *idem*, p. 126).

McQuail, no entanto, ressalva que para Rogers “os “novos media” estão sendo usados da mesma maneira que os “velhos media” de massas, isto é, para vender, publicar, propagandear e persuadir e muito além disso” (p. 126). Talvez seja aqui o ponto discutível das configurações de Rogers ao não perceber como abertas os novos usos que nascem com a difusão

⁶⁷ Os aspectos mais significantes de comunicações assíncronas é que o dado não é transmitido em intervalos regulares.

da internet. Se tomarmos apenas o exemplo dos blogs, e especificamente na plataforma Mondoblog, percebe-se que a maioria dos blogueiros opta por uma atividade política. Ora, o blog não tem em si uma vocação política.

De maneira geral, os blogs mais conhecidos e populares no mundo tratam mais de moda ou bem-estar do que de política; o fenômeno tendo se destacado em países como a China ou o Japão. E de fato as grandes marcas da economia do luxo se aproveitam desses blogs para divulgarem suas atividades. No entanto, na África francófona – há uma diferença nos países de língua inglesa – os blogueiros produzem em grande parte conteúdos políticos. Uma forma também de estar em ênfase com os diferentes contextos políticos nos quais estão inscritos. O que significa justamente um cenário de considerável instabilidade política.

Denis McQuail se pergunta se os “novos media” são uma forma de fragmentação ou de coesão na sociedade? Talvez não seja possível responder de maneira definitiva a essa indagação, porém daremos pistas neste sentido. Há pouco eu afirmava que os blogueiros da plataforma Mondoblog tendem a escrever sobre assuntos ligados à política embora não haja nenhuma injunção neste sentido. Lembro apenas que o livro de McQuail foi escrito em 2003, ou seja, numa data anterior às revoluções da Primavera árabe, da revolução em Burkina Faso ou da crise pós-eleitoral na Costa do Marfim. Esses três momentos históricos são justamente marcos para observar como as mídias sociais contribuíram de forma decisiva aos movimentos democráticos que nasceram nas ruas.

Portanto, não surpreende a seguinte afirmação do autor:

Não é possível e faz pouco sentido caracterizar ou quantificar o “conteúdo” dominante dos “novos media”, seja como for que estes sejam definidos, pela sua diversidade e falta de “audiência” no sentido anterior. Portanto, nenhuma hipóteses podem ser formuladas sobre a direção do efeito (p. 127).

O autor aponta na sequência para a necessidade de se avaliar melhor os efeitos dessas Novas Tecnologias sobre a mudança social. Para ele, não há dúvidas de que elas transformam social e culturalmente a experiência humana. Entretanto é preciso estudar a fundo em que medida isso ocorre. Depois, McQuail avalia que a diversidade da categoria “novos media” e a sua natureza de contínua mudança determinam um limite óbvio a formação de teoria sobre suas “consequências”. A menos que se faça uma distinção básica daquilo que se qualifica como “novo” para se desmarcar dos “velhos media”. Com isso, McQuail elenca cinco critérios para se falar em novas mídias: *“seu grau de interatividade, seu grau de presença social (sociabilidade), seu grau de autonomia, seu sentido lúdico e seu grau de privacidade”* (idem, p. 129).

Quanto à relação entre autor e leitor, a internet traz mudanças que merecem ser comentadas aqui embora elas não sejam tão inéditas em relação às velhas mídias. McQuail (p. 127) entende que *“a perda de direção e controle sobre o conteúdo pelo emissor parece ser crucial”* nesse processo. E de certa forma, essa constatação contrasta com as características dos novos padrões de tráfego da informação segundo J. L. Bordewijk e B. Van Kaan (apud: MCQUAIL, idem, p. 132) e sua relação com a autonomia: (1) a alocação, que diz respeito ao tempo e ao lugar de produção de conteúdo que são definidos pelo emissor com oportunidade relativamente pequena de retroação pessoal. No caso dos blogs, um exemplo se adequa perfeitamente a esse critério. Considerando o momento em que um blogueiro decide bloquear um leitor cujo comportamento julga inadequado à convivência pacífica dos leitores, a chamada “liberdade de moderação”. (2) a consulta, que diz respeito à busca de informação da periferia para o centro. Entende-se que a internet, mesmo em seu momento de apogeu não abole a configuração “centro/periferia”. E para esse ponto, pensemos no exemplo das bibliotecas virtuais ou físicas criadas nas regiões mais remotas do continente africano, muitas vezes sem a necessidade da internet para serem acessadas; a criação de um banco de dados – uma enciclopédia *online*, Afripédia – que também dispensa a conectividade.

Todos esses exemplos citados acima demonstram a efervescência produzida pela ampla difusão das novas tecnologias da informação que permitem um acesso fácil à internet et diminuem radicalmente a distância entre o Ocidente e o continente da África, além de equilibrar as competências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transformação que as Novas Tecnologias da Informação trouxeram para os países africanos já são visíveis, especialmente nos países de língua inglesa. Agora, cabe definir criticamente em que termos, de que formas esse impacto se dá na sociedade em geral. Castells (2013) foi um dos primeiros a fazer um trabalho de fundo sobre o impacto das tecnologias da internet na transformação social da África do Norte, especialmente durante a Primavera árabe. Deixo claro que se não podemos dizer com toda a certeza que são elas que possibilitaram o sucesso ou não do movimento revolucionário na região, é possível afirmar que sem seu aporte e um contexto social onde mais de 80 % da população possuíam um smartphone foi central para a realização desse movimento popular.

Pouco depois observamos em vários países da África sub-saariana como Senegal, Mali, Costa do Marfim ou Guiné Equatorial diferentes movimentos que mobilizaram os cidadãos para reivindicar direitos políticos e sociais. No caso do Mali, por exemplo, que os web-ativistas se mobilizaram para demandar uma conexão internet de mais qualidade e a um preço acessível. Eles colocaram em pauta a própria internet como um direito fundamental para eles porque entender o potencial das Novas Tecnologias na transformação de seus países. Também foi possível observar a importância dos blogueiros e outros ativistas na formação de uma esfera política transparente, especialmente com casos de blogueiros que levaram certos políticos a prestar conta sobre suas atividades.

Apresentei minhas dúvidas enquanto desenvolvia minha pesquisa, sobretudo, do ponto de vista metodológico pois tratava de uma realidade com a qual tenho muita familiaridade. Inicialmente meu desafio era me distanciar de meu ponto de vista de blogueiro e começar a olhar os fenômenos de outra maneira. Mostrei que o paradoxo que consistia, por um lado, em minimizar esse aspecto de familiaridade, e por outro, em reforçar esse olhar para captar o que chamei de forma imprópria de “hábitus do blogueiro”, era justamente o ponto forte deste trabalho. Seguindo essa linha, eu poderia mostrar não apenas essa dimensão de empoderamento que a plataforma Mondoblog trouxe para os atores da rede, como também, a partir de uma visão crítica, indicar os problemas que são colocados pela plataforma. No segundo capítulo do trabalho, assumi a discussão dos conceitos-chaves da pesquisa que foram aparecendo com o tempo, tais como a autonomia (GILROY, 2001 e 2010; FOUCAULT, 2009), o debate sobre a origem e a controvérsia em torno do conceito de empoderamento (CALVÈS, 2009); e sobretudo, como esses conceitos poderiam se aplicar à plataforma Mondoblog.

Tendo em vista a importância que as tecnologias da internet tomaram na África, fundamentalmente com a utilização massiva dos telefones móveis, uma discussão sobre seus efeitos na esfera social era necessária. O terceiro capítulo se ateve a fazer esse debate valendo-se do conceito histórico e teórico de esfera pública digital, inspirado na esfera pública de Jürgen Habermas (2014). Levantei a importância dessas plataformas digitais onde os cidadãos possam se expressar e debater sobre diversos temas da vida coletiva.

No mesmo capítulo me interroguei sobre a possibilidade de ver, com a proliferação dos blogs na África, ver emergir igualmente um outro tipo de agendamento midiático. Ou seja, a possibilidade agora não mais inimaginável de simples cidadãos equipados de um computador e tendo ideias de pautar o debate de uma sociedade seja localmente ou no âmbito nacional. As evidências do campo mostraram que essa capacidade de definir a agenda ainda não foi transferida para os blogueiros. A maioria continua sendo comentadora das notícias veiculadas na mídia tradicional. Seu trabalho consiste, portanto, a elaborar uma espécie de discurso decodificado, um entendimento diferenciado da informação, preferencialmente local.

Como mostrei no quarto capítulo, o mercado do jornalismo francês está em crise e encontrou no continente africano um novo eldorado para expandir suas atividades. Operações de gestão midiáticas que começaram na França como uma simples participação dos internautas nos sites de notícias evoluiu para algo mais complexo que se encontra na fronteira entre o trabalho gratuito e a participação, justamente; e com isso, a capacitação dos leitores. Autores como Yannick Estienne (2010) e Evrard (2012) indicaram que as redações se dividem agora entre produtores profissionais (jornalistas contratos e formados) e contribuidores “amadores”, embora este último qualificativo não seja mais representativo à realidade. De fato, como qualificar os blogueiros da plataforma Mondoblog como amadores quando muitos deles têm a competência de uma jornalista profissional, produzem conteúdos midiáticos que alcançam um público muito maior que a vários jornalistas ditos profissionais. É preciso sair dessa tipologia e olhar para a realidade como ela se manifesta a nós.

Observei também que muitos grandes jornais de notícias e televisão abriram polos exclusivamente “africanos” tal como *Le Monde Afrique*, *Le Point Afrique*; ou ainda o mais recente, a criação de uma emissora de televisão derivada da europeia *Euro News: Africa News*⁶⁸. Esses polos têm recrutado seus jornalistas, entre outros lugares, na plataforma Mondoblog. RFI se destacou dessas outras emissoras quando começou a formar seus próprios contribuidores.

⁶⁸ Le Monde Afrique et Africa News recrutaram blogueiros na plataforma Mondoblog

Portanto, tem uma influência direta no fato de alguns deles terem conseguido um emprego melhor depois. Mesmo assim, não se pode esquecer que muitos dos blogueiros trabalham em situação precária, de modo que caberia encontrar soluções para que a situação deles seja regularizada. Seria válido se perguntar se estamos diante de mídias participativas ou mídias exploradoras. As entrevistas que realizei com eles mostram que a maioria não questiona as relações de exploração que se estabelecem com a plataforma Mondoblog de RFI, contudo, há vozes que aparecem e indicam frustrações a ponto de abandonar a plataforma ou reduzir drasticamente suas atividades. Viu-se igualmente um blogueiro questionar a relação desigual entre RFI e os blogueiros apontando para a história colonial da França, bem como para os interesses econômicos. Devo salientar que embora ele seja muito crítico em relação a esse tipo de iniciativa, o blogueiro trabalha hoje para uma emissora francesa na África. O que indica também uma dimensão estratégica por parte dos blogueiros que se utilizam da plataforma como trampolim, bem conscientes que estão das possibilidades que se oferecem a eles nessa nova economia do jornalismo globalizado.

Por fim, me interessei pela trajetória dos blogueiros. Levantei essencialmente dados qualitativos acerca de sua atuação na plataforma, colocando-os em situação de me oferecer um discurso analítico e perspectivado no longo prazo sobre ser blogueiro para RFI. Muitos ressaltaram a importância de atuar como blogueiro da “marca” RFI e a responsabilidade que isso lhes confere, outros valorizar o papel social do blogueiro, ao passo que uma minoria apresentou suas dúvidas cada vez numerosas sobre a plataforma pedindo uma reestruturação da plataforma. Isso indica agora a necessidade de se abrir canais através de qual um diálogo possa se estabelecer entre esses blogueiros frustrados e os responsáveis. Cabe insistir no fato que os que mais criticam a plataforma são os mais antigos, portanto, sua saída significaria uma perda de qualidade. Porém, a plataforma funciona com uma lógica de substituição que permite renovar anualmente o quadro dos blogueiros e, dessa maneira, renovar a plataforma em termos de entusiasmo.

Esta pesquisa, apesar de analisar fenômenos relativamente novos, apresentou também algumas lacunas como seria de se esperar de qualquer trabalho dessa natureza. Contudo, podemos já indicar os caminhos que permitiriam melhorar esse tipo de abordagem, por exemplo, atentando para a emergência de uma “classe” diferente nos países africanos que agora está composta por jovens profissionais das Novas Tecnologias. Cria-se, a priori, um nicho de profissionais que pode ser assimilado à uma elite tecnológica. Será útil determinar seus perfis, suas relações com o poder político (aspecto que eu presenciei, mas sem poder avançar nele); e

eventualmente tentar entender por que em alguns países como a República Democrática do Congo a internet pena em se desenvolver. A falta de fibra ótica é um fator, mas não o único. Há uma dimensão política não descartável como foi comprovado em 2015 quando o governo interrompeu o acesso à internet para evitar uma mobilização popular em contestação da modificação da Constituição do país.

ANEXOS

1. Tabela com lista dos blogueiros

Blogueiro	País	Anos de Atividade	Número de artigos	Nome do blog
Abdallah	Tchad	4	20	Le Tchad sous les étoiles
AGBADJE Adébayo	Benin	3	64	L'Afrique au Présent Passé
Ahlem B.	Marrocos	2	31	AHLM B.
Hassan Abdoulaye	Tchad	5	36	Toumaï Actu
Abukm	Costa do Marfim	3	64	MyCiv225
Eli	Togo	2	51	Echos de mès Etats d'âme
Ladji Sirabada	Costa do Marfim	4	32	Au Pays des Elephants
Salma Amadore	Camarões	5	68	Blogitude
Agtita	Mali	5	24	La liberte chez nous
Ameth Dia	Senegal	4	30	Eg Si lène Ak Diam
Aphtal Cissé	Togo	4	48	Le Bruit du Silence
Ariniaina	Madagascar	5	79	Ampela Miblaogy
Ariane Nana	Camarões	4		Ticcameroun
Aristide Mono	Camarões	3	71	Les mirérables

Arouna Ba	Senegal	4	29	S puissance 3
Stephane Kungne	Camarões	3	31	La plume du Wouri
@legeekdusud	Tchad	5	34	Le Geek du Sud
Awa	Mauritânia	3	53	Reines d'Afriques
Babeth	Costa do Marfim	3	22	Humeurs Nègres
Serge de Souza	Benin	4	18	Babylas 25
Basidou	Burkina Faso	3	22	La Plume Alerte
Basile	Senegal	5	22	Je blogue donc Je Suis
Emile Bela	Costa do Marfim	4		Chronique des temps Nouveaux
Bouba	Mali	4	107	L'Etudiant Malien
Boukari	Burkina Faso	4	120	Le Messager d'Afrique
Rose Roassim	Tchad	2	26	Tchad Meilleur
Maloji	RD Congo	2	25	Dessine-moi l'info
Horutanga	Burundi	3	55	Bujumbura
Derocher Chembessi	Benin	3	125	L'actualité Autrement
Cireas	Guinée Conakry	4	23	Rivières du Sud
Cunisie	Tunisia	2		Cunisie
Dania	Camarões	3	135	Yaoundé Café
Lucie	Senegal	4	8	Dakar Info
David Kpelly	Togo-Mali	5	175	Afrique mon pleurer-rire
Daye Diallo	Guinée-Canada	4	21	Politique 101

Julien Dembele	Burkina Faso	3	38	Les larmes de l'environnement
Diambar	Senegal	3	43	Vivement Dakar
Fatouma Harber	Mali	4	51	Les nouvelles du Mali
Boukari Konate	Mali	5	105	L'info depuis les villageois maliens
Djarma Acheikh	Tchad	3	116	Jeunes Tchad
Barack Mbaye Niang	Gabão	3	60	L'esprit Africain
Baba Mahamat	Rep. Centro Africana	4	42	Le Quotidien Banguissois
Adjamael	Comores	5	28	Regarder l'Archipel des Comores autrement
Florian Ngimbis	Camarões	5	83	Kongossa
FBI	Costa do Marfim	4	68	Vis-à-vis
Franck Mensah	Camarões	3	33	Par les chemins du Cameroun
Guindo	Mali	3	19	Bamako News
Albert Bukeyenenaza	Burundi	3	42	
Chantal Faïda	RC Congo	2	40	Kongo Yetu
Herman Boko	Benin	2	19	Herman Report
Cynthe Ibohn	Camarões	4	59	Sona Ponda
Issa	Mali		57	La plume d'Issa
Ivo di Carlo	Mali	2	64	Kibaru Online
Josiane	Camaraões	4	25	Lumières du

Kouagheu				Cameroun
Joego	Togo	3	21	Lomé Zoom
Gael Lompo	Burkina Faso	2	44	L'enfant du pays
Keita Mamady	Guinée- Ukrânia	4	14	A vol d'oiseaux
Suy	Costa do Marfim	5	451	L'éléphant de l'information
Kaba Madigbè		4	20	Parenthèses du Souffle
Kkadim	Senegal	2	22	Capharnaüm
Gaius Kowene	RD Congo	4	23	Gaius Kowene
Laackater		2	30	Génération Technopédagogie
Alimou Sow	Guinée Conakry	5	103	Ma Guinée Plurielle
Limoune	Tunisia	4	19	Jeu de Citrons
Lina	Argélia-França	2	24	Bled Mickey
Kpénahi	Burkina Faso	4	10	Allo ici Kpénahi
Leila	Argélia	2	31	Chouf El Djazaïr
Magnaïed	Costa do Marfim	2	68	Le porte-parole Indépendant
Marek	Togo-Brasil	2	33	L'Equivoque
Maurice Thantan	Benin	2	43	Beninoscopie
Marc Andy	Costa do Marfim	2	22	Abijanaï
Medsnib	Mauritânia	4	112	Nouvelle de Mauritanie
Mapote	Senegal	4	8	Metzou
Michouthé	Mali	4	18	Regard de Michou
Moussa	Mali	4		Get Up and Try
Behem	Costa do	4		Blog de Behem

	Marfim			
Nathyk	Camarões	4	16	L'unité dans la diversité
Noumane	Comores-Egito	2	19	Le Monde selon Noumane
Inou Maïga	Benin	5		Agro-Benin
René Jackson	Camarões	5	108	From Douala With Love
Nora	Togo	4	9	Noriflex
Odilon	Rep. Centro Africana	2	58	Odilon
Joe Marone	Senegal	2	48	Mon Cahier
Serge	RD Congo-Brasil	4	262	Carioca Plus
Ousmane Gueye	Guinée	5	64	Gandiol
Sinatou Saka	Benin	4	29	Daily Sinath
Richard Folly	Togo	2	21	VertTogo
Réndodjo	Tchad-Alemanha	4	83	La Vie sous mes Couleurs
Roboga de Djèbé	Benin	2	29	Dans l'univers politique du Benin
Rija	Madagascar	4	16	Gasikara
Lay	Madagascar	2	95	Lay Corbeille
Charles Lebon	Togo-EUA	4	77	Togo Couleurs
Tjat Bass	Camarões	3	55	Amazing Tjat Bass
Tcakounte Kemayou	Camarões	2	112	Matango Club
Diakité Tawakkal	Costa do Marfim	2	47	Leadership
Ulrich	Camarões	2	102	Tamaa Afrika

Djossè Tessy	Benin-Egito	2	32	Les News de mon coin
Tresor Kibangula	RD Congo-França	5	11	Africain du Nord
Blogueur Centro	Rep. Centro Africana-França	5	95	Echos de Centre Afrique
William Bayiha	Camarões	4	27	Journaliste Presque Engagé
Yao Mariette	Costa do Marfim	2	28	Les Comptes de l'Etrangère
Wonk	Guinée Conakry-França	4	40	Fenêtre sur le Quotidien
Mamadou Niang	Senegal	2	37	Dakar vous salue
Maxime Compaoré	Burkina Faso	5	25	Zembala Cultur
Fiagan	Togo	4	42	Wezon
Zack	Costa do Marfim	2	37	Les Zak-tus du Messenger

2. Questionário com as perguntas aplicadas online aos blogueiros no ano de 2015

Página 1 de 1

Questionnaire de Recherche

Répondez librement aux questions

Depuis combien de temps bloguez-vous?*

Combien de temps prenez-vous pour publier un billet de blog?*

La formation Mondoblog avec RFI vous a-t-elle apporté quelque chose? Si oui, Dites-nous quoi*

Combien d'heures passez-vous en moyenne par jour sur Internet?*

Continuez-vous toujours à bloguer? Avec quelle fréquence?*

3. Sequência das perguntas aplicadas no questionário online.

Aviez-vous un emploi avant d'arriver à Mondoblog?*

Aviez-vous un emploi rémunéré aujourd'hui? Si oui, cet emploi exige-t-il des compétences liées aux outils d'internet et des réseaux sociaux?*

La formation Mondoblog RFI vous est-elle utile dans votre activité principale aujourd'hui?*

Si vous êtes toujours blogueur pour Mondoblog RFI, pensez-vous poursuivre ces activités encore quelques années?*

Adicionar item ▼

4. As respostas dos blogueiros recebidos na conta Google do formulário aparecem anonimamente numa numeração de 1 a 27. Cada coluna representa uma das nove perguntas. As caixas horizontais separam as respostas dos blogueiros.

1	Indication de date et hora	Depuis combien de temps: Combien de temps pre	Os controles estão ocultos. Pressione ESC para exibi-los. Dispensar			us toujours ; Aviez-vous un emploi av			Aviez-vous un emploi rém		La formation Mor	
2	08/01/2016 06:15:26	Depuis 2009 (7 ans?)	Entre 15 minutes et plus	Oui, surtout la conscienc	dans les 15 minimum	dans les 3 articles par se	Oui	Non mais internet m'aide	Non, pas vraime			
3	08/01/2016 06:15:58	4 ans	3h ou 4h	Oui, les techniques d'écrit	8 à 10h	Oui deux fois par mois v	Non	Oui pas nécessairement	Parfois			
4	08/01/2016 06:34:17	2008	Ça va de 2h à 3 jours po	Un peu	3h	Oui ! A une fréquence de	Oui !	Social media manager, d	Un peu			
5	08/01/2016 06:39:00	2012. A l'époque je me ra	Le temps que je mets po	J'ai beaucoup concernant	2 heures 6 jours sur 7	La fréquence est d'un bill	Oui	Oui. Bien sûr, ce jour je r	Oui très grande u			
6	08/01/2016 06:40:09	8 ans	3 jours	Professionnalisme	16h	Oui	Une fois par mois	Non	Oui aujourd'hui, et il exige	Oui		
7	08/01/2016 06:50:16	Ah oui je m'en rappelle pl	J'ai pas un temps déterm	Si, elle m'a apporté une j	Le temps que je suis révi	Oui je continue mais avec	Oui	Oui j'ai un emploi rémuné	Oui beaucoup, n			
8	08/01/2016 07:13:51	1 an et 4 mois	entre 2 et 4h	La formation Mondoblog	10h	Deux à trois billets par m	Non j'étais étudiante	Oui j'ai un emploi qui néc	Oui			
9	08/01/2016 07:48:59	depuis 3 ans.	1 mois en moyenne. Cela	Oui. Gestion de blog, écr	6h. Je pense,....	Non depuis près d'un an.	Non...	Oui... Essentiellement la	En tout cas cela			
10	08/01/2016 07:58:37	Quatre ans	Moins de deux heures	Des relations	20 heures	Non	Oui	Non	Non			
11	08/01/2016 08:42:40	Je blogue depuis 5 ans	Cela dépend: parfois deu	La formation Mondoblog	5 heures	1 billet par mois en moye	Non	Oui, je suis chargé de co	Mon expérience			
12	08/01/2016 09:07:11	Je blogue depuis 2010	Je n'ai pas un temps part	La formation de mondobl	Le temps que je passe s	Oui, je continue le blogg	Non.	Oui. J'ai emploi rémunéré	La formation inte			
13	08/01/2016 09:22:14	5 ans j'ai débuté en 2011	cela dépend des sujets. c	Oui, elle m'a apporté mor	5 à 7heures/jour	Oui je ne peut donner de	Non j'étais étudiante.	Oui et oui c'est un emploi	Oui elle est impo			
14	08/01/2016 10:26:31	Cinq ans.	Entre trente minutes et u	Oui ! Des contacts, une r	Huit heures en moyenne	Pas vraiment.	Oui. Je travaillais déjà co	Oui, je travaille aujourd'h	Oui !			
15	08/01/2016 11:20:42	Depuis quatre ans	Minimum trois heures ma	La formation mondoblog	Deux heures	Oui. Au moins un billet p	Non	Oui mais aucun lien avec	Non pas vraimen			
16	08/01/2016 13:39:28	Je blogue depuis bientôt	Au plus 3h de temps. Pai	Elle m'a apporté la conna	Je passe en moyenne 5 l	Pas vraiment. Mon dern	Non.	Je suis en stage au servi	Oui.			
17	08/01/2016 14:16:14	5 ans	3-6 heures	Aptitudes techniques en	6 heures	Oui. Périodicité variable.	Oui.	Oui.	Oui.			
18	08/01/2016 19:38:07	2013	3 jours	-Les limites du droit dans -Le choix des illustrations	3 a 4h	1 à 2 mois. Je Blog beau	Oui	Oui	Non			
19	08/01/2016 23:53:49	Depuis le 25 Avril 2013	Avant, une semaine. Mai	Amélioration des qualités	Téléphone compris. Je dir	Plusieurs billets écrits su	Non	Non	Non			
20	09/01/2016 12:27:36	5 ans	Cela dépend de l'actuali	Oui. Avec cette formation	10h	Oui. Mais moins raremen	Oui	Oui.	Non			
21	09/01/2016 12:29:53	5 ans	Cela dépend de l'actuali	Oui. Avec cette formation	10h	Oui. Mais moins raremen	Oui	Oui.	Non			
				Engouement								
+ ≡ Respostas ao formulário 1 < >												

5. Resumo das respostas dos blogueiros exibido online

Resumo

Depuis combien de temps bloguez-vous?

Depuis 2009 (7 ans?)

4 ans et demi

Depuis deux ans.

Depuis le 25 Avril 2013

8 ans

Ah oui je m'en rappelle plus exactement, mais je pense que c'est depuis 2006 sur OverBlog

Je blogue depuis bientôt 5 ans. ça va faire exactement 5 ans en avril 2016.

Combien de temps prenez-vous pour publier un billet de blog?

Ça va de 2h à 3 jours pour certains billets

Cela dépend: parfois deux semaines, parfois 1 mois voir plus. C'est au feeling

Je n'ai pas un temps particulier pour publier un blog. Je le fais en fonction de l'actualité et aussi de l'inspiration du moment. Le temps pour rédiger un billet de blog peut varier en fonction du temps que j'ai pour mes différentes occupations.

3h ou 4h

Avant, une semaine. Maintenant, des mois. Mais, je m'y remets bientôt.

Moins de deux heures

Cela dépend de l'actualité car j'ai bien avé sur l'actualité. 1 In billet par mois

La formation Mondoblog avec RFI vous a-t-elle apporté quelque chose? Si oui, Dites-nous quoi

diverses échanges culturels, qui pour moi, n'ont pas de prix.

La formation Mondoblog avec RFI m'a permis de cerner quelques subtilités liés à l'utilisation de l'outil wordpress mais également d'en apprendre davantage sur les règles de l'écriture web quelque peu différente de la rédaction simple. Par ailleurs au travers de témoignage des autres blogueurs, je me suis fait une idée des difficultés rencontrés par les uns et les autres en matière de législation dans leurs pays principalement mais aussi des opportunités que le blogging leur a permis d'obtenir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Adriana. **Pesquisa em cibercultura. Limites e insuficiências metodológicas.** Revista USP, n.86, p. 122-135, São Paulo, junho/agosto 2010

_____. **Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital.** Famecos/PUCRS, n. 20, Porto Alegre, dezembro de 2008.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.** 1ª reimpr., Trad. Denise Bottman, Companhia das Letras, São Paulo, 2008.

ANTUNES, Ricardo. **Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho?** In: ANTUNES, Ricardo & BRAGA, Ruy (orgs). **Infoproletários. Degradação real do trabalho virtual.** Boitempo, São Paulo, 2009

ANTUNES, Ricardo & BRAGA, Ruy (orgs). **Infoproletários. Degradação real do trabalho virtual.** Boitempo, São Paulo, 2009

APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização. A modernidade sem peias.** Editora Teorema, Trad. Telma Costa, Lisboa, 2004.

BAUMAN, Zygmund. **Globalização. As consequências humanas.** Trad. Marcus Penchel, Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1999

BOLTANSKI, Luc & CHIAPELLO, Ève. **O Novo Espírito do Capitalismo.** Martin Fontes, Trad. Ivone C. Benedetti, Revisão técnica: Brasília Sallum JR, São Paulo, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Editora Bertrand Brasil, Trad. Fernando Tomaz, Rio de Janeiro, 1989

_____, **A distinção. Crítica social do julgamento.** Trad. Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira, 2007 São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007. 560p.

_____. **Les trois états du capital culturel.** In: Actes de la recherche en sciences sociales, Vol. 30, L'institution scolaire. pp. 3-6, novembre 1979

BRAGA, Ruy. **A política do precariado. Do populismo à hegemonia lulista.** Boitempo, São Paulo, 2012

_____. **A vingança de Braverman: o infotaylorismo como contratempo.** In: ANTUNES, Ricardo & BRAGA, Ruy (orgs). **Infoproletários. Degradação real do trabalho virtual.** Boitempo, São Paulo, 2009

BRANDÃO, Elaine Reis. **Individualização e Vínculo Familiar em Camadas Médias. Um olhar através da gravidez na adolescência.** Tese de Doutorado, UERJ, Rio de Janeiro, 2013.

BUCHER, Taina. **Programmed Sociality.** *A software studies perspective on social networking sites.* Oslo, May 2012.

CALVÈS, Anne-Emmanuèle. **“Empowerment”.** *Généalogie d'un concept clé du discours contemporain sur le développement.* Revue Tiers Monde, n° 200, p. 735-749, 2009/4. DOI 10.3917/rtm.200.0735

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** Paz e Terra, Vol. II, 3ª ed. Trad. Klauss Brandini Gerhardt, São Paulo, 2002

_____, **A sociedade em rede.** Paz e Terra, Vol. 1, 6ª ed., 12ª Reimp., Trad. Roneide Venancio Majer, São Paulo, 2009

_____. **Fim de milênio.** Trad. Klauss Brandini e Roneide Venancio Majer, 6ª impress., V.3, Paz e Terra, São Paulo, 2012

_____. **Redes de indignação e esperança.** *Movimentos sociais na era da internet.* Trad. Carlos Alberto Medeiros, Zahar, 1ª ed., Rio de Janeiro, 2013

CHAMPAGNE, Patrick. **Introduction - Le journalisme à l'économie.** In: *Actes de la recherche en sciences sociales.* Vol. 131-132, mars 2000, pp. 3-7

CHARON, Jean-Marie. **De la presse imprimée à la presse numérique: le débat français.** Réseaux, n. 160-161, 2010/2, pp. 255-281

_____. **Stratégies pluri-médias des groupes des presses.** Les Cahiers du Journalisme, Numéro spécial “Economie du journalisme”, 2009, pp. 1-13

COTA, Gabriela Méndez. **Digital Humanities.** *Whose Changes Do You Want to Save?* Culture Machine, Vol 15, 2014a.

_____. **The No-Work Paradox.** An Interview with Vivian Abenshushan. Culture Machine, Vol 15, 2014b.

CLUZEL, Jean-Paul. **Rapport sur l'audiovisuel extérieur de la France.** Paris, Juillet 2012.

DAMIAN-GAILLARD, Béatrice; REBILLARD & Franck, SMYRNAIOS Nikos. **La production de l'information Web: quelles alternatives? Une comparaison entre médias traditionnels et pure-players de l'internet.** Communication au colloque New Medias and Information, Athènes, 6-9 mai 2009

DRON, Nicole. **Une expérience aux frontières de la mort**. 2009. Consultado em: <http://www.sos-detresse.org/dossiers/experience-mort-imminente.htm#Haut> 10 de Agosto de 2015.

DELAUNAY, Geneviève Jacquinot. **Novas Tecnologias, novas competências**. Educar, Editora Curitiba, n. 31, pp. 277-293, 2008

ESTIENNE, Yannick & VANDAMME, Emmanuel. **(In)culture numérique: l'école du journalisme de demain**. Les Cahiers du Journalisme, n. 21, Automne 2010, pp. 156-175

EVARD, Sandra. **Le journaliste, une espèce en voie d'extinction?** Arc (Action et Recherche Culturelle), Bruxelles, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos, III. Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Org. Manoel Barros da Motta, Trad. Ines Outran Dourado Barbosa, 2ª ed., Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2009.

FRANCH, Mónica & SOUZA, Josilene Pequeno de. **Clocks, Calendars and Cell Phones. An ethnography on time in a high school**. Vibrant, Trad. Lyle Prescott, v. 12, n. 2, June, 2015

FRERE, Marie-Soleil. **Le paysage médiatique congolais. Etats des lieux, enjeux et défis**. IMMAR, Coopération Britannique, Bruxelles, Octobre 2008.

GALINDO. Flavia. **Netnografia. Contribuições Da Metodologia Para A Sociologia De Uma Crise Industrial**. Business and Management Review, Special Issue, V. 4, n. 8, March, 2015.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Trad. Plínio Dentzien, Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2002.

_____. **As Consequências da Modernidade**. Trad. de Raul Fiker, Editora UNESP, São Paulo, 1991.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência**. Trad. Cid Knipel Moreira, Editora 34, São Paulo; Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-asiáticos, Rio de Janeiro 2001.

_____. **Darker than Blue. On the Moral Economies of Black Atlantic Culture**. The Belknap Press Harvard University Press, Cambridge, 2010.

GOHN, Maria da Glória. **Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais**. Saúde e Sociedade, v. 13, n. 2, p. 20-31, maio-ago 2004

GUIMARÃES, Juarez & AMORIM, Ana Paola. **A corrupção da opinião pública. Uma defesa republicana da liberdade de expressão**. Boitempo, São Paulo, 2013

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Biblioteca Tempo Universitário, Tempo Brasileiro, 2ª edição, Rio de Janeiro, 2003

_____. **Mudança estrutural da esfera pública**. *Investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa*. Trad. Denilson Luiz Werle, Unesp, São Paulo, 2014

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A, Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 11º ed., Rio de Janeiro, 2006

HUBE, Nicolas. *Yannick Estienne - Le journalisme après Internet*. Les Cahiers du Journalisme, n. 21, automne 2010.

HUWS, Ursula. **A construção de um cibertariado?** *Trabalho virtual num mundo real*. In: ANTUNES, Ricardo & BRAGA, Ruy (orgs). **Infoproletários**. *Degradação real do trabalho virtual*. Boitempo, São Paulo, 2009

JOUE, Bernard. **Éditorial. L'empowerment**. *Entre mythe et réalités, entre espoir et désenchantement*. Géographie, économie, société, Vol. 8, p. 5-15, 2006/1. DOI 10.3166/ges.8.5-15

JUNG, Paulo Rocha & MONTARDO, Sandra Portella. **Netnografia**. *Incursões metodológicas na cibercultura*. Revista e-compos, pp. 1-22, Dezembro de 2005.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: “O que é o Iluminismo?”**. Trad. Artur Morão. Acessado em 4 de agosto de 2015: http://www.lusosofia.net/textos/kant_o_iluminismo_1784.pdf

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: A arma secreta dos profissionais de marketing. *Como o conhecimento das mídias sociais gera inovação*.

LEMONS, André & LEVY, Pierre. **O futuro da internet**. *Em direção a uma ciberdemocracia planetária*. Paulus, Col. Comunicação, São Paulo, 2010

LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. *Por uma antropologia do ciberespaço*. Trad. Luiz Paulo Rouanet, Edições Loyola, 9ª Ed., São Paulo, 2014

MACEDO, Vicente de Aguiar. **Os Argonautas da internet**. *Uma análise netnográfica sobre a comunidade on-line de software livre do projeto gnome à luz da teoria da dádiva*. Dissertação de mestrado, Salvador-Bahia, 2007.

MARTINS, Andréia de Sousa. **Plateias da Morte**. *Discutindo o fim da vida em Comunidades e Velórios Virtuais*. UFPB, Dissertação de mestrado, João Pessoa, 2013.

McQUAIL, Denis. **Teoria da comunicação de massas**. Trad. Carlos de Jesus, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2003.

MAGALHÃES, Lorena Freire da Silva. **Valores comportamentais na preferência de uso das redes sociais**. Belém, 2012.

MAGNANI, José Guilherme **Cantor. De perto e de dentro**. *Notas para uma etnografia urbana*. RBCS, Vol. 17, n. 49, junho/2002.

MALINI, Fábio & ANTOUN, Henrique. **A Internet e a Rua**. *Ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Editora Sulina, Porto Alegre, 2013

MANSELL, Robin. **Poder, Cultura das mídias e novas mídias**. Revista Matrizes, Ano 3, Nº1, ago./dez. 2009

MARTINS RODRIGUES, Leôncio. **Industrialização e Atitudes Operárias**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1970

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Vozes de Bolso, 2ª Edição, Trad. Hingo Weber, Petrópolis/RJ, 2012.

MATOS, Teresa Cristina Furtado & KATEMBERA, Serge Rhukuzage. **A Informação Terceirizada**. *Identidade e trabalho não pago na era do jornalismo digital*. Comunicação e Sociedade, vol. 28, 2015, pp. 339 – 358 doi: [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.28\(2015\).2285](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.28(2015).2285), disponível em <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/2285/2201>

McCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda**. *A mídia e a opinião pública*. Editora Vozes, Trad. Jacques A. Wainberg, Petrópolis/RJ, 2009.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. 4ª Ed., Editora Cultrix, Trad. Décio Pingatari, São Paulo, 1974.

MORREIRA MAIA, Rousiley Celi & al (org.). **Internet e participação política no Brasil**. Editora Sulina, Porto Alegre, 2011

MATHIEN, Michel. **Le journalisme de communication: critique d'un paradigme spéculatif de la représentation du journalisme professionnel**. In: Quaderni. N. 45, **Figures du journalisme: critique d'un imaginaire professionnel**. Automne 2001, pp. 105-135

MORAIS, Maria Elsa Souza Costa e Silva. **Pluralismo e Diversidade nos media em Portugal**. *A blogosfera política em rede*. Tese de doutorado, Universidade do Minho, 2012

MIN, Jinyoung & LEE, Heeseok. **The change in user and IT dynamics: Blogs as IT-enabled virtual self-apresentation**. Computers in Human Behavior, Business School, Korea Advanced

Institute of Science and Tecnology, pp. 2339-2351, Seoul, 2011.

NOBLET, Arnaud & PIGNARD-CHEYNEL, Nathalie. **L'encadrement des contributions "amateurs" au sein des sites d'information:** entre impératif et exigences journalistiques. In: MILLERAND, Florence; PROULX, Serge & RUEFF, Julien. *Web Social: mutation de la communication*. Presses de l'Université du Québec, 2008, p. 262-282

PARREIRAS, Carolina. **Altporn, corpos, categorias e cliques.** *Notas etnográficas sobre pornografia online*. Cadernos Pagu, n. 38, 197-222, janeiro-junho de 2012.

RAPPORT MONDOBLOG. Dakar, 2013.

RECUERDO, Rebeca Rebs. **O lugar no espaço virtual.** *Um estudo etnográfico sobre as recriações de territórios do mundo concreto no Second Life*. Dissertação de mestrado, São Leopoldo, 2010.

RUELLAN, Denis. **Expansion ou dilution du journalisme?** Les enjeux de l'information et de la communication, Grenoble, Juin 2005

ROSENFELD, Cenara Lerrer. **A identidade no trabalho em Call Centers: a identidade provisória.** In: ANTUNES, Ricardo & BRAGA, Ruy (orgs). *Infoproletários. Degradação real do trabalho virtual*. Boitempo, São Paulo, 2009

SCHWARZ, Antoine. **La production audiovisuelle française et son financement.** Ministère de la Culture et de la Communication, décembre 2003

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade.** Companhia das Letras/Bolso, Trad. Laura Teixeira Motta; revisão técnica Ricardo Dominelli Mendes, São Paulo, 2010.

SMATI, Nozha & RICAUD, Pascal. **Les nouveaux modes de relation des journalistes à leurs publics.** *Les usages numériques chez les journalistes de RFI*. Revue française des sciences de l'information et de la communication [En ligne], 7 | 2015, mis en ligne le 05 octobre 2015, consulté le 05 janvier 2016. URL : <http://rfsic.revues.org/1484>

SMYRNAIOS, Nikos. **Journalisme et innovation sur l'internet.** Jurnalism si Comunicare, Annul III, n. 1-2, 2008, p. 3-10.

SORJ, Bernardo (org.). **Meios de comunicação e democracia.** *Além do Estado e do mercado*. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, Rio de Janeiro, 2011.

TRENTO, Francisco Beltrame. **A construção de mundos online.** *Uma visão da comunidade dos fãs de Lost, Darkufo*. UFSCar, Dissertação de mestrado, São Carlos, 2013.

VASCONCELOS, Edson. **O Swing e as práticas sexuais dissidentes.** *Possibilidades*,

mudanças e permanência. XV Congresso Brasileiro de Sociologia, Curitiba, 2011. pp. 1-17.

WACQUANT, Loïc. **Une expérience sociologique charnelle**. *Entretien avec Loïc Wacquant*. Razmig Keucheyan, Solidarités, n. 29, Juin 2003.

_____. **L'habitus comme objet et méthode d'investigation**. *Retour sur la fabrique du boxeur*. Actes de la recherche en sciences sociales, n. 184, p. 108-121, 2010/4.

_____. **Corps et âme**. *Notes ethnographiques d'un apprenti-boxeur*. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 80, L'espace des sports - 2. pp. 33-67, novembre 1989.

_____. **Esclarecer o Habitus**. Educação & Linguagem, ano 10, n. 16, 63-71, JUL.-DEZ. 2007.

_____. **Un mariage dans le ghetto**. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 113, *La famille dans tous ses états*. pp. 63-84, juin 1996.

_____. **Le corps, le ghetto et l'État pénal**. Labyrinthe, n. 31, 2008 (3), mis en ligne le 23 février 2009, consulté le 25 octobre 2013. Consultado em: <http://labyrinthe.revues.org/3920>